

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: *FAIR  
PLAY*, MÍDIA E O QUE MAIS?**

**GUSTAVO SCHNEIDER DE CAMARGO**

**PIRACICABA, SP  
2016**

**ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
*FAIR PLAY, MÍDIA E O QUE MAIS?***

**GUSTAVO SCHNEIDER DE CAMARGO**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. IDA CARNEIRO MARTINS**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Programa de Pós-  
Graduação em Educação da  
UNIMEP como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestre  
em Educação**

**PIRACICABA, SP  
2016**

Data da defesa: 13/05/2016

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Ida Carneiro Martins (Orientadora)  
Universidade Metodista de Piracicaba

---

Prof. Dr. Wagner Wey Moreira  
Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

---

Profa. Dra. Anna Maria Lunardi Padilha  
Universidade Metodista de Piracicaba

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, porque o materialismo histórico não é necessariamente ateu.

À minha família nuclear. Minha esposa, sem sua ajuda este trabalho seria inviável. Meu filho, depois que você nasceu minha ânsia de um mundo melhor só cresceu e ainda cresce junto com você.

À minha família estendida. Minha mãe, minha maior incentivadora e fã. Meu pai (*in memoriam*), apesar da saudade, a vontade de te impressionar e de que você se orgulhe de minhas conquistas ainda me movem. Minha irmã. Meu cunhado. Minhas sobrinhas. Meu sogro e minha sogra.

À minha orientadora. Pela paciência, principalmente.

Aos meus amigos.

À banca examinadora.

À Unimep e aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação Nacional de Desenvolvimento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

Muito obrigado, todos fazem parte do que hoje eu sou.

## RESUMO

O esporte é um dos conteúdos da Educação Física escolar histórico-culturalmente determinado. No cotidiano escolar percebe-se que o esporte transmitido pela mídia é reproduzido pelos alunos por intermédio de comportamentos esportivos, condutas e falas em partidas esportivas. Dentre os comportamentos que se apresentam neste contexto estão os antidesportivos. Esta é uma situação preocupante pois, a manifestação de atos violentos e a infração às regras para se obter vantagens em busca de vitória são características crescentes no esporte-espetáculo e, por consequência, reproduzido na escola. O esporte trabalhado em sua complexidade na escola pode contribuir para a promoção da justiça e da cordialidade, ou corromper-se gerando manifestações antidesportivas. Ao observarmos tais manifestações em nossas aulas de Educação Física, surgiu o problema desta pesquisa, o qual procuramos responder: - Que comportamentos, físicos e verbais se manifestam durante as práticas educativas que envolvam o esporte? O que dizem os alunos do ensino médio sobre as práticas educativas esportivas que enfoquem o *fair play*, a mídia e o esporte em sua complexidade nas aulas de Educação Física escolar? Quais determinações regem as falas e o comportamento dos alunos nas práticas educativas? Buscando responder as questões aqui delimitadas estabelecemos enquanto objetivo analisar quais as determinações sobre o que dizem os alunos do Ensino Médio de uma escola do interior do estado de São Paulo, em práticas educativas esportivas das aulas de Educação Física escolar, as quais foram pautadas no conceito de *fair play* e desenvolvidas por meio do eixo temático mídia, em um campeonato esportivo escolar, buscando captar os indícios das significações dadas ao esporte enquanto prática social culturalmente determinada. Para o seu desenvolvimento abordamos nesta dissertação três grandes temas: o esporte, a mídia e o *fair play* e elaboramos práticas educativas segundo a pedagogia histórico-crítica, que foram analisadas a partir dos autores que deram suporte a esta investigação. As práticas educativas foram registradas por meio de um diário de campo e de videograções. A escola na qual foi realizada a pesquisa pertence à Rede Estadual de Ensino numa cidade do interior do estado de São Paulo. Nossos sujeitos foram 90 alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Pudemos constatar nas falas e comportamentos dos alunos, as determinações que dificultam a ressignificação do esporte. Determinações estas relacionadas ao pós-modernismo, que são a da busca por vitória a qualquer custo, do individualismo, do egoísmo parasitário nas relações interpessoais, do efêmero, do imediatismo e do desprazer. Contudo, também pudemos vislumbrar lampejos, indícios, de que nossas práticas seguem um caminho promissor, podem promover a ressignificação do esporte; contrário a anos anteriores, em campeonatos esportivos interclasses escolar nessa mesma unidade escolar, não houve situação mais séria nos jogos, que levasse à comportamentos agressivos, ou violência física em vias de fato. Por tudo isso, esta pesquisa aponta alguns caminhos como: exercitar discussões constantes sobre os determinantes que influenciam a prática esportiva e sua apreciação, principalmente sobre o que está sendo difundido pelos meios midiáticos; mediar a distribuição progressiva e constante das responsabilidades de jogar, de praticar um esporte na escola, para os alunos, sem temermos as tensões e contradições próprias do desenvolvimento humano pleno, do desenvolvimento humano em sua totalidade; atenção ao coletivo, na igualdade de oportunidades e experiências, na justiça social. Esperamos que esta pesquisa, possa contribuir para o desenvolvimento da prática esportiva na escola de forma mais justa e promover a justiça social, extrapolando a realidade esportiva na escola para a realidade concreta da vida em sociedade.

Palavras-chave: Educação Física escolar, esporte, *fair play*, mídia, ensino médio.

## ABSTRACT

The sport is one of the contents of school Physical Education, historically and culturally determined. The São Paulo state curricular proposal indicates that the contents from the corporal culture must be taught in all their possibilities instigating a critical appreciation of the aspects relevant to its context. The teaching of these contents require an inter relation with themes relevant to current issues from society, such as the media. During school routine it is possible to realize that sport broadcast by the media is reproduced by the students throughout sport behaviors, conducts and words in sport matches. Among the behaviors that are presented in this context there are the anti fair play behaviors. Such behaviors are to be worried because violent acts and infringement of rules to obtain advantages to victory are increasing characteristics of the sport-show, and consequently, copied in the school. The sport taught in its complexity may contribute to the promotion of justice and cordiality, or it may corrupt itself to manifestations of anti fair play behaviors. Observing these manifestations in our Physical Education classes provided us the problem to our research, and the questions we tried to answer: - Which behaviors, physical and verbal are manifested during classes that involve sport practices? What do the students from high school say of Physical Education classes that focus on fair play, media and sport complexity in sport practices? Which determinations rule the words and behaviors from the students in educational sport practices? Seeking out to answer these questions, we established as objective to approach which determinations of what the students from high school in a countryside city from São Paulo state in sport educational practices which were based on the concept of fair play and media, in a school sport intermurals championship, seeking to capture evidence of significations from the sport as a social and cultural determined practice. To develop this research we approached three themes: the sport, the media and the fair play and we elaborated educational practices ruled by historical and critical pedagogy. These practices were analyzed by the knowlegde we acquire from the authors consulted for this investigation. The educational practices were registered by a journal and video recordings. The school where this research was applied belongs to State Educational Network in a countryside city in São Paulo state. The students that took part in the reseach 90 in number, the ones from freshman year in high school only. We found by means of students words and behaviors that the sport resignification was made difficult by some determinations, which reinforces victory of any price, individualism, egothistical interpersonal relationships, the ephemeral, the immediacy, and lack of pleasure. However, we could also find flashings, evidence that our practices have a promising path ahead, they may promote the resignification of sport, these sport practices, differing from past years, in this same school, there weren't any situations that led to violence. For all of these, this research points some paths to folow: to keep constant discussion about the determiners of sport practices and its appreciation, mainly the ideas which come from mass media; to mediate the progressive distribution of responsibilities in sport practices by the students, without being afraid of the tensions and contradictions that are proper of human development in its totality; attention to the collective, to igual opportunities and experiences, to social justice. We hope that this research may contribute to the development of educational sport practices in schools that promote social justice overcoming the sport practice reality in school to the concrete reality of society.

**Key-words:** School Physical Education, sport, media, fair play, high school.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. O ESPORTE.....	09
1.1 O ESPORTE E A MÍDIA.....	21
1.2 O ESPORTE NA ESCOLA.....	27
2. O <i>FAIR PLAY</i> .....	33
3. A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS.....	40
3.1 A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E DAS SIGNIFICAÇÕES.....	42
3.2 A CONSTITUIÇÃO DAS SIGNIFICAÇÕES DO ESPORTE.....	44
4. O CAMINHO DA PESQUISA.....	46
4.1 A PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA.....	46
4.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	51
4.3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	64
5. ANÁLISE INTERPRETATIVA.....	66
5.1 ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	66
5.2 ANÁLISE DAS SITUAÇÕES NO CAMPEONATO.....	99
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS.....	114
APÊNDICE.....	125

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Categorias do jogo. Fonte: (CAILLOIS, 1990, p.77, quadro II).....	20
Quadro 02. Metodologia e procedimentos das práticas educativas sobre fair play e a construção do conceito de esporte total. Fonte: autoria própria.....	62



## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Esporte e esporte em processo de transformação. Fonte: autoria própria.....	55
Figura 02 - Carta sobre o Espírito Esportivo. Fonte: SANTOS, A. R. R. (2005).....	57
Figura 03 – Divisão das salas em Grupo A e Grupo B/Tabela para pontuação. Fonte: autoria própria.....	60
Figura 04 – Cronograma dos jogos. Fonte: autoria própria.....	60
Figura 05 - Cronograma dos jogos e arbitragem. Fonte: autoria própria.....	61

## INTRODUÇÃO

O esporte é um dos conteúdos da Educação Física escolar histórico-culturalmente determinado. Na proposta curricular do Estado de São Paulo identificamos que os conteúdos da cultura corporal, da Educação Física escolar – os esportes, as ginásticas, as danças, as lutas e os jogos – devem ser trabalhados em todas as suas possibilidades, instigando à apreciação crítica dos aspectos pertinentes ao seu contexto. (DAÓLIO, 2004; SÃO PAULO, 2008)

A referida proposta está pautada na abordagem cultural da Educação Física escolar e considera que o trabalho com esses conteúdos requerem inter-relação com eixos temáticos pertinentes às questões atuais e relevantes à sociedade, dentre os quais está a mídia<sup>1</sup>. (DAÓLIO, 2004)

Mas qual seria a função pedagógica do esporte? O esporte é meramente um conteúdo a ser assimilado pelos alunos, sua função na escola é reproduzir-se e perpetuar-se como prática social acrítica e como cópia do esporte espetáculo vigente na mídia, muitas vezes, inescrupulosamente competitivo e violento. O que ele deveria promover?

Defendemos que a escola deve promover o esporte e seus valores afim de gerar tensões na prática esportiva que aparecerão a medida que os valores do esporte entrem em choque com os valores do esporte vigente, que na verdade reproduzem os valores de uma sociedade de consumo e para o consumo e não para o desenvolvimento do homem como cidadão. Para Vago (1996, p.4):

[...] a escola, como instituição social, pode produzir uma cultura escolar de esporte que, ao invés de reproduzir as práticas de esporte hegemônicas na sociedade, como escreveu Bracht, estabeleça com elas uma relação de tensão permanente, num movimento propositivo de intervenção na história cultural da sociedade.

---

<sup>1</sup> “A palavra mídia origina-se do latim *media*, plural de *medium*, que significa meio. Inevitavelmente encontra-se associada à comunicação – a mídia refere-se aos *meios de comunicação*, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato.” (BETTI; PIRES, 2005, p.282).

O esporte escolar é componente da cultura. Entendemos a cultura assim como Vigotski<sup>2</sup> traduzido por Pino (2005, p.88), “Cultura é o produto, ao mesmo tempo, da vida social e da atividade social do homem”. Assim, cada escola, cada unidade escolar, inserida em determinado bairro ou cidade, com determinado professor, sob distinta direção, com alunos diversos, com vivências diferenciadas, atribui diferentes significações para o esporte presente nas práticas educativas das aulas de Educação Física escolar ou aquele jogado em campeonatos escolares.

O que o esporte na Educação Física escolar deveria promover? Acreditamos, assim como Vago (1996, p.10):

[...] diferentemente de uma negação radical do “esporte da escola” pelo “esporte na escola”, considero frutífero para a Educação Física avançar no sentido de construir uma relação permanente entre eles. Uma relação de tensão permanente que se estabeleça entre uma prática de esporte produzida e acumulada historicamente e uma prática escolar de esporte (a cultura escolar de esporte).

Assim como prática social, histórica e cultural, o esporte é conteúdo indispensável da disciplina de Educação Física escolar. Mas o que é esporte? O esporte, antes de mais nada, é uma prática social polissêmica, parte integrante da sociedade, da história do ser humano, uma atividade de difícil definição para Garcia (2015); para Nista-Piccolo e Moreira (2012), exercícios realizado onde podemos encontrar intencionalidade, regularidade e controle.

Defendemos que o esporte influencia e é influenciado por diversos fatores presentes na cultura e história humana, no desenvolvimento do homem. Estudar o esporte é estudar o ser humano em desenvolvimento, algo complexo, contraditório e difícil.

O esporte como prática social complexa, sob nossa percepção, tem suas raízes nos jogos, e tais raízes não se desfazem, mesmo quando falamos de manifestações esportivas que para muitos, se distanciam dos jogos. O componente lúdico do esporte advém, em nossa opinião, do jogo, e como mais adiante no texto, faremos o resgate do lúdico no esporte com o intuito de construir uma visão do esporte em sua totalidade, usamos como referência básica para o jogo, Roger Caillois e sua obra: “Os jogos e os homens” (1990).

---

<sup>2</sup> Apesar de termos nas referências Vigotski grafado de maneira diferente, optamos por grafar o nome deste autor como feito acima no texto.

Caillois (1990, p.32) apresenta quatro categorias diferenciadas para classificar os jogos, dizendo:

Depois de examinadas as diferentes possibilidades, proponho para tal uma divisão em quatro rubricas principais conforme predomine, nos jogos considerados, o papel da competição, da sorte, do simulacro ou da vertigem. Chamar-lhes-ei respectivamente de *agôn*, *alea*, *mimicry*, e *ilinx*.

Para Caillois (1990) o esporte se encaixaria no jogo *agôn*, por ser de competição, porém, este mesmo autor admite e desenvolve as categorias de jogo interseccionadas, combinadas, ou seja, jogos de competição, por exemplo, com características também de sorte – *alea* –, assim como também defende os jogos dentro de níveis de regulamentação, onde em um lado estaria os jogos com severa regulamentação, exigências, restrições e regras que o autor chamou de *Ludus* e do lado oposto, os jogos com poucas exigências, restrições e regras, que se assemelham ao brincar infantil – *Paidia*.

Tais categorias podem se apresentar separadamente ou de modo combinado e, em diferentes níveis de regulamentação. Martins (2013, p.285 – grifos do autor), ao abordar esta teoria argumenta que:

Para ele, os jogos nos quais a agitação e a risada estão mais presentes, em que sua regulamentação é simples e acordada entre seus membros, se aproximam ao estado de **Paidia**, que tem a característica de improvisação e alegria e apresenta manifestações espontâneas. Já, quanto mais o jogo apresentar uma estrutura definida de regras, mais ele se aproxima de **Ludus**, na busca da conquista e da superação, criando um clima de concurso e trazendo a expectativa de ser bem sucedido no resultado.

Assim, para Caillois (1990), esporte é um jogo *ludus-agôn* que na escola, assim como na sociedade, pode contribuir para a promoção da justiça e da cordialidade ou corromper-se gerando manifestações de violência.

Caillois (1990), também, discute em sua teoria sobre corrupção nos jogos. Em específico aos jogos *ludus-agôn*, o autor discorre que a corrupção acontece por meio da violência e a vitória buscada por meio ilícitos e a qualquer preço.

Considerando a abrangência que esta prática social engloba, em que se apoiariam as práticas educativas para o desenvolvimento do esporte na escola? Primeiramente

o esporte na escola deve vir em oposição à violência, a sua corrupção, já que a “não violência” é um princípio educativo, algo a ser ensinado, aprendido e exercitado com objetivo à formação cidadã. Acreditamos, então, que as práticas educativas devam enfatizar *ludus-agôn/esporte* justo em contraposição ao *ludus-agôn/esporte* corrompido - contudo, conscientizando os alunos desta manifestação esportiva - ou seja, jogar seguindo os princípios do *fair play* (espírito esportivo).

Segundo Abe (1998 *apud* Santos, 2005) o termo *fair play* no “The Oxford English Dictionary on Historical Principles” foi utilizado pela primeira vez

[...] na obra de Shakespeare “A vida e obra do rei John”, de 1595, em uma cena em que um homem participa de uma audiência com o rei. Nesta situação o termo “Fair Play” (Espírito Esportivo) foi utilizado como sinônimo de senso ou espírito de justiça social, equidade e imparcialidade, nas diversas situações de vida vividas pelas pessoas. Nos demais dicionários pesquisados por Abe (1988) apareceram sempre como definição do termo “Fair Play” (Espírito Esportivo) as palavras justiça, justiça social, conduta honesta e conduta imparcial. (SANTOS, 2005, p.19)

A problemática desta pesquisa surgiu em nossa experiência como professor, no decorrer dos anos, em uma mesma unidade escolar, a partir da observação do comportamento dos alunos na prática esportiva em campeonatos interclasses esportivos anuais que, segundo nossa visão, tem como um dos principais fatores a influência da mídia. Assim sendo, era preciso fazer a transposição e interposição do papel social de professor e pesquisador a fim de construirmos críticas concretas sobre práticas educativas pautadas nos conceitos de esporte e *fair play*, contextos influenciados pela mídia.

Nesta pesquisa, relacionaremos o esporte com os conceitos de *fair play* e mídia, para propor práticas educativas que façam os alunos refletirem sobre o esporte na escola, gerando tensão sobre o que já foi estabelecido como comportamentos esportivos aceitáveis, mesmo que corrompidos.

A escola na qual foi realizada a pesquisa pertence à Rede Estadual de Ensino numa cidade do interior do estado de São Paulo e possui cerca de 500 alunos que chegam à instituição, após o término do Ensino Fundamental. É conhecida na Diretoria de Ensino de sua região como uma “escola de projetos” já que, todos os anos, diversos deles são desenvolvidos, sendo que alguns já se tornaram tradição na escola e no município. Um deles é

o campeonato interclasses que, devido a paixão da cidade pelo futebol, a cada ano, torna-se um evento maior, sendo esperado ansiosamente pelos alunos.

Esses já chegam à escola com uma visão esportivista da Educação Física escolar, que segundo os alunos deveria se resumir a jogos e partidas esportivas, sendo que a resistência e o desagrado por algumas aulas que fogem do conteúdo esportivo se manifestam em suas expressões e muitos, não se contendo, falam: - *Hoje a gente vai pra quadra na primeira aula? Hoje tem aula teórica? Vamos jogar bola? Não vou fazer isso! Não vou dançar!* Dentre outras.

Em relação aos esportes competitivos, explicitam que faltas, tentar enganar o árbitro, agressões verbais ou “malandragens” são componentes do esporte coletivo na busca da vitória em uma partida.

Neste campeonato é possível observar o relatado anteriormente, ou seja, a manifestação de condutas antidesportivas por parte dos alunos. No entanto, para trabalhar os conteúdos da Educação Física escolar sob uma perspectiva histórica e cultural e sob todas as perspectivas críticas educacionais é preciso elucidar a complexidade que eles englobam e considerar os comportamentos agressivos e antidesportivos que permeiam estas práticas sociais.

Observar as manifestações violentas e antidesportivas e propor conteúdos que permitam aos alunos pensarem criticamente e reflitam sobre essas manifestações, buscando e enxergando alternativas opostas a essas condutas é considerar as emoções que, ainda, são negligenciadas e entendidas como não pertencentes ao ambiente escolar, é desmitificar a máxima de que a preocupação maior da escola é preparar as crianças e os adolescentes “para o amanhã”, enfocando práticas individualistas e de competição exagerada que tiram o prazer da prática esportiva e dos jogos de competição. (HIRAMA *apud* PRODÓCIMO et al, 2007, p.133)

Ao observarmos tais manifestações é que surgiu o problema desta pesquisa, pois a prática esportiva nas aulas de Educação Física escolar deveria ser espaço promissor ao desenvolvimento do *fair play*, no entanto, isto nem sempre acontece. Considerando tais situações nesta dissertação procuramos responder: - Que comportamentos, físicos e verbais, favoráveis ou contrários ao *fair play* se manifestam durante práticas educativas que envolvem o esporte? O que dizem os alunos do ensino médio sobre as práticas educativas esportivas que

enfoquem o *fair play* nas aulas de Educação Física escolar? Quais as significações dadas a estas práticas educativas?

Para construirmos respostas às questões e novos questionamentos nos propusemos a analisar quais as determinações sobre o que dizem e como agem os alunos do Ensino Médio de uma escola do interior do estado de São Paulo, durante práticas educativas esportivas das aulas de Educação Física escolar, as quais foram pautadas no conceito de *fair play* e desenvolvidas por meio do eixo temático mídia, em um campeonato esportivo escolar, buscando captar os indícios das significações dadas ao esporte enquanto prática social culturalmente determinada.

Esta dissertação foi construída em três grandes partes. A primeira parte se destinou a pesquisa e discussão bibliográfica abordando os seguintes temas: o esporte, sua origem histórica e social, sua complexidade, abrangência, potencialidade educativa e instrumento no desenvolvimento psíquico do ser humano; a corrupção do esporte por meio de comportamentos antidesportivos; a espetacularização do esporte; a crescente dependência do esporte enquanto produto de mercado, para geração de lucro e a criação de necessidades de consumo a partir de modismos, ídolos, e comportamentos; o esporte na escola; a reprodução do esporte midiático na escola; o esporte abordado na escola de forma acrítica.

As reflexões desta primeira parte foram apoiadas em Garcia (2015, 2009), Moreira (2013, 2006), Bento (2013), Elkonin (1998), Caillois (1990), dentre outros. Para discutirmos a espetacularização do esporte e a mídia utilizamos, especialmente, dos trabalhos de Betti (2001, 1997). A análise crítica sobre o esporte na escola, e o esporte enquanto processo educativo foi fundamentada em Bracht (2000, 1986) e autores afins.

Outro tema desta primeira parte é o esporte e o *fair play* e para a discussão de seus princípios e história nos apoiamos nos seguintes documentos: o Manifesto Mundial do Esporte (CIEPS, 1968); o Manifesto Mundial da Educação Física (FIEP, 1970 e 2000); o Manifesto do Fair Play (CIFT, 1972); o Código de Ética Esportiva (Conselho da Europa, 1996); a Carta dos Direitos da Criança ao Esporte (Panathlon, 1995); a Carta Brasileira de Esporte na Escola (Brasil, 1986).

A segunda parte é constituída pelos temas que deram subsídios ao encaminhamento da pesquisa de campo, a saber: a constituição dos sujeitos e das significações e a constituição das significações do esporte, segundo a psicologia histórico-cultural de Vigotski (2001, 1997, 1982, 1995) e de autores de mesma linha teórica, e também,

em abordagens que se apoiam na matriz materialista histórica e dialética como a pedagogia histórico-crítica defendida por Saviani (2012a, 2008a, 2008b, 2012b), Martins (2013) e Duarte (2012a, 2012b, 2004).

Para o desenvolvimento da pesquisa e acordado com os referenciais teóricos acima explicitados e com o intuito de produzir um esporte escolar crítico e de valores coletivos, foram ministradas práticas educativas esportivas fundamentadas no *fair play*, que por sua vez remete a uma ética<sup>3</sup> esportiva de valores morais<sup>4</sup> que devem ser exercitados.

Estas práticas educativas foram registradas por meio da observação participante, na qual o pesquisador é “o principal instrumento de observação” e compartilha do mesmo contexto que observa, a partir de anotações em diário de campo – durante as aulas ou logo após o seu término –, juntamente com videogravações que tiveram o intuito de reforçar e descrever minuciosamente as observações feitas (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1994, p. 155).

A terceira e última parte se deu pela análise interpretativa dessas observações baseada nos princípios teóricos e de conceitos dos autores referidos, a partir do recorte de excertos que proporcionaram captar indícios de possíveis ressignificações do esporte por parte dos alunos, a partir das práticas educativas pautadas no *fair play*. Esta análise se apoiou, principalmente, nos princípios teóricos da perspectiva histórico-cultural e na matriz teórica materialista histórica e dialética.

Esta pesquisa procurou estender a discussão do esporte como prática educativa e uma possível transposição dos valores esportivos pautados no conceito de *fair play* para além do esporte escolar, ou seja, para o esporte prática social em suas várias vertentes, o lazer, o espetáculo e saúde, em suma, para a vida em sociedade fora do ambiente escolar:

A propósito, é preciso que se afirme radicalmente essa capacidade de intervenção da escola na sociedade, pois o que de pior poderia acontecer à idéia de se construir um esporte como prática cultural portadora de valores que privilegiam, por exemplo, o coletivo e o lúdico, é o enclausuramento dessa idéia na escola, como se ela fosse possível e desejada somente em seu interior. Aprisionar essa idéia na escola é antecipar a sua morte. É o que pode ocorrer, paradoxalmente, se aceitarmos que o esporte “da escola”, só

---

<sup>3</sup> Ética entendida como “reflexão crítica sobre os comportamentos”. “A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de ação ou de comportamentos humanos. A ética afirma algo sobre a natureza ou os fundamentos da ação moral.” (SANTIN; SILVA, 2005, p.182).

<sup>4</sup> Moral é a ética em ação. “O que fazer em cada situação concreta é um problema moral, não ético.” (SANTIN; SILVA, 2005, p.182).



possa ser praticado no interior de seus muros. Aceitar isso seria negar a sua gênese social da escola e a sua permanente inserção na totalidade social, negar que ela possa oferecer à sociedade outras possibilidades de fruição do esporte. Ora, em última instância, isso seria esvaziar de sentido o ensino do esporte como um dos temas da Educação Física, ou, então, até mesmo reforçar o seu sentido nos moldes atuais, baseado predominantemente na exclusão de muitos e na performance de poucos. (VAGO, 1996, p.12-13).

Um esporte/prática social e educativa que fomente o espírito crítico realmente emancipador e libertador e como objetivo maior, mesmo que idealizado, de transformação da sociedade.

## 1. O ESPORTE

Quando pensamos em esporte é comum a aparição de imagens mentais relacionadas ao que vemos na mídia. Imagens que são acompanhadas de sons, músicas, comportamentos, ou seja, a concepção de esporte, para a maioria das pessoas, se trata de um esporte de senso comum. Supomos que esta pesquisa é oportuna, já que se propôs a analisar práticas educativas escolares que tem como conteúdo o esporte, o eixo temático mídia e o *fair play*, em momento no qual temos no Brasil três megaeventos esportivos, um no ano de 2014, a Copa do Mundo de Futebol e os outros no ano de 2016, os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e os Jogos Paralímpicos. A análise da influência de tais eventos no comportamento esportivo dos alunos na escola seria material suficiente para muitos trabalhos, mas o que queremos ilustrar nessa introdução, na reflexão sobre esporte são alguns comportamentos e condutas dos “atores” envolvidos no “esporte espetáculo”, sejam eles atletas, torcedores, comentaristas, dentre outros, que são reproduzidos pelos alunos no esporte da Educação Física escolar e que nos motivou à realização desta pesquisa.

Logo na partida de abertura da Copa do Mundo de Futebol – FIFA 2014<sup>5</sup> entre as seleções do Brasil e da Croácia os torcedores, em sua maioria brasileiros, vaiaram a entrada em campo do time adversário, no caso, a equipe da Croácia, em uma demonstração explícita de desrespeito ao adversário, uma vez que sem este a partida não seria possível. Também, as vaias da torcida brasileira durante a execução do hino nacional Chileno, em partida contra o Brasil pelas oitavas-de-final da Copa foi uma clara demonstração da falta de espírito esportivo/*fair play*, além de se tratar de uma forma de agressão.

Outros exemplos podem ser citados como: a mordida deliberada do jogador uruguaio, Luíz Suárez, em um jogador da Itália, um comportamento recorrente no histórico de condutas antidesportivas do atleta, ou seja, foi a terceira mordida dada pelo atleta e, ainda, um outro caso, quando na partida do Brasil contra a Colômbia houve uma falta grave do jogador da Colômbia, em uma disputa de bola, quando deu uma joelhada nas costas de Neymar Júnior, jogador do Brasil, acarretando em fratura de uma vértebra, o que o tirou da Copa.

Apesar da preocupação dos órgãos reguladores do esporte em reforçar a necessidade de um esporte mais justo, contraditoriamente, a seleção colombiana recebeu o “Troféu *Fair Play*” na Copa do Mundo de Futebol de 2014. Qual o critério usado? Somente o

---

<sup>5</sup> Todos os acontecimentos descritos e comentados acima, referentes à Copa do Mundo de Futebol – FIFA 2014, foram televisionados, reproduzidos repetidas vezes, comentados por meio das mídias e acompanhados por nós.

número de faltas e cartões amarelos e vermelhos são suficientes? Se o critério for só o número de faltas, não refletirá o real significado do *fair play*, que vai além do respeitar as regras do esporte jogado. Alguém que seja conhecedor do esporte futebol, alguém que conheça o tema com maior profundidade, sabe que a falta do jogador colombiano em Neymar Jr. foi algo deliberado e com explícita intenção. A transformação do esporte em espetáculo pela mídia, requer que esta exalte o caráter de vida ou morte, de batalha, o que não reflete o real valor do esporte, como prática social integradora.

O preço que se paga pela espetacularização do esporte é a fragmentação e descontextualização do fenômeno esportivo. Os eventos e fatos são retirados do seu contexto histórico, sociológico, antropológico. A experiência global do ser atleta é fragmentada: a sociabilização no confronto com outrem, o prazer, a ludicidade, não são vivências privilegiadas no enfoque das mídias, mas as eventuais manifestações de violência, em partidas de futebol, por exemplo, são exibidas e reexibidas por todo o mundo, fazendo-nos acreditar que o futebol é um esporte violento. (BETTI, 2001, p.126).

Comportamentos contrários ao *fair play* vão além da violência e do desrespeitar as regras, isso podemos observar na ação de jogadores durante a Copa do Mundo de Futebol, conversavam com uma das mãos em frente a boca, para que não houvesse leitura labial das imagens videogravadas e possíveis punições posteriores à comentários preconceituosos, racistas ou de práticas violentas e desleais. Poucas vezes, em nossa opinião, tal atitude seria adotada para esconder possíveis esquemas táticos, ou jogadas ensaiadas de serem vistas por auxiliares técnicos em frente a um televisor.

Em uma série televisiva, exibida pelo programa esportivo *Esporte Espetacular*<sup>6</sup>, que tratou do futebol de campo de base, houve um longo comentário sobre a falta de orientação dos técnicos aos jogadores, que ainda muito jovens estão, constantemente, a reclamar das decisões/marcações dos árbitros ou a simularem faltas, induzindo os árbitros ao erro, em atitudes antidesportivas.

Tal fato, além de distanciar cada vez mais a experiência de praticar esportes da de assistir, influencia a forma e o significado da prática esportiva das crianças e jovens, que querem imitar o que vêem na TV, que sonham em serem Ronaldinhos e Romários... Assim, crianças que chutam uma bola estão “brincando” ou “praticando esporte?” Houve, [...], um deslocamento histórico entre o lúdico e o esporte; se antes o primeiro antecedia o segundo, agora eles se superpõem. (BETTI, 2001, p.127).

---

<sup>6</sup> Rede Globo, programa exibido em: 19 de outubro de 2014.

A insistência em ilustrações com o esporte futebol se dá porque o esporte escolhido para as práticas educativas desta pesquisa foi o futebol de salão, também denominado de futsal ou futebol de quadra, mas, condutas antidesportivas ou comportamentos violentos estão presentes em todo tipo de esporte, seja ele individual ou coletivo.

As ilustrações descritas reforçam a presença da corrupção do esporte. Corrupção dada de maneiras diversas, em diversos esportes, em épocas diversas e, ainda, presente na época atual. Para refletirmos sobre tais comportamentos antidesportivos, precisamos analisar o esporte segundo sua gênese, seu início, como também precisamos analisá-lo como produção humana, produção cultural inserida em nossa sociedade e na escola.

Precisamos encarar o esporte em sua concepção mais ampla, para não cairmos no erro explicitado por Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 20-21) quando dizem que

Outros, influenciados pelas divulgações dos meios de comunicação, consideram o esporte violento, alegando que sua prática pode incitar a violência. E também afirmam que o esporte (ainda entendido como modalidade esportiva) não pode estar na escola como processo educativo que promove a violência. Sempre é bom lembrar que a violência presente na nossa sociedade não é originária do esporte: uma sociedade violenta pratica um esporte violento; sociedades não violentas não terão violência no esporte. Participamos certa vez de um projeto de prática de futebol numa cultura diferente, vivenciado em todas as suas dezessete regras, com campo oficial, árbitros e equipes devidamente uniformizadas. Era um campeonato oficial desenvolvido entre as tribos indígenas do Alto Xingu. Foi interessante notar que toda vez que saía um gol, não interessava para qual time, todos comemoravam numa bonita festa. Se propormos a redimensionar os valores do esporte, por meio do trabalho na disciplina de Educação Física desenvolvida no Ensino Médio, significa que podemos lutar por um *Esporte para a vida*.

Por se tratar de uma pesquisa com matriz teórica apoiada no materialismo histórico e dialético há a necessidade de abordar o esporte como prática social e buscar sua origem histórica e cultural.

Para Caillois (1990) o esporte é um jogo e, assim, abrange diversas manifestações corporais além do esporte. O jogo tornou-se um fenômeno tão complexo e abrangente, “polissêmico”, haja visto as diversas interpretações, significados e expressões que apenas a palavra jogo incorpora: pôr em jogo, jogar forte, jogar as sobras, a vida é um jogo, dentre outras (BETTI, 1997).

Este autor conceituou o jogo por meio de suas características e o categorizou considerando as suas diferentes manifestações. Segundo ele, o jogo “é um sistema de regras que definem o que é e o que não é do *jogo*, ou seja, o permitido e o proibido”. O jogo é

dependente da vontade de jogar e são as regras que o sustentam, conseqüentemente, a vontade de jogar é a vontade de respeitar as regras do jogo, porém, uma vez que as regras são transgredidas, este jogo termina para dar início a um novo jogo, com regras aceitas voluntariamente entre os jogadores, para o estabelecimento de uma ordem estável efêmera, até surgirem novas transgressões, ou seja, o jogo é movimento, e suas regras são constantemente recriadas a medida que o jogo se transforma, evolui e se adapta, seja por transgressões as regras, seja por criações, ou incorporações de outras regras. Por meio desse constante renascimento do jogo, criado em comum acordo por seus jogadores – já que jogo “é um sistema de regras” – os jogos “podem efectivamente constituir importantes fatores civilizacionais. Globalmente, estes diferentes sentidos implicam noções de **totalidade, regra e liberdade**<sup>7</sup>” (CAILLOIS, 1990, p.12 – grifo nosso).

O esporte é jogo, o esporte vem do jogo, o jogo se mescla com o esporte em uma concepção mais abrangente, chamada de desporto<sup>8</sup> por Bento (2013) e Garcia (2009, 2015) mas ainda, conteúdo da Educação Física escolar, que por sua vez é elemento do universo escolar e deve contribuir ao processo de emancipação e libertação do ser humano, pois “o homem é o início e o fim do desporto.” (GARCIA, 2015, p. 161).

Para Garcia (2015) o esporte enquanto expressão humana atesta a complexidade da prática esportiva, do desporto, do jogo, o que contribuirá para o resgate do lúdico. O lúdico que é a origem histórica do jogo como também do esporte.

O esporte, enquanto atividade livre, é jogado por quem deseja jogar e a participação do jogador na partida esportiva pode ser interrompida assim que o mesmo o quiser. No entanto, na escola a Educação Física é disciplina obrigatória e sendo desse modo os alunos deveriam ser obrigados a participar de jogos esportivos, de partidas? ~~Defendemos que não.~~ Acreditamos que a grande recusa em participar de jogos esportivos se dá pela valorização de desempenho que os jogos esportivos atribuem a seus jogadores em contextos competitivos. O termo mais apropriado, talvez, para as práticas esportivas, seria vivência, o experimentar novas possibilidades corporais, motricionais, lúdicas. Proporcionar novas

---

<sup>7</sup> Grifo nosso, já que os conceitos de totalidade, regra e liberdade são conceitos caros a filosofia materialista histórica e dialética.

<sup>8</sup> Para não sermos repetitivos nas justaposições, justificamos esta nota de rodapé ao dizer que entendemos as palavras jogo, esporte e desporto em uma visão mais ampla que sobrepõe, intersecciona, “mistura” os três formando um todo polissêmico complexo, próprio do humano: “o desporto também é um bem *irremediavelmente humano*, pelo que terá de ser estudado através das lentes que comumente estudam as coisas da cultura.” (GARCIA, 2015, p. 150); tomando o devido cuidado para não entrarmos no campo do relativismo: “Se a diversidade é um bem inestimável, o relativismo, muitas vezes confundido com diversidade, pode ser um mal a necessitar de extirpação.” (GARCIA, 2015, p. 151).

possibilidades de movimentos, apresentar novos conteúdos da cultural corporal, não atribuindo peso demasiado no desempenho competitivo, a ressignificação do esporte proporcionam a liberdade de jogar, pois

[...] é indiscutível que o jogo deve ser definido como uma actividade livre e voluntária, fonte de alegria e divertimento. Um jogo em que fôssemos forçados a participar deixaria imediatamente de ser jogo. Tornar-se-ia uma coerção, uma obrigação de que gostaríamos de nos libertar rapidamente. Obrigatório ou simplesmente recomendado, o jogo perderia uma de suas características fundamentais, o facto de o jogador a ele se entregar espontaneamente, de livre vontade e por exclusivo prazer, tendo a cada instante a possibilidade de optar pelo retiro, pelo silêncio, pelo recolhimento, pela solidão ociosa ou por uma actividade mais fecunda. (...) porque só existe jogo quando os jogadores querem jogar e jogam, mesmo que seja o jogo mais absorvente ou o mais extenuante, na clara intenção de se divertirem e de afugentar as preocupações, ou seja, de se afastarem da vida de todos os dias. (CAILLOIS, 1990, p.26)

O esporte na escola para se tornar livre, deve ser desejado pelos alunos. Para que esse desejo de jogar aflore, não só em alguns alunos, mas na maioria, devemos buscar um esporte em que o componente lúdico esteja mais presente, que se aproxime mais de sua origem histórica, tirando o peso da necessidade de se ser habilidoso para que se possa jogar, pois o resgate da ludicidade é um ponto crucial na perspectiva dessa “reinvenção”. (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001 *apud* CAPARROZ, 2001, p. 43).

Visto assim,

[...] um passo importante para o avanço do resgate do lúdico é romper, na escola, com a tentativa de separação absoluta entre jogo e esporte. Não no sentido de esportivizar os jogos populares e as brincadeiras, mas no caminho inverso, ou seja, brincar de esportes, para tornar lúdica a tensão do esporte, para transformar o compromisso com a vitória em compromisso com a alegria e o prazer para todos”. (ASSIS DE OLIVEIRA, 2001 *apud* CAPARROZ, 2001, p. 43)

O esporte na escola, enquanto jogo competitivo é obrigatório nas aulas de Educação Física escolar, já que é um de seus conteúdos. Não é possível que todos os alunos estejam dispostos a aprender, a jogar um jogo proposto pelo professor. Acreditamos que esta é uma das razões as quais nem mais a Educação Física escolar e seus conteúdos despertem alegria e prazer na escola, a “ditadura” da excelência, a necessidade de ser habilidoso em determinado esporte, muitas vezes sem tê-lo antes vivenciado de modo mais lúdico. Da mesma forma vemos que o esporte na escola tende a fluir muito mais conflituosamente que na

rua, já que o esporte/jogo da rua é realizado por vontade de seus jogadores, em comum acordo quanto ao tipo de jogo/esporte que se jogará. Já as regras, são acordadas entre pares e na resolução de conflitos, enquanto que na escola, essas resoluções são responsabilidade do professor, destituindo os jogadores da responsabilidade social de gerar melhores decisões para o grupo que joga e não para um indivíduo em específico. É preciso se colocar no lugar do outro para que as decisões sejam tomadas de forma justa e igualitária.

O esporte coletivo exerce um papel maior no desenvolvimento da alteridade do que os esportes individuais. Não que os esportes individuais, também não o façam, já que o adversário ali está, seja o relógio, o jogador em si, “a principal competição a ser incentivada é a do aluno consigo mesmo na busca da superação de seus próprios resultados”, ou o adversário (NEUENFELDT e CANFIELD, 2001, p.33). O adversário nesse caso deve ser compreendido como facilitador, incentivador, mediador de melhores resultados e não como inimigo. O outro nos faz melhor à medida que nos vence, ou supera. Sob esta perspectiva a derrota é boa, é aprendizado, é incentivo para algo mais. A vitória é boa também, no respeito, na vontade de manutenção da performance, na disciplina para tal (BETTI, 1988).

Caillois (1990) aponta que o jogo é atividade delimitada, seja por tempo, seja pelo espaço onde é praticado, pelas regras do próprio jogo ou pela vontade e desejo dos jogadores continuarem jogando. Na escola, o esporte é, também, delimitado pela busca da construção do conhecimento, pelos conteúdos que se espera que os alunos assimilem pela mediação do professor.

A par das atividades tidas como clássicas, e que a meu ver não irão tão cedo perder a sua importância, a Educação Física Escolar possui um leque mais alargado de possíveis escolhas convicta que está em contribuir para a verdadeira, profunda e significativa missão: educar em valores. Por outro lado, reconhece-se que os estudantes que participam na aula de Educação Física representam fielmente a sociedade de que fazem parte. Nesta sociedade coexistem inúmeros modelos pessoais de prática desportiva. É função da Educação Física Escolar tentar aproximar-se o mais possível da realização desses modelos, pelo que *nem sempre é possível alargar a disciplina para outros âmbitos que se podem considerar como relevantes*, mas por vezes afastados do socialmente convencionado. (GARCIA, 2015, p.217). Grifo nosso.

Enquanto atividade incerta, mesmo com regras rígidas, não se sabe o desfecho de uma partida esportiva, uma brincadeira, ou ainda um jogo recreacional, já que o jogo é influenciado por diversos fatores (tempo, espaço, desejo de jogar, clima, conhecimento, cultura etc.). O jogo sendo incerto, se torna importante instrumento para a aprendizagem e

desenvolvimento das funções psicológicas superiores<sup>9</sup>, pois “o jogo consiste na necessidade de encontrar, de inventar imediatamente uma resposta...” (CAILLOIS, 1990, pp. 27-28). O jogo quando trabalhado na escola como esporte, exige dos que o praticam, reconhecimento de possíveis entraves para atingir o objetivo do jogo. Tais entraves são incertos e dependentes do desenrolar do jogo e das estratégias usados pelos adversários ou pelos próprios companheiros de time. Assim, exercita-se o comportamento volitivo na estratégia e na resolução de conflitos em conjunto, coletivamente, para que o jogo continue.

Para Caillois (1990, p.25) “o jogo é uma atividade improdutiva, pois o jogo não gera produto material, sendo uma característica do jogo não criar nenhuma riqueza, nenhum valor e, por isso se diferencia do trabalho ou da arte”. No entanto, se propomos o esporte, que é um tipo de jogo, como conteúdo escolar e se entendemos a escola como produtora de trabalho educativo, ou seja, “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” o jogo produz humanidade, já que a “natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida sobre a base biofísica” (SAVIANI, 2008, p.7).

Além do mais se aproxima da arte, pois “Assim como a arte, o futebol encena conflitos, descortina desejos ocultos, retrata a sociedade e nos convida a pensar sobre nós mesmos.” (BASTIDAS, 2014, p.37).

Ainda sobre a relação esporte e arte:

Para sermos humanos, temos que transcender à nossa origem animal. Temos que criar, sonhar, buscar um corpo ágil, belo, estético, moldado pela arte. Podemos caminhar nessas trilhas com o auxílio do esporte por ser ele uma arte de *performance* nos gestos, nos movimentos, na busca da beleza e de qualidades éticas e estéticas. (NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2012, p. 50).

Na escola, o esporte/jogo produz humanidade quando provoca a união de indivíduos em um coletivo na busca de um objetivo comum e também na resolução de problemas por meio de decisões tomadas democraticamente, ou seja, uma decisão que favorece a maioria, na maioria das vezes, o que também se caracteriza como uma ação política, pois

O desporto consegue unir os desavindos. Consegue igualar os desiguais. Consegue, qual metáfora, criar um esperanto, isto é uma linguagem percebida por todos. Consegue ultrapassar rivalidades entre diferentes e

---

<sup>9</sup> Funções psicológicas superiores ou processos psicológicos superiores: pensamento, linguagem e comportamento volitivo (volição: ato pelo qual a vontade toma uma determinação), origem sociocultural (VIGOTSKI, 1997).



estabelecer rivalidade entre iguais. Consegue ultrapassar clivagens racistas. Consegue, ainda, contribuir para a idealização de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, [...]. (GARCIA, 2015, p. 187).

O jogo é regulamentado por regras, sejam estas implícitas – regras de conduta, ética esportiva, valores, acordos, assunção de papéis, dentre outras –, universais – os esportes com órgãos reguladores –, ou explícitas – regras de um campeonato esportivo. Regras estas que não são somente do jogo, do esporte, mas do convívio social e do dia-a-dia escolar.

Os jogos e as outras formas de exercitação, precursoras do desporto e praticadas nos diferentes cenários civilizacionais, estão desde o seu início vinculados a exigências e valores morais. É antiga a perspectiva de que não são meros exercícios físicos; transportam em si cromossomas morais próprios. Apesar de essas práticas se terem modificado no decurso dos séculos manteve-se sempre uma continuidade da sua problematização moral, como um bem cultural valioso que deve ser protegido pela observância de princípios éticos. [...] O desporto é assim perspectivado como um fator e simultaneamente uma expressão bem visível da saúde moral reinante no contexto social. E por isso ser desportista é ser e ter caráter, assumir-se como figura moral, como modelo de moralidade em ação à luz de *postura ética* no jogo e na competição. (BENTO, 2013, pp. 113-114).

Considerando o jogo enquanto atividade fictícia, podemos dizer que os jogos são criações que podem recriar situações reais de vida. Historicamente os jogos de caráter esportivo surgiram como preparação para a guerra, ou seja, encenações, dramatizações de combates, de batalhas.

Sendo o jogo uma atividade fictícia, este se associa e é composto pelas brincadeiras infantis, em especial aquelas em que há a assunção de papéis, como em um teatro. Para Elkonin (2009) as brincadeiras infantis são a imaginação em processo, pois durante estes jogos as crianças assumem papéis dos atores sociais, são um exercício de normas sociais, uma reprodução da vida real ressignificada, um processo de reconstrução estabelecendo afinidade com a arte. Já para Caillois (1990) o artista interpreta o sentido da vida pela sua arte, os jogadores, os que brincam, reconstroem a vida segundo suas interpretações, um momento de evasão da realidade. Como afirma Elkonin (2009) o jogo não é a vida, mas a vida reconstruída. Assim, o esporte enquanto jogo, também é dramatizado por seus jogadores, que veem em seus atletas ídolos, que expressam comportamentos a serem reproduzidos, seja por brincadeira como, por exemplo, em comemorações bem humoradas vistas em jogos na TV, ou por se estar imerso em um universo imaginativo, como se agir

segundo modelos idealizados, transformasse a prática esportiva mais próxima à realidade, também idealizada, de sucesso e prazer.

Para Caillois (1990) o jogo transita entre a *paidia* e o *ludus*. A *paidia* refere-se à liberdade, o que não quer dizer que os jogos não possuam regras. Os jogos que mais se aproximam da *paidia* são aqueles referentes à brincadeira infantil, à falta de preocupação com o cumprimento das regras de forma rígida e imutável. Na *paidia*, o jogo flui, é a algazarra primeira, com maior liberdade em seu desenvolvimento. Suas regras são efêmeras, modificadas se assim o desejar os que jogam. Já *ludus* se refere ao polo oposto de *paidia*, ou seja, o jogo com regras rígidas, imutáveis e universais.

Como já abordado anteriormente, observando as características dos diferentes tipos de jogos, Caillois (1990) dividiu-os em diferentes categorias: *agôn*, os jogos de competição; *alea*, os que envolvem sorte; *mimicry*, os jogos de simulacro; e *ilinx*, os jogos de vertigem.

Visto assim, o esporte, mais precisamente o esporte competitivo na Educação Física escolar, se caracteriza por ser um jogo *ludus-agôn*. Caillois (1990) classifica os jogos em categorias segundo suas características mais marcantes, todavia estas podem se apresentar inter-relacionadas, interseccionadas e acreditamos que durante um jogo ou uma disputa esportiva competitiva, os diferentes tipos de jogos e suas características, competição, sorte, simulacro ou vertigem tendem a se misturar e aparecer de forma inconstante, com características às vezes agrupadas, às vezes isoladas, numa complexidade própria do ser humano.

Nossa experiência na escola e em aulas de Educação Física escolar nos ajudam a exemplificar o parágrafo anterior. Para Caillois (1990) *alea* seria o oposto de *agôn* já que *alea* caracteriza-se por “vencer o destino” e *agôn* “vencer” o adversário, porém, se o adversário cria “incessantes obstáculos com o propósito de lhe dificultar a consecução do objectivo desejado” é preciso sorte/*alea* para, talvez, adivinhar a próxima jogada do adversário. Em uma cobrança de pênalti no futebol, por exemplo, o goleiro escolher o canto certo para defender o gol (CAILLOIS, 1990, p. 33). No dia a dia da Educação Física escolar surgem frases dos alunos que advogam a favor da sorte (ou falta de...) no jogo/esporte competitivo: – *Hoje a trave está abençoada! Estou sem sorte! Alguém fez macumba pra mim, não entra uma bola no gol!*. A sorte “surge como uma insolente e soberana zombaria do mérito” (CAILLOIS, 1990, p. 37), por isso, talvez, muitos alunos não se conformam com a vitória do time oposto, que segundo eles, em uma situação hipotética, seria de habilidades e

táticas de jogo inferiores, ou seja, o adversário venceu por sorte, um acaso do destino. Como deixar a vitória só nas mãos da habilidade esportiva?

Todavia, mesmo com a competição prevalecendo como elemento primordial nas relações sociais, não se conseguirá eliminar, por completo, nas sociedades capitalistas um elemento que aparentemente se opõe à competição, a citar, a **sorte** do próprio nascimento. Assim, por mais que se tente aniquilar os princípios que não sejam àqueles baseados no esforço próprio da pessoa em vencer obstáculos, nunca conseguiremos impedir que a vantagem de freqüentar determinados meios sociais ocorra nas relações cotidianas, conseqüentemente, a tão sonhada igualdade de direitos não passa de um recurso ideológico capitalista. (PICCOLO, 2008, p.7 – grifo nosso)

Continuando a discussão da complexidade da prática social/esporte, que para nós são compostas das categorias de jogo em Caillois (1990), a competição não poderia ter momentos de vertigem? Quando durante uma partida se perde a noção de tempo; quando apesar de uma multidão gritando e torcendo, o atleta não os ouve, concentrado em algo além, talvez em um universo paralelo, o universo do jogo, não seria isso um delírio? Uma vertigem? Não seria a suspensão da realidade uma vertigem? Quando se está à mercê de fatores externos que nos controlam sem que tenhamos consciência deles no momento em que acontecem?

Recordamo-nos agora de um aluno que cotidianamente, no período escolar, na convivência escolar diária, sempre se mostrava muito educado, respeitador, passivo, amigável, mas durante partidas de futsal no campeonato escolar anual se transformava em um dos jogadores mais violentos, trapaceiro, simulador de faltas, constantemente expulso das partidas, sendo que no último ano escolar houve a necessidade de proibi-lo de participar no restante do campeonato, haja vista que logo no primeiro jogo iniciou uma briga com um jogador adversário. Não seria essa transformação algo vertiginoso? Uma personalidade diversa da sua cotidiana? Segundo a resenha de Lara e Pimentel (2006) poderíamos afirmar não se tratar de vertigem, já que a briga rompe com as regras características do *alea*, porém, o número de faltas, algo previsto nas regras, aumenta, ou seja, a conduta violenta sobrepõe sua personalidade calma e passiva. Quando questionado sobre seu comportamento durante a prática de esportes em uma competição o mesmo alegou que não sabia o que acontecia com ele, e que por diversas vezes reagia sem mesmo se lembrar do que havia feito, isso não seria uma vertigem? Em “*Ilnix* – Existe, em paralelo, uma vertigem de ordem moral, que se apodera subitamente do indivíduo. Essa vertigem associa-se habitualmente ao gosto, normalmente reprimido, pela desordem e pela destruição. Traduz formas brutais de afirmação da personalidade.” (CAILLOIS, 1990, p. 44-45).

Talvez a absorção de um “papel”, de um personagem como em jogos *mimicry*, esse “estar fora de si”, o aluno calmo transformado em jogador violento, poderia ser “...encarnação de um personagem ilusório” (CAILLOIS, 1990, p. 39). “Fingir que se é um outro aliena e extasia. [...] Provoca um entusiasmo tal, atinge tais paroxismos que o mundo real fica provisoriamente suspenso na alucinada consciência do indivíduo possesso.” (CAILLOIS, 1990, p. 97). No jogo de “*Mimicry* – mímica e disfarce são assim, os aspectos fundamentais desta classe de jogos. Na criança, trata-se sobretudo de imitar o adulto” (CAILLOIS, 1990, p. 41). O esporte/jogo na escola, também tem aspectos do *mimicry*, já que é visível a imitação que os alunos fazem de condutas, comportamentos, estilos de adultos que viram jogando, ou de profissionais presentes em suas vidas através da mídia que transmite espetáculos esportivos. “A mera identificação com o campeão constitui já uma *mimicry*”. (CAILLOIS, 1990, p. 42).

Por meio do exemplo do aluno violento em jogos esportivos e concluindo que os jogos/esporte são de natureza complexa, precisamos agora expor, o que, previsto no jogar, pode levar a comportamentos violentos, ou comportamentos contrários ao *fair play*, já que esta pesquisa busca indícios de ressignificação do esporte competitivo escolar por meio de práticas educativas pautadas no *fair play*.

Contudo, o conceito de jogo, o significado do jogo, que abrange os esportes e que intersecciona e uni tais categorias em um todo e que procuramos construir neste processo de pesquisa, é o que denominaremos de “esporte **total**”. Um conceito de totalidade do esporte que é também vislumbrado no final da obra “Os jogos e os homens” de Caillois (1990) quando o autor diz que:

O jogo é um fenômeno **total**. Diz respeito ao conjunto das actividades e dos anseios humanos. Poucas são as disciplinas – da pedagogia às matemáticas, passando pela história e pela sociologia – que o podem estudar proveitosamente sem um desvio qualquer. Todavia, seja qual for o alcance teórico ou prático dos resultados obtidos em cada uma das perspectivas particularizadas, tais resultados permanecerão destituídos do seu significado e de sua verdadeira aplicação, se não forem encarados por referência ao principal problema que é colocado pelo universo **indivisível** dos jogos, donde, aliás, retiram o interesse que podem suscitar. (CAILLOIS, 1990, p. 202, grifo nosso).

Para resumirmos as categorias do jogo em Caillois (1990) e partirmos para as causas e determinações que corrompem o jogo e também o esporte, segue abaixo um quadro que expõe didaticamente as categorias do jogo, em suas formas culturais e institucionais:

	<b>Formas culturais permanecendo à margem do mecanismo social</b>	<b>Formas institucionais integradas na vida social</b>	<b>Corrupção</b>
<b><i>Agôn</i></b> <b>(Competição)</b>	desporto	concorrência comercial, exames e concursos	violência, desejo de poder, manha
<b><i>Alea</i></b> <b>(Sorte)</b>	lotarias, casino, hipódromos apostas mútuas	especulação na Bolsa	superstição, astrologia, etc
<b><i>Mimicry</i></b> <b>(Simulacro)</b>	carnaval, teatro, cinema culto da vedeta	uniforme, etiqueta, cerimonial, técnicas de representação	alienação, desdobramento de personalidade
<b><i>Ilinx</i></b> <b>(Vertigem)</b>	alpinismo, ski – acrobacias embriaguez da velocidade	profissões cujo exercício implica o controle da vertigem	alcoolismo e droga

Fonte: (CAILLOIS, 1990, p.77, quadro II).

O quadro apresenta as categorias de jogo, porém, no decorrer de nossas argumentações estamos construindo um conceito de esporte que é composto pelo jogo e determinado por diversos fatores que vão além do universo do jogo proposto por Caillois (1990). Desta maneira, o esporte, enquanto jogo e em sua totalidade, sofre interferência de diversas frentes, direcionadas ao desenvolvimento do homem como cidadão completo, livre, íntegro, solidário. Quando o esporte/jogo não promove tais virtudes, poderíamos dizer que este está corrompido, ou sofreu com determinações corruptoras em um processo histórico e cultural.

O que queremos dizer, para além de discutirmos somente a corrupção do jogo *Agôn*, que segundo Caillois é a forma do esporte em sua manifestação cultural, defendemos que o esporte pode se corromper em suas diversas manifestações além daquelas categorias do jogo, mas muito mais importante que isso, é deixar claro a via dupla destas manifestações. Assim como o esporte se corrompe, os que o jogam, tem um papel ativo nele, seja jogando, discutindo, apreciando as manifestações esportivas, ou seja, podemos transformar o esporte a partir de sua manifestação corrompida e podemos modificar a sociedade a partir do esporte, como ele já faz na sociedade.

Desenvolvendo argumentação da corrupção do jogo o que descaracteriza o jogo, o que o corrompe, segundo Caillois (1990, p. 66-67), é o

[...] erro e desvio de uma das quatro impulsões primárias (*agôn* – a ambição de triunfar unicamente graças ao mérito numa competição regulamentada, *alea* – a demissão da vontade a favor de uma espera ansiosa e passiva do curso da sorte, *mimicry* – o gosto de revestir uma personalidade diferente, *ilinx* – a busca da vertigem) que presidem aos jogos.

Para o autor, como parte do universo do jogo existe o *batoteiro*, o que corrompe o jogo

O batoteiro, esse, permanece no universo do jogo. Se ele contorna regras é, pelo menos, fingindo respeitá-las. Tenta ludibriar. É desonesto e é também hipócrita. De tal maneira que se salvaguarda proclamando com a sua atitude a validade das convenções que viola, pois tem necessidade de que os outros lhe obedeam. Se descoberto, expulsam-no. O universo do jogo continuará intacto. (CAILLOIS, 1990, p. 66-67).

O jogo corrompido se trata então de um problema ético. O *batoteiro*, ou aqueles que corrompem o jogo fazem uso desses limites, de ser ou não descobertos e nas convenções por meio de hábitos antidesportivos aceitos em determinadas situações de jogo, para permanecerem jogando e obterem vantagens indevidas. Problemas éticos são da sociedade assim como do jogo. A transposição destes problemas da esfera dos jogos para a sociedade e vice-versa, numa relação dialética, ou seja, os mesmos problemas éticos da sociedade podem aparecer nos jogos e os problemas éticos dos jogos na sociedade. Se assim o é, o mesmo pode ocorrer com práticas que exercitem o *fair play*, que caso ressignifiquem a visão do esporte na escola, possam ressignificar o agir em/na sociedade.

## 1.1 O ESPORTE E A MÍDIA

Faz-se necessário nesta parte da escrita retomarmos o entendimento que temos de mundo e seus processos, onde estão incluídos o homem, a escola, a Educação Física, o jogo, o esporte e, agora, a mídia, já que esta visão por nós adotada – histórica e dialética – compreende a ação transformadora do ser humano sobre a natureza como movimento,

processo dinâmico e de mútua influência e porque ao adotar tal visão, explicita-se a influência massiva da mídia no esporte, na sua maioria, contribuindo pra corromper o esporte e sua prática.

O esporte trabalhado como conteúdo na escola é claramente influenciado e modificado pelo esporte-espetáculo, que por sua vez é conduzido pelos mercados e pela mídia que o promove. Desfazendo-se as separações e classificações, entendemos o esporte como um todo, um processo existencial, sendo que

Uma parcela da humanidade já começa a perceber que, no espaço finito em que vivemos concretamente, ser humano, sociedade e natureza são aspectos inseparáveis de um mesmo processo existencial, e que só adquirem sentido por meio da totalidade de suas inter-relações e interdependências. (MEDINA, 2013, p. 155).

Consideramos o esporte como uma prática social formada por todos os jogos, por todos os esportes, pelo processo histórico do jogo, pela história da humanidade, pela cultura. O emaranhado que compõe as ações transformadoras do ser humano sobre a natureza, as práticas sociais, são muito mais complexas do que as visões pontuais dessas práticas. Num ininterrupto processo, o significado de esporte, de esportista e do que seja prática esportiva e seus praticantes vem se modificando, pois

A transmissão televisiva propõe uma nova visão do evento esportivo: a repetição obsessiva dos lances mais violentos ou espetaculares, o fanatismo da torcida, a euforia da vitória, etc. Isso facilita muito a comercialização do esporte, pois permite a ênfase em tudo o que mais interessa aos investidores, e produz uma visão artificial do esporte, em combinação com uma linguagem "guerreira", amplificando o falso drama que se vive no campo e nas quadras. Porque, a princípio, a competição esportiva é uma luta simbólica, e não uma luta real. (BETTI, 1997, p. 39).

Os alunos, consumidores do esporte-espetáculo por meio da mídia, trazem a visão deste esporte para a prática esportiva na escola por que

Hoje, somos todos consumidores potenciais do esporte-espetáculo, como telespectadores ou torcedores nos estádios e quadras; a proliferação de academias de ginástica e "escolinhas" de esportes atende às camadas média e alta, centros esportivos e de lazer públicos oferecem, embora de maneira ainda insatisfatória, programas de práticas corporais à população de modo

geral. A cultura corporal de movimento tende a ser socialmente partilhada, quer como prática ativa ou simples informação. (BETTI, 1997, p.12).

O professor de Educação Física na escola, ao abordar o conteúdo esporte, não conseguirá se afastar da influência da mídia sobre este esporte, muitas vezes corrompido de sua versão original, ou seja, um esporte pautado no *fair play*. Dizemos isso para reforçar a não dissociação dos diversos esportes, ou jogos, ou influências que constituem o significado que o esporte tem para o sujeito aluno.

A mídia integrante do esporte deve ser mediada. Não deve ser recebida pelos alunos sem um “filtro” crítico do professor, uma apreciação crítica mediada pelo professor. O professor de Educação Física escolar deve ter uma formação crítica sólida quanto aos processos sociais, históricos e culturais para não se deixar levar pela “formação” midiática e mercadológica de esporte, ou seja, uma formação advinda de reportagens em revistas, de telejornais, de comentários de “especialistas” que não possuem formação, a não ser aquela de senso comum, para opinar criticamente sobre a cultura corporal, pois esta gera abordagens diversas para o trabalho do mesmo conteúdo escolar, as diversas abordagens de senso comum que fazem frente àquelas de cunho científico que são aprendidas e ensinadas nos cursos de Educação Física e que muitas vezes perdem valor frente às primeiras.

Não nos esqueçamos que nos movimentamos num domínio onde os meios de comunicação têm um peso enorme, condicionando ou construindo uma imagem de desporto que não tem que ser necessariamente a nossa. Ao sensacionalismo dos *media*, temos que contrapor uma intervenção de cariz cultural, profissional e científica, não permitindo mais que licenciados em Educação Física reduzam o seu discurso sobre o desporto apenas àquilo que é veiculado pelos grandes meios de comunicação social, como infelizmente assistimos amiúde. O verdadeiro profissional de Educação Física terá de ultrapassar a discussão factual do último jogo ocorrido na sua cidade ou no seu país, e caminhar no sentido de perceber qual é, efetivamente, o significado humano desse jogo. É isto que terá que diferenciar um verdadeiro possuidor de um grau universitário, daquele vulgar cidadão que vê o referido jogo apenas como espectador. (GARCIA e LEMOS, 2009, p. 91).

Betti (2001) defende que a mídia pode ser aliada ou inimiga da Educação Física escolar. Em suas reflexões sobre Ferrés (1996), admite que a escola deve buscar educar seus alunos para a reflexão crítica que implica em “compreender o sentido explícito e



implícito das informações e estabelecer relações coerentes e críticas entre o que aparece na tela e a realidade do mundo” (BETTI, 2001, p.126).

A mediação feita pelo professor quanto ao esporte visto, assistido e assimilado pelos alunos por meio da mídia torna-se essencial e reitera a importância do professor crítico na escola. Betti (1997) discorre que este esporte, o espetáculo esportivo, o esporte do senso comum, não possui mais as características fundantes do esporte do século XIX, embasadas no *fair play*: lealdade, respeito às regras e ao oponente. Negar a mediação do professor, ou deixá-la aos “especialistas” da mídia na formação de conceitos sobre o esporte é cercear a liberdade do aluno. O conhecimento mais aprofundado do esporte deve buscar a libertação dos estereótipos criados pela linguagem midiática que reafirmam os desejos do sistema, do mercado, do capital, do lucro.

Uma *cultura da permissividade*, expressa por má-criação e palavrão, por adrenalina a mais na língua e a menos nas pernas, pelo esquecimento do imperativo da correção, pelo atropelo constante das regras, pelo recurso sistemático a faltas e truques, pelo apego a artimanhas e espertezas fraudulentas para ludibriar o árbitro e o público, por cenas tristes durante e no final dos jogos, por declarações ridículas, gastas e enjoativas de técnicos e dirigentes, as apreciações insossas e facciosas dos comentaristas, programas e escritos imundos – tudo isso contribui para que o desporto perca grande parte daquilo que o afirma como bem apetecido de um consumo generalizado. (BENTO, 2013, p. 123-124).

Betti (1997, p. 139) nos pergunta sobre os fundamentos referenciais de

[...] uma “pedagogia da imagem”, que forme espectadores críticos, capazes de usufruir do esporte-espetáculo enquanto apreciação carregada de significação cultural, simultaneamente estética, lúdica, ética e técnica-informativa; uma apreciação, enfim, plena de inteligência e sensibilidade? (BETTI, 1997, p.139)

Defendemos que os fundamentos desta “pedagogia da imagem” – que aqui se torna uma pedagogia do esporte deve ter como fundamento o materialismo histórico e dialético, por abordar e incluir as diversas contradições que a prática social do esporte e a cultura corporal engendram.

As implicações desta abordagem sobre a reflexão pedagógica impõem novos entendimentos e organizações curriculares, exigindo que o seu eixo aponte

para “constatação, interpretação, compreensão e explicação da realidade social complexa e contraditória”. (SOARES, TAFFAREL, e ESCOBAR, 2013, p.212).

Visto desta perspectiva, a ética esportiva, o *fair play* tornam-se necessários como ponto de partida para toda prática educativa que aborde o esporte como conteúdo, caso contrário, estaremos reforçando um individualismo patológico que enxerga o outro como facilitador de seu desenvolvimento, algo descartável, com uma obsolescência programada<sup>10</sup>, temporária e não como constituinte de seu desenvolvimento, parte dele, como ser humano histórico, social e cultural.

O mesmo fenômeno pode ser observado no esporte competitivo. Máximo rendimento e lucro unem-se para ditar as normas no mundo da competição. A ênfase nesse binômio costuma secundarizar, sistematicamente e cada vez mais, alguns princípios éticos básicos para a humanização do homem, levando o atleta a ser tratado como máquina, mercadoria ou produto descartável. (MEDINA, 2013, p. 144-145).

Neste contexto, não podemos esquecer que o termo mídia abrange não só a televisão, mas os processos de divulgação e principalmente de promoção de discurso com cunho ideológico e político, com objetivos mercadológicos e não com foco no humano, no que há de humanização no processo de desenvolvimento que o esporte pode proporcionar como prática educativa. Nos dias atuais vemos muito fortemente as redes sociais e a internet reforçando discursos diversos sobre o esporte, porém, também usada com fins educativos (ZYLBERBERG, 2003).

Queremos reforçar que não defendemos uma visão de ser humano que seria totalmente alienado e refém das roupagens e disfarces midiáticos que embutem discursos direcionados sobre o esporte, pois se assim fosse por nós defendida, seria como se

A esfera da recepção é concebida como recipiente vazio destinado a receber e armazenar informações produzidas no pólo emissor; justificar-se-ia, assim, o abandono ao receptor e a importância dada somente ao controle sobre os meios de produção e circulação de significados. (PIRES, 2003, p. 26).

---

<sup>10</sup> Termo usado por administradores de empresas para a produção de bens materiais com data programada para perder sua utilidade, seu vencimento e assim gerar a necessidade da produção de outros itens gerando mais lucro e rotatividade de produtos. Para um maior entendimento do termo sugerimos o documentário: “A história secreta da obsolescência planejada”, disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=5tKuaOllo\\_0](http://www.youtube.com/watch?v=5tKuaOllo_0), acesso em: 14 de julho de 2015.

...e o controle da circulação das imagens e suas maquiagens<sup>11</sup> estariam atingindo um princípio caro à dialética, ao materialismo, o conceito de liberdade, pois “Em síntese, a tarefa teórica da Educação Física deve ser a do esclarecimento, visando desvelar pela crítica e pela razão o conjunto de objetivos e interesses que configuram a mensagem midiática sobre esporte.” (PIRES, 2003, p. 32).

O papel ativo do telespectador na “leitura” da imagem é outro aspecto a ser considerado. O espectador de uma imagem não é totalmente passivo, ele ativa códigos culturais para interpretar o que vê, mobiliza o simbólico e a imaginação. Novos entendimentos no âmbito das teorias da comunicação julgam que o telespectador não é indefeso e passivo diante das mídias, pois detém a capacidade de re-significar as mensagens. (BETTI, 2003, p.95).

Segundo o mesmo autor citado, não podemos subestimar a capacidade interpretativa do telespectador, porém, a escola deve se posicionar explícita e intencionalmente, em mais uma forma de mediação destas imagens, ressaltando mais uma vez o papel importantíssimo dos professores de Educação Física escolar como mediadores críticos, conhecedores profundos do universo esportivo como um todo, do esporte, sem divisões, já que os mesmos se interpõem, se interconectam.

A mídia tende a nivelar o esporte e os comportamentos esportivos, gerando um esporte globalizado. Foer (2005) defende que apesar da globalização do esporte, no caso específico o futebol, não destitui as particularidades culturais de cada região influenciadoras deste esporte. Um dos exemplos citados é a particular falta de apego à ética, que segundo o autor é comum no futebol de todo o mundo, mas de forma especial com os chamados “cartolas”<sup>12</sup> brasileiros, que mandam no futebol jogado profissionalmente no Brasil, mudando regras de campeonatos, vendendo jogadores, etc. A influência da mídia sobre o esporte se mostra evidente se analisarmos sob uma perspectiva econômica, política e cultural, porém nesta pesquisa, procuramos chamar mais a atenção da influência da mídia na ética esportiva.

---

<sup>11</sup> O que queremos dizer aqui sobre o uso da palavra “maquiagens” se refere as diversas formas de se expor imagens do esporte com o intuito de atingir nossas emoções e reforçar direcionamentos de discursos e significações. Por exemplo, quando se deseja mostrar a superação física, de dor e resistência, a imagem do esportista exausto se aproximando da linha de chegada em uma maratona, pode vir acompanhada de uma música com melodia crescente. Outro exemplo seria a edição de imagens para reforçar a entrada violenta de um jogador em uma partida de futebol, como transmitir o ocorrido em câmera lenta seguido de comentários diversos de “especialistas” sobre futebol.

<sup>12</sup> Dirigentes de clubes de futebol, ou pessoas influentes nesses times que manipulam as decisões, os campeonatos por meio de sua influência e poder.

A necessidade de abordarmos o esporte na escola de forma ética é atual, historicamente justificada e culturalmente necessária para uma vida em sociedade mais justa. Abordar o esporte de forma ampla e a mídia como grande influenciadora deste esporte, também é necessário. Os professores de Educação Física devem se posicionar e reafirmar a sua posição sendo profundos conhecedores e estudiosos do esporte, para que o respeito dado a eles, quando emitirem opinião sobre o tema, seja mais relevante e levado a sério do que comentaristas televisivos ou comentários de senso comum,

Mas para intervir é preciso conhecer. Se os educadores querem posicionar-se perante a televisão, devem conhecer o meio e sua linguagem. Se a Educação Física quer intervir no campo do esporte, precisa conhecer os fundamentos do esporte telespetáculo. (BETTI, 1997, p. 265).

Neste sentido, esta pesquisa pode contribuir com o constante processo de discussão e estudo da mídia como influenciadora do esporte e da constituição do significado do esporte nos alunos.

## 1.2 O ESPORTE NA ESCOLA.

Há tempos muito se tem falado do esporte na escola. Essa discussão se estende e a crítica ao esporte na escola iniciou-se, especialmente, seguindo algumas linhas que podem ser resumidas em três, segundo nossa interpretação, as mais relevantes para o avanço na discussão do esporte na Educação Física escolar: a esportivização da Educação Física escolar, ou seja, a redução dos conteúdos da Educação Física escolar apenas ao esporte; a exacerbação na técnica em que envolve o jogar eficientemente determinado esporte em detrimento dos diversos aspectos como os sociais, culturais, históricos, dentre outros, que compõem a prática social do esporte, sendo tais técnicas sustentadas pela ênfase nos aspectos do esporte de rendimento; e o esporte na escola “a serviço” de uma sociedade capitalista, em que a vitória, seja qual for o meio para se obtê-la, é o que realmente importa, transformando a prática social do esporte, em produto e a vitória em lucro, ou a única possibilidade para aqueles que realmente se dispõem à prática esportiva.

Para iniciarmos a continuidade da discussão do esporte na escola trabalharemos as três principais críticas ao esporte na escola, citadas no parágrafo anterior.

Faremos uso de dois artigos escritos por Valter Bracht (1986, 2000) para nortear essa retomada da discussão: “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista” e “Esporte na escola e esporte de rendimento” no qual o autor trabalha os “equivocos/mal entendidos” que muitos leitores e comentadores fizeram de sua crítica ao esporte na escola.

A esportivização da Educação Física Escolar nas décadas de 70 e 80 principalmente, gerou o entendimento, exageradamente oposto, de que o esporte deveria ser abolido, como conteúdo da Educação Física Escolar. Bracht (2000) discorre que a negação do esporte como conteúdo ou sua abolição não contribuiria para sua modificação e que o contrário desta negação, o tratar o esporte pedagogicamente, sim contribuiria para uma possível modificação.

O esporte como único conteúdo da Educação Física escolar e este sustentado pelo esporte de rendimento pode suscitar: “um tipo de educação que colaborava para que os indivíduos introjetassem valores, normas de comportamento conforme e não questionadores do sistema societal” (BRACHT, 2000, p. 15).

A partir de um equívoco, talvez, na interpretação da crítica feita ao esporte na escola, o lúdico, traduzido na interpretação de alguns como brincar e jogar livremente, tomou frente na Educação Física escolar, gerando aulas de Educação Física que mais se aproximavam a um tempo de lazer na escola, mascarado pelos ideais de sociabilização dos alunos, de controle do estresse causado pelas aulas em sala, pelo extravasar das pulsões agressivas e agitadas. Então o que vemos hoje nas escolas, fato este relatado por nossos alunos, advindos do Ensino Fundamental, é que na grande maioria das aulas de Educação Física escolar que estes tiveram, o professor entregava duas bolas, uma de futsal, para os meninos e uma de voleibol, para as meninas e os deixavam livres para realizar jogos, sem a mínima intervenção do professor. Muitos destes alunos decidiam por não fazer nenhuma “atividade física” e relataram dormir nas aulas de Educação Física, ou ouvir música no telefone móvel. Podemos analisar a partir destes relatos, que nem o esporte e nem o lúdico tem sido trabalhado na Educação Física escolar.

Betti (1997), ao comentar a discussão de Adorno, que mesmo sendo um crítico ferrenho ao esporte, reconhece seus benefícios educativos quando trabalhados de forma crítica e bem elaborados/estruturados:

Para o próprio Adorno, o esporte pode suscitar agressão, crueldade e sadismo, especialmente nos espectadores, que não se submetem

pessoalmente aos esforços e à disciplina do esporte. Mas como fenômeno ambíguo que é, o esporte, com seu *fair play*, pode exercer um papel educativo, antibarbárico e anti-sádico. (BETTI, 1997, p.71).

Não há como negar o esporte na escola e por consequência, a competição, assim como a “simulação podem criar, e criam, aliás, formas de cultura às quais se reconhecem prontamente valores de ordem educativa e estética” (CAILLOIS, 1990, p. 98). O esporte, assumido em sua totalidade – posição adotada neste trabalho, que o admite de maneira polissêmica, de uma complexidade que se modifica na história humana pela cultura – a competição é dos esportes e sob esta nossa visão, não se encaixa na dicotomia “competição-ruim”, “cooperação-bom”, pois

A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor. (BENTO, 2013, p. 96).

Quando o esporte for tratado como conteúdo da Educação Física escolar, em busca de sua modificação e ressignificação na prática do mesmo pelos alunos, o professor de Educação Física escolar deve ter em mente a pergunta:

Qual o tipo de educação que o esporte deve priorizar? Pode-se educar o físico, adestrar seres humanos, ensiná-los a serem insensíveis e a lutarem com todas as suas forças, esquecendo a dor de quem está jogando a seu lado ou na equipe contrária, em busca da vitória. Ou podemos educar para a vida, buscar desenvolver o esporte como uma confraternização, onde o ser humano percebe que está dentro de um contexto histórico-cultural, que a vida só faz sentido pelo convívio harmonioso com outras pessoas e que suas necessidades não precisam ser pré-destinadas pela mídia ou pelo tipo de valores que permeiam na nossa sociedade capitalista. Quando escolhermos uma destas respostas devemos fazer a nós mesmos mais uma pergunta: que tipo de educador sou eu? (NEUENFELDT, 1999, p. 242).

Para a ressignificação do esporte na Educação Física escolar, além do *fair play*, sugerimos um resgate do lúdico e do jogo que constitui o esporte total. Betti (1997) já apontava tal caminho. Contudo longe estamos de explicar o esporte, ou buscar uma explicação global. Ao adotarmos a perspectiva marxista, admitimos e transpomos o conceito de totalidade ao esporte. Tal conceito não explica o esporte, não nos dá uma explicação final

do esporte, mas permite explorá-lo em todas as suas dimensões. Assim, não é pela destruição da sociedade capitalista (exemplo de Betti, 1997) que o lúdico ressurgiria no esporte, mas pela incorporação da cultura esportiva hegemônica desconstruída sistematicamente de forma crítica. O esporte de rendimento, o esporte de lazer, o esporte recreativo, o esporte de rua são todos os mesmos, a crítica para o resgate do lúdico (entendido como prazer na prática esportiva) deve sempre considerar o coletivo na constituição dos sujeitos. O foco tem de se deslocar do esporte em si, para as relações pessoais (sociais) da prática esportiva, para que, seja a prática esportiva recreativa, de lazer, de rendimento, ou outra qualquer, focarmos no que nos faz seres humanos, nossas relações sócio-culturais, os valores prementes na vida em sociedade, o realmente importante.

O segundo equívoco/mal entendido, segundo Bracht e também, segunda linha de discussão, é a valorização exacerbada da técnica no ensino do esporte, assertiva esta, que segundo uma visão dialética, já contém em si o seu contrário, a sua negativa, ou seja, aqueles professores e estudiosos que tratam o esporte criticamente nas aulas de Educação Física escolar são contra a técnica esportiva, e os que não são críticos, são tecnicistas.

Bracht (2000, p.16) discorre que tal afirmação não é verdadeira, o que se critica não é a técnica em si, já que “a técnica deve ser sempre subordinada às finalidades humanas, mas a subordinação alienada que a técnica está a serviço”. Além disso, houve uma confusão entre o tecnicismo esportivo com a pedagogia tecnicista, fato talvez explicado pela complexidade que o esporte assume e, mais uma vez, aqui se justifica a necessidade de uma visão totalizante do esporte, uma visão dialética do jogo/esporte. “Não se está adotando a pedagogia tecnicista simplesmente porque se ensina técnicas esportivas.” (BRACHT, 2000, p.17).

Moreira, Simões e Martins (2010) também advogam a favor do ensino das técnicas do esporte na Educação Física escolar ao citar Bento (2006) dizendo que é a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação almejando a construção do viver cidadão dos alunos, sendo que o problema não é a técnica, o ensino da técnica, mas o valor atribuído ao movimento técnico no ensino do esporte na escola.

Quanto ao ensino das técnicas, sejam elas associadas a um esporte, ou simplesmente a técnica em si, hoje em dia ficou em segundo plano, seja por medo desta esportivização tão criticada, e por esta crítica mal entendida, ou por vê-la como um mal a ser extirpado. Ouvimos relatos de professores que trabalhavam em suas aulas o conteúdo esporte, sem nunca se aproximar do esporte institucionalizado. Havia o ensino do voleibol, por meio

de jogos, que não evoluíam até o esporte voleibol institucionalizado, com suas regras específicas. Vemos na Educação Física escolar do Ensino Médio, pelo menos onde esta pesquisa foi realizada, alunos que não sabem ou reconhecem o básico dos quatro esportes coletivos historicamente presentes na Educação Física escolar: voleibol, futsal, handebol e basquete. Como trabalhar os valores do esporte, que são os do *fair play*, se o esporte não é conteúdo das aulas?

[...] a sociedade e o indivíduo só poderão aproveitar plenamente as vantagens potenciais do desporto se o *fair play* deixar de ser uma noção marginal para tornar-se uma preocupação central; reconhece que a este conceito deve ser concedida prioridade absoluta por todos aqueles que, directa ou indirectamente, influenciam e promovem a experiência vivida pelas crianças e pelos adolescentes no desporto, [...] (CONSELHO DA EUROPA, 1996).

Não que os valores morais não estejam presentes nos jogos, nas brincadeiras, mas mesmo nestes, não há a intervenção necessária para que os valores sejam construídos.

Seríamos injustos se não abordássemos as péssimas condições de trabalho que muitos professores enfrentam, nisso incluímos a falta de material adequado, a falta de um local adequado e bem conservado, a carga horária extensa, muitas vezes desumana, a falta de uma política de formação e estudo contínuos, as turmas com muitos alunos e a educação entendida como gasto e não como investimento pela maioria dos governos. Porém, mesmo sabendo de todas as adversidades, temos que lutar pelo ensino de qualidade, pelo ensino de conteúdos historicamente determinados e relevantes à sociedade, de forma sistemática, sem nivelarmos o que é ensinado pelo mínimo, assim sendo, promoveremos os valores do esporte afim de extrapolar os valores às condições de vida, aos nossos comportamentos em sociedade e no cotidiano. (SAVIANI, 2012b).

Defender os valores do esporte é abrir os olhos dos alunos a um mundo de possibilidades, abrir os olhos dos alunos às determinações que os impedem de buscar a justiça e a igualdade de condições no jogo da vida, é proporcionar aos alunos o pensar no bem comum e reconhecer as injustiças a serem combatidas, é retirar o aluno da passividade e fatalismo mesmo que o jogo já se inicie em desigualdade, é superação, é luta, é buscar a felicidade e a ludicidade. (GARCIA, 2015).

A terceira linha crítica sobre o esporte na escola que adotamos engloba os dois últimos equívocos/mal entendidos: de que tratar o esporte na escola criticamente seria



considerar que ao lado do esporte rendimento, do ensino da técnica para a vitória e o do rendimento máximo estariam todos os defeitos, e do lado lúdico todas as virtudes, benesses.

O terceiro diz respeito ao que o autor denomina de “contraposição maniqueísta” entre o esporte de rendimento (não crítico) e o lúdico (crítico), como se esses elementos da cultura fossem exclusividade de cada um dos grupos críticos e não críticos. Para ele, há uma tendência a mitificar o lúdico como elemento essencialmente virtuoso para atingir a verdadeira humanização, portanto um elemento pertencente somente aos que se pautam por uma perspectiva crítica da Educação Física. Em contrapartida, o esporte de alto rendimento carregaria em si o não desejável ao homem em seu processo de humanização. (CAPARROZ, 2001, p. 38).

Com o perigo de sermos exageradamente repetitivos, vemos que a visão do esporte, plural, é o ponto nodal para a transformação da prática esportiva na escola e a ressignificação do esporte pelos alunos. Assim como afirma Bracht (2000) não podemos reduzir as práticas esportivas a especificidades como: promoção à saúde, desenvolvimento motor, ou ainda, transformar as aulas de Educação Física escolar em aulas de sociologia/filosofia do esporte, aulas em sala.

Trabalhar o esporte na escola de forma crítica é um desafio. Um desafio aceito por esta pesquisa. Façamos as palavras de Bracht (2000) nossas para finalizarmos a crítica do esporte na escola:

Para finalizar gostaria de fazer ainda duas observações: a) Não desconheço as dificuldades de realizar uma prática pedagógica crítica em EF envolvendo o fenômeno cultural do esporte. Esta é uma possibilidade no entanto, que está sendo construída, portanto não é uma missão impossível. Existem várias experiências sendo realizadas por professores de diversas regiões do Brasil, que fizeram esta opção, que lutam com um quadro adverso é verdade, mas que não desistem porque acreditam nessa necessidade e neste projeto político-pedagógico. (BRACHT, 2000, pp. 18 e 19).

Desta forma, parafraseando Moreira, Simões e Martins (2010), a ressignificação do esporte estará contribuindo para o ato educativo e o esporte se deslocará de seu sentido meramente utilitarista de rendimento e de mascaramento da realidade, o que por vezes vemos como único sentido do esporte trabalhado na escola.

## 2. O FAIR PLAY

A ideia desta pesquisa nasceu de nossa experiência em campeonatos interclasses, por nós organizados. Nestes campeonatos e, também, nas aulas de Educação Física escolar, observávamos o esporte praticado pelos alunos, de uma concepção histórica e culturalmente enraizada nestes alunos, um esporte corrompido, um esporte reflexo de uma sociedade capitalista que rotulava todos os praticantes esportivos em vitoriosos ou perdedores. Um esporte por muitas vezes violento, sem prazer e sem riso. O esporte reflexo de uma sociedade capitalista é aquele em que se “compete contra” um adversário e não “com”, assim sendo, não existe o equilíbrio na aprendizagem entre aqueles que perdem e os que ganham, apenas ganhadores (o bom) e perdedores (o mal), melhor dito na citação que se segue:

Outro aspecto a ser destacado é jogar com o colega adversário ao invés de contra. É mais importante “*competir com*” ou “*contra*”? Entendemos que reconhecer o outro e valorizar aquilo que ele fez de melhor para ser apresentado é fundamental, principalmente revelado na necessidade de *cooperação* com o *adversário* para existir a competição. (REVERDITO *et al.*, 2008, p.42).

Nesses campeonatos esportivos, por diversas vezes, ocorriam brigas, encenações, manobras para enganar outros e corromper o esporte, já que o objetivo final era o que importava. A vitória era mais importante.

Na busca de modificar o esporte na escola, encontramos, primeiramente, no conceito de *fair play*, uma possibilidade de modificação deste esporte escolar. Porém, o esporte em si é uma abstração, o que era preciso modificar, melhor posto como transformar, era a prática esportiva dos alunos, seus “comportamentos esportivos” e isso se daria pela ressignificação<sup>13</sup> do esporte pelos alunos por meio de práticas educativas sustentadas por um conceito de *fair play* muito mais amplo do que aquele por nós constatado em aulas: de que o *fair play* se resumiria em colocar a bola fora de jogo, para que um atleta machucado

---

<sup>13</sup> Segundo Vigotski (1995), a significação parte do esforço para solucionar um problema, cria-se ligações temporárias e dá-se significado a estímulos previamente neutros. Uma significação ou ressignificação só se estruturará quando for automatizada (SAVIANI, 2008). “O processo acima descrito indica que só se aprende, de fato, quando se adquire um *habitus*, isto é, uma disposição permanente, ou, dito de outra forma, quando o objeto de aprendizagem se converte numa espécie de segunda natureza. E isso exige tempo e esforços por vezes ingentes. A expressão *segunda natureza* parece-me sugestiva justamente porque nós, que sabemos ler e escrever, tendemos a considerar esses atos como naturais.” (SAVIANI, 2008, p. 20).

seriamente pudesse ser atendido, por exemplo. Era preciso assim, pesquisar documentos relativos ao *fair play* e a evolução histórica deste conceito.

Analizamos documentos relativos ao *fair play*, ao esporte e ao esporte escolar para chegarmos a um conceito criticamente elaborado de *fair play* e o que este conceito poderia contribuir para a transformação/ressignificação da prática social do esporte e de práticas educativas de esporte como conteúdo na Educação Física escolar.

Os documentos analisados foram:

- Manifesto Mundial do Esporte (CIEPS, 1968);
- Manifesto Mundial da Educação Física (FIEP, 1970);
- Manifesto Mundial da Educação Física (FIEP, 2000);
- Manifesto do *fair play* (CIFT, 1972);
- Código de ética esportiva (CONSELHO DA EUROPA, 1996);
- Carta dos Direitos da Criança no Esporte (PANATHLON, 1995);
- Carta Brasileira de Esporte na Escola (BRASIL, 1986);
- Carta Sobre o Espírito Esportivo (QUEBEC, 1984);
- Carta Internacional de Esporte Escolar (TUBINO, 2010).

Buscamos nestes documentos, conceitos e explicações que justificassem as práticas educativas de esporte na escola, embasadas no *fair play* e que seguissem a matriz teórica por nós adotada, o materialismo histórico e dialético.

Portanto, o que veremos a seguir é uma síntese interpretativa do que os documentos relativos ao *fair play* dizem sobre os eixos temáticos analisados criticamente: um esporte totalizante, sem divisões, com características ressaltadas em determinado ambiente e cultura, em determinado período histórico; a necessidade de um resgate do lúdico no esporte, do prazer e da diversão; a mídia como uma das principais influenciadoras no esporte; e o esporte na escola.

Quanto ao conceito de esporte os documentos trazem as divisões segundo alguns critérios, como esporte de rendimento, esporte-espetáculo, esporte-educação, dentre outros, porém, admitem a influência de uns para com os outros, mas de forma unilateral, ou

seja, o esporte de maior abrangência midiática influenciando o esporte-educação, o mesmo influenciando o esporte-lazer, como podemos observar no documento: “De acordo com o ideal olímpico, o esporte competitivo, mesmo quando na forma de espetáculo, deve cumprir o propósito do esporte educacional, do qual representa o ápice. Não deve, de forma alguma, ser influenciado por interesses comerciais que visam ao lucro” (UNESCO, 1978).

Se quisermos propor uma modificação no esporte e considerá-lo enquanto totalidade, devemos admitir, mesmo que ideologicamente, a possibilidade do esporte na escola influenciar suas manifestações fora dela. Saviani (2012a, p. 87) reafirma esta admissão quando diz: “ser idealista em educação significa justamente agir como se esse tipo de sociedade já fosse realidade. Ser realista, inversamente, significa reconhecê-la como um ideal que buscamos atingir”.

Os documentos analisados, mesmo fazendo suas divisões de esporte, admitem seu caráter lúdico, que o aproxima do jogo, da brincadeira, como o direito de se divertir, de jogar, de obter prazer na prática esportiva, pois “Ele permite viver momentos maravilhosos, de provocar alegrias intensas na competição e na vitória.” (TUBINO, 2010, anexo 5). Para o Manifesto Mundial de Educação Física a atividade esportiva que possui um caráter educativo escolar é o jogo-esporte:

[...] que é a competição livremente adotada para satisfazer essencialmente as necessidades recreativas e educativas. Esta forma de esporte não elimina os fracos. Pode dispensar espectadores e instalações dispendiosas. Fica somente submetida à responsabilidade dos educadores ou à dos próprios praticantes que podem, à vontade, modificar as regras para melhor adaptação às necessidades e às possibilidades de cada um. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1977, p.15).

Mesmo admitindo a ludicidade do esporte na escola, não podemos destituir o esporte como competição. Competições, ou partidas competitivas, jogos competitivos devem e podem acontecer na escola, já que são características formativas do jogo/esporte. Nos documentos analisados nesta pesquisa pudemos perceber que a ligação entre as diversas manifestações de esporte e os jogos competitivos é o *fair play*, admitido aqui como ética esportiva, algo que vai além do simplesmente respeitar as regras.

Ora, o *fair play* é a própria essência de jogos, de todos os esportes. É tão fundamental no esporte profissional como no esporte amador. Exige não somente rigoroso respeito pela regra, mas também adesão alegre e

espontânea, simultaneamente à sua letra e ao seu espírito.  
(UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1977, p.26)

Como conseguir por parte dos alunos, uma “adesão alegre e espontânea” senão através de um resgate lúdico do esporte, um resgate histórico de sua origem nobre e cavalheiresca (SANTOS, 1998, p.75-76) como também um resgate cultural, de práticas que permitem a auto-organização infantil (USOVA, 1979), do “futebol de rua”, “da pelada”, da resolução de conflitos imediatos pelo diálogo?

A ausência do lúdico, da alegria e espontaneidade nas práticas esportivas escolares poderia explicar a recusa de muitos alunos, numa vertente crescente, em participar das aulas de Educação Física na escola. Medo do baixo desempenho comparado aos outros colegas mais desenvolvidos. Vergonha de se expor, de expor seu corpo em movimento, talvez fora do padrão de beleza vigente.

O esporte na escola deve ser libertador:

O esporte dá ocasião de se conhecer a si próprio, de se exprimir, de se desenvolver. Permite ao homem disciplinar a sua ação, aumentar a sua eficiência. Liberta-o de certas servidões do próprio corpo, revelando-lhe assim uma liberdade física. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1977, p.27)

O esporte libertador será aquele praticado com mais momentos de prazer e alegria, com mais cumplicidade com os parceiros de time, com mais respeito com os adversários, com mais consciência do todo que nos constitui.

Quanto à mídia, os documentos relativos ao *fair play* destacam a importância dos meios de comunicação na valorização de um “jogo justo” – tradução literal de *fair play*. Entretanto, o Manifesto sobre o *fair play* (1977, p.42), destaca que “a preocupação excessiva pela vitória incita cada vez mais os participantes a violar os regulamentos”. Mas o que gera essa busca exagerada pela vitória? Fica claro aqui que o esporte como reproduzidor, muitas vezes, de uma sociedade destituída de valores de união, de solidariedade, de liberdade, de coletividade, na qual estão presentes os valores da vitória a qualquer custo e do lucro a qualquer preço. O esporte reflete sim a sociedade e negar isso é fechar os olhos para a realidade. Assim como a crítica ao resgate dos valores do esporte, do *fair play*, valores que

são o contraponto do esporte corrompido, não se justifica. Todavia, Betti (1988) argumenta que

Mesmo o *fair play* não é uma virtude suprema. Será que ele se transfere automaticamente para a vida? Muito provavelmente não, simplesmente porque as regras e os valores do jogo esportivo não são os mesmos da vida social. A competição esportiva caracteriza-se por dar-se em condições de igualdade (todos os corredores partem do mesmo ponto); exigir comportamentos moralmente aceitáveis (não posso agredir o adversário para tomar-lhe a bola); gerar uma hierarquia flexível (hoje sou primeiro, amanhã segundo); ser justa e imparcial (as regras e os árbitros estão lá para garantir isto). Serão estas também as características da “competição” da vida? Alguns argumentos seriam suficientes para responder negativamente a esta questão. Admitir o contrário seria acreditar, por exemplo, que o filho de um operário não-especializado compete, dentro do sistema educacional, em igualdade com o filho de um médico ou grande empresário. Ou então, julgar como moralmente aceitável e justa a competição econômica mundial, que acumula riqueza e opulência em um hemisfério do globo e miséria e fome do outro. (BETTI, 1988, pp. 6-8).

Acreditamos que nesta colocação, Betti (1998) perde de vista o enfoque principal de se trabalhar o *fair play* no esporte na escola. “O *fair play* significa muito mais do que o simples respeitar das regras; mas cobre as noções de amizade, de respeito pelo outro, e de espírito desportivo, um modo de pensar, e não simplesmente um comportamento” (CONSELHO DA EUROPA, 1996). O exercício do *fair play* não muda a sociedade, o que o exercício do *fair play* no esporte na escola faz é abrir os horizontes dos alunos para as injustiças da sociedade e nisso o esporte extrapola seu nicho e alcança a sociedade. Os alunos podem refletir, podem ser levados por meio da mediação do professor e do esporte justo, a analisar e criticar as injustiças da sociedade: “O conceito abrange a problemática da luta contra a batota, a arte de usar a astúcia dentro do respeito das regras, o doping, a violência (tanto física como verbal), a desigualdade de oportunidades, a comercialização excessiva e a corrupção” (CONSELHO DA EUROPA, 1996).

Ainda, sobre a mídia, a maioria dos documentos discorre sobre a importância dos jornalistas e comentaristas midiáticos promoverem as manifestações justas e comportamentos de *fair play*:

**Artigo 8. Os meios de comunicação de massa devem exercer uma influência positiva sobre a educação física e o esporte**

8.1 Sem prejuízo ao direito de liberdade de informação, é essencial que todas as pessoas envolvidas com os meios de comunicação de massa tenham plena

consciência de suas responsabilidades quanto à importância social, ao propósito humanístico e aos valores morais presentes na educação física e no esporte.

8.2 As relações entre os profissionais dos meios de comunicação de massa e os especialistas em educação física e esporte devem ser próximas e baseadas na confiança mútua, para exercer uma influência positiva na educação física e no esporte e, assim, assegurar informações objetivas e bem fundamentadas. O treinamento dos profissionais de mídia pode incluir elementos relacionados à educação física e ao esporte. (UNESCO, 1978 – grifo do autor)

Em época de busca acirrada por audiência, que na verdade nada mais é do que a busca pelo lucro, pelo sucesso, pelos “louros” da vitória, torna-se difícil, mais uma vez, a mudança dos meios midiáticos, assim, sem perdermos o foco, a mudança deve ser feita na análise das informações, das discussões midiáticas. Fica claro aqui, a importância de uma “pedagogia da imagem”, proposta por Betti (2003) apoiado nas ideias de Férres (1996) sobre a análise afetivo-intelectual do áudio visual, discussão que foi aprofundada por nós quando falarmos das práticas educativas, mais a frente.

O conceito de esporte total, assumido nesta pesquisa, entende que o esporte na escola deve ser trabalhado em todas as suas nuances. O esporte tratado em sua totalidade comporta as diversas manifestações culturais relativas a ele, assim, não fica difícil de nos perdermos em um relativismo cultural, assumindo as “malandragens” e “malícias” na prática esportiva como comportamentos legítimos, legitimados pela história e cultura regionais. Aqui, o *fair play*, por meio dos documentos analisados, diz que a diversidade cultural deve ser respeitada e reforçada de forma ética.

Neste sentido, o professor de Educação Física escolar tem um papel central de extrema importância para a promoção do esporte na escola que respeite a diversidade cultural e que permita a tomada de consciência de suas manifestações legítimas. O Manifesto Mundial da Educação Física (FIEP, 2000), ressalta os professores como agentes principais da Educação Física que devem reforçar o seu compromisso contra a discriminação e a exclusão social e, ainda, como fator para uma cultura de paz explicitada como uma sociedade pacífica de preservação da dignidade humana.

Deve-se construir ou reconstruir na escola uma cultura esportiva escolar tendo o *fair play*, entendido em sua forma mais ampla, como norteador das práticas. O *fair play* amplo pode ser resumido como respeito ao próximo, como democracia, na etimologia da palavra: poder ao povo. Ou seja, admitirmos que não estamos sozinhos, não somos indivíduos

e não aprendemos sem a mediação de outros. Não poderíamos viver isolados e por assim ser, dependemos de práticas sociais que valorizem o outro, que esclareça a totalidade do ser humano e sua codependência, dependência uns dos outros. Vigotski (1995) deixa explícito que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá pela mediação do outro, algo que vai além da alteridade antropológica, por que nos faz dependentes uns dos outros para evoluirmos como seres humanos, como humanidade.

A carta brasileira de esporte na escola (TUBINO, 2010), admite a construção de uma cultura esportiva escolar embasada na cidadania, dignidade, crítica, valores e propostas de sociabilidade, mas admite duas distinções de ser humano quando afirma que competições esportivas são “mais uma oportunidade na busca do equilíbrio entre o individual e o coletivo, permitindo que cada um compreenda a contribuição da sua ação individual na construção do coletivo”. Se admitirmos duas distinções, o indivíduo e o coletivo, ou duas ações, a individual e a coletiva, estaremos retrocedendo no processo aprendizagem-ensino da prática esportiva na escola. Existe um todo que nos compõe, que nos torna humanos. Um todo historicamente e culturalmente construído pelo trabalho (ação do homem sobre a natureza). Este todo que nos constitui é também constituído por nós, mas nunca distinto um do outro. Pelo todo conter as partes e as partes conter o todo, em um movimento constante, em um processo constante de construção e reconstrução, não há como “visualizar” um separado do outro, não há indivíduo sem cultura, sem humanidade, sem o coletivo.



### 3. A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS.

Neste capítulo discutiremos a constituição do sujeito, como se dá o desenvolvimento do homem e como este se torna humano no processo de desenvolvimento das

[...] *funções mentais superiores* – aquelas que constituem as características específicas do Homem e que são as demarcadoras do espaço do “humano” – com a *Cultura*, a qual é obra do próprio Homem. Traduzida em outros termos, essa tese faz do Homem o criador daquilo que o constitui e que o define como um ser *humano*. (PINO, 2005, p. 15).

Para tal, usaremos nesta introdução alguns dos estudos presentes em Vigotski (1982, 1995, 1997 e 2001) que adota o materialismo histórico e dialético para desenvolver sua teoria sobre a formação social da mente.

Para Vigotski o homem tem sua origem biológica e se transforma em ser humano à medida que interage com a cultura humana de forma social. Os comportamentos de origem biológica são chamados de processos elementares. “As funções elementares se propagam por meio da herança genética; já as superiores propagam-se por meio das práticas sociais.” (PINO, 2005, p. 53).

O desenvolvimento humano é um processo ininterrupto, “um contínuo vai-e-vem”. O uso da palavra processo tem origem na dialética de Marx, assim como o desenvolvimento humano, contínuo e ininterrupto, em constante movimento e transformação. (BELINTANE, 2004, p. 50).

O “homem biológico” se torna homem/ser humano a partir do desenvolvimento dos processos psicológicos superiores como: pensamento, linguagem e comportamento volitivo, que são de origem sociocultural, isso não significa que o biológico, que o natural no homem, desapareça, se desfaça, se perca. O homem – em seu sentido mais amplo – ou o comportamento humano – o que é identificado por meio das ações humanas –, é a somatória dos processos elementares e dos processos superiores (VIGOTSKI, 1995).

O que organiza estes processos são as atividades simbólicas. Para discorrermos sobre atividade simbólica é preciso esclarecermos o que seja o símbolo ou signo. Signo para Vigotski (1995) é uma unidade de significado, que pode ser uma palavra, uma imagem. O signo não modifica o objeto, já que é orientado internamente, ou seja, o significado do

símbolo/signo é construído socialmente e internalizado no ser humano. Essa construção social do signo, partindo do que é natural nele para o que é culturalmente adquirido se torna a sua história – a história natural do signo. Esse processo de construção simbólica se dá nos sistemas psicológicos de transição, aqueles que estão entre os processos elementares e os processos psicológicos superiores. Tais processos são organizados pelas atividades simbólicas.

Então como adquirimos comportamentos mais elaborados, comportamentos superiores? Para Vigotski (1995), os comportamentos superiores são adquiridos por meio de atividades mediadas. A atividade é mediada quando une o signo (orientado internamente, não modifica o objeto) e o instrumento (orientado externamente, condutor da influência humana sobre o objeto, leva a mudanças nos objetos).

O que nos interessa na educação é a significação e a ressignificação que os alunos internalizam sobre determinado signo. A significação e a ressignificação se dão no esforço para solucionar um problema real, assim, cria-se ligações temporárias, dá-se significado ou ressignificado a estímulos previamente neutros ou com significado outro. A significação ou a “nova significação” (ressignificação) só se estruturará a partir de sua automatização. A internalização, então, é uma reconstrução interna (na mente do indivíduo) de uma operação externa (presente na cultura e perpetuada por meio de sua relevância/importância histórica e social). (VIGOTSKI, 1995).

Para a educação, quando assumimos o desenvolvimento humano sob a perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vigotski, a aprendizagem ou o processo de aprendizagem de conteúdos acontece pela ressignificação de signos. O professor precisa entender onde o aluno se encontra, no sentido de que significado, que modos de agir, que instrumentos este já possui para a resolução de algum problema, para o entendimento que este possui sobre o conteúdo. Estas funções mentais já estabelecidas, resultado de ciclos de desenvolvimentos já completados, a solução de problemas de forma independente é chamada de nível de desenvolvimento real.

À medida que um problema, um novo conteúdo, ou um novo significado para este conteúdo surge e o aluno não possui os instrumentos e os signos (unidade de significado) para sua resolução, é preciso que haja a mediação, a orientação, a colaboração de outros, ou outro, mais capaz. Na escola esta mediação é, ou deveria ser, exercida principalmente e prioritariamente pelo professor. A resolução de problemas de forma mediada, o nível que se alcança, é chamada de nível de desenvolvimento potencial. O percurso entre os dois níveis é

onde acontece o processo de aprendizagem. Este percurso, ou distância entre os dois níveis é chamado por Vigotski (1995) de zona de desenvolvimento iminente<sup>14</sup>.

### 3.1 A CONSTITUIÇÃO DOS SUJEITOS E DAS SIGNIFICAÇÕES

A constituição do sujeito e das significações acontece à medida que temos contato com o Outro<sup>15</sup>. Este Outro é o mediador da cultura, esta por sua vez, uma criação humana, que se conservou, por ser relevante ao homem, historicamente.

O Outro é guia e monitor da criança, não um agente de produção de cultura. Esta já existe no plano social e deve passar a existir no plano pessoal. É nesse processo que a mediação do Outro – detentor da *significação* – é essencial, mesmo se a criança é o agente desse processo. (PINO, 2005, p.168).

A questão que se instala aqui é quem tem sido o principal mediador nas significações dos alunos? Quando tratamos de conteúdos escolares, o mediador por excelência é o professor. Mas quando se extrapola o conteúdo formal e se entra em valores e ética?

Em nosso desenvolvimento psicológico existe uma luta que se instala a partir de nosso “nascimento cultural” (PINO, 2005), essa luta se refere a influência de diversos mediadores em nossa constituição como sujeitos e em nossas significações. Um dos principais mediadores são as pessoas, os Outros, de nosso núcleo familiar. Aqueles que estão presentes desde nosso nascimento biológico, aqueles que cuidam de nós. Além destes, sofremos influência de Outros mediadores, que podem ser pessoas ou produções humanas, por exemplo, um programa de televisão, um livro, etc., mas que não deixam de ser constituintes, advindos, de seres humanos. O conteúdo escolar e os processos psicológicos superiores são a

<sup>14</sup> “[...] é a tradução que mais se aproxima do termo usado pelo autor russo. Sua característica essencial é a das possibilidades de desenvolvimento, mais do que do imediatismo e da obrigatoriedade de ocorrência, pois se a criança não tiver a possibilidade de contar com a colaboração de outra pessoa em determinados períodos de sua vida, poderá não amadurecer certas funções intelectuais e, mesmo tendo essa pessoa, isso não garante, por si só, o seu amadurecimento” (PRESTES, 2010, p.173).

<sup>15</sup> O “Outro” em letra maiúscula, Pino retirou de Lacan. “Em Lacan, o termo tem duplo sentido, representado pelo pequeno ‘a’ (*autre*) e pelo grande ‘A’ (*Autre*). Falando da posição do analista, o outro (*autre*) é aquele que está diante dele e em quem e por quem o ‘Outro’ (*Autre*) lhe fala no discurso que faz na sua frente. Portanto é o ‘Outro’ (*Autre*), Sujeito do inconsciente, quem realmente fala e a quem a palavra do analista deve se dirigir. É esse ‘Outro’ que, como prévio ‘lugar’ do puro sujeito significante, ocupa a posição de Mestre, antes mesmo de tornar-se ‘Mestre absoluto’. O ‘Outro’ é o lugar da Palavra e testemunha da Verdade.” (PINO, 2005, p. 57, nota de rodapé 6).

mesma coisa? Não, pois, a significação/internalização não é algo passivo, requer a mediação do Outro:

A constituição da criança como um ser humano é, portanto, algo que depende duplamente do Outro: primeiro, porque a herança genética da espécie lhe vem por meio dele; segundo, porque a internalização das características culturais da espécie passa, necessariamente, por ele, como deixa claro a análise de Vigotski. Isso não significa que a criança seja um agente passivo no processo que a converte num ser humano. Muito pelo contrário, ela participa ativamente desse processo, de maneiras e graus diferentes em função do próprio amadurecimento biológico. A mediação necessária do Outro não impede que seja ela o sujeito do processo de internalização das funções culturais, as quais já fazem parte da história social dos homens (Vigotski, 1997). (PINO, 2005, p.154).

E como dito por Vigotski (2001, p. 196):

Os conceitos científicos se relacionam com a experiência pessoal de maneira diferente de como o fazem os conceitos espontâneos. Os últimos surgem e se formam durante o processo da experiência pessoal da criança. Diferentemente, os motivos internos que impulsionam a formação dos conceitos científicos são completamente diferentes daqueles que orientam seu pensamento a formar conceitos espontâneos. As tarefas mobilizadas pelo pensamento da criança são distintas quando assimila conceitos na escola e quando esse pensamento está entregue a si mesmo. Resumindo, poderíamos dizer que os conceitos científicos que se formam no processo de instrução se diferenciam dos espontâneos por uma relação distinta com a experiência da criança, por uma relação distinta com seu objeto e pelos diferentes caminhos que percorrem desde o momento que nascem até que se formem definitivamente.

Assim devemos assumir a luta de ensinar conceitos científicos aos alunos na escola, e promover experiências destes conteúdos que levem em consideração a formação social do ser humano. Levar em conta a formação social do ser humano é assumir a responsabilidade dos valores coletivos acima dos valores individuais, o respeito ao próximo, uma justiça social, termo que remete ao *fair play*. Assim devemos observar como se dá a constituição das significações do esporte, seja no âmbito escolar, assumindo um caráter de conceito científico e no âmbito não-escolar, assumido como conceito espontâneo.

### 3.2 A CONSTITUIÇÃO DAS SIGNIFICAÇÕES DO ESPORTE.

As significações do esporte nos alunos se dão por duas vias, uma seria a via de formação dos conceitos espontâneos, diretamente relacionada com a experiência pessoal do aluno. Experiência mediada por diversos signos e instrumentos categorizados por nós como de senso comum. Fazendo o devido recorte a que esta pesquisa procura trabalhar, como surgem os comportamentos esportivos antidesportivos legitimados pelo senso comum?

O conceito espontâneo de esporte, a significação do esporte de senso comum nos alunos se dá pelas imagens e discursos (signos) midiáticos que exploram muito mais o caráter de batalha, guerra, no esporte competitivo do que seu caráter unificador do ser humano. O instrumento é a própria prática esportiva, mediada pelos próprios alunos e suas significações, ou práticas esportivas mediadas por professores absorvidos na “cultura esportiva da vitória” a qualquer custo. Deste modo, os alunos, na prática esportiva fora da escola, experienciada na rua, em clubes, na mídia, internalizam comportamentos superiores antidesportivos significativamente legitimados.

O que queremos para o esporte na escola é partir do esporte, conceito espontâneo, prática social trazida pelos alunos à escola, fazer a inter-relação dialética com o esporte na escola, que para nós deve ser um esporte científico, um conceito científico, aqui entendido como diferente do conceito de esporte de senso comum.

O esporte, conceito científico, seria trabalhado com os alunos de forma a conduzi-los a comportamentos superiores de caráter realmente esportivo, que remete à origem do esporte como auto-organizado e cavalheiresco. Os signos seriam imagens e discursos midiáticos que ressaltam o *fair play* no esporte, seu caráter social, político<sup>16</sup>. Signos que rememorem a ludicidade do esporte, gerador de prazer pra quem joga, que é buscado, que é organizado de forma democrática. O instrumento seria mais uma vez a prática esportiva mediada pelo professor de Educação Física escolar que estaria durante a prática, buscando soluções para situações-problema embasado na ludicidade e *fair play* no esporte de forma crítica, promovendo discussões e reorganizações junto aos alunos a fim de transformar a prática esportiva na escola.

---

<sup>16</sup> Anexa lista de filmes que podem servir para trabalhar os valores do esporte como conceito científico.

Entendemos que o conceito espontâneo e científico de esporte não são antagônicos, mas complementares. Como exemplo poderíamos citar o esporte/ jogo lúdico presente na infância que deve ser resgatado para a ressignificação do esporte na escola. Dialeticamente os conceitos precisam se mesclar em busca de um equilíbrio. O equilíbrio seria experienciado por meio de um esporte competitivo prazeroso e justo. A “tensão” de que fala Vago (1996) ao discorrer sobre o conteúdo esporte na Educação Física escolar, a nosso ver, estaria na constante busca do equilíbrio entre os conceitos espontâneos e científicos do esporte, entre a prática esportiva hegemônica e a prática esportiva na escola que propomos.

## 4. O CAMINHO DA PESQUISA.

O caminho da pesquisa nos leva a uma escola estadual paulista em uma pequena cidade do interior do Estado de São Paulo. A escola é a única escola de Ensino Médio do Município e o pesquisador o único professor de Educação Física escolar desta escola, professor efetivo, porém em licença, o que não nos impediu de executar a pesquisa na escola, permitida e aceita de bom grado pelos gestores escolares e pelos professores de Educação Física que assumiram nossas aulas.

A partir do ano de 2009 ministrando práticas educativas nesta escola, e todos os anos realizando um campeonato esportivo interclasses, pudemos perceber comportamentos antidesportivos, violentos, nas práticas esportivas realizadas durante o campeonato e nas aulas de Educação Física escolar. Tais comportamentos nos levaram a refletir sobre as práticas educativas de tema esporte em nossas aulas, o que elas realmente estavam promovendo? Ao estudar o esporte, a mídia, o *fair play*, e a constituição do sujeito e das significações, nos deparamos com uma matriz teórica que respondia a nossos questionamentos, porém, faltava agora transpormos tais questionamentos para o universo escolar. Com o intuito de não divergirmos, distanciarmos da matriz teórica adotada – o materialismo histórico-dialético – encontramos na pedagogia histórico-crítica a porta de entrada na escola, conforme argumenta Gasparin (2012) e por meio das práticas educativas embasadas na constituição do sujeito e das significações da psicologia histórico-cultural de Vigotski (1982, 1995, 1997, 2001), uma possível ressignificação do esporte e do sujeito.

A estruturação das aulas, ou as práticas educativas se apoiou na pedagogia histórico-crítica. Tais concepções, a psicologia histórico-cultural e a pedagogia histórico-crítica, assumem a mesma concepção de mundo e ser humano e juntas ressaltam o papel da educação escolar no desenvolvimento psíquico. (MARTINS, 2013).

### 4.1 A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.

A pedagogia histórico-crítica nos proporcionou os parâmetros para o trabalho, para as práticas educativas na escola. Para Saviani (2008a), a tarefa da pedagogia histórico-

crítica em relação à educação escolar implica em três pontos: o primeiro ponto seria a identificação, as condições de produção, a compreensão do saber objetivo produzido historicamente, suas principais manifestações e as tendências de transformação. O segundo ponto seria a “conversão do saber objetivo em saber escolar, de modo que se torne assimilável pelos alunos no espaço e tempo escolares.” (SAVIANI, 2008a, p. 09). O terceiro seria a instrumentalização, a provisão dos meios necessários para que os alunos possam assimilar o saber objetivo, apreender o processo de sua produção e transformação.

Fazendo a transposição dos pontos listados no parágrafo acima às práticas educativas que esta pesquisa propõe, podemos dizer que a ressignificação do esporte por meio do resgate lúdico – esporte como jogo, esporte total – e do *fair play* é um saber objetivo, já que o esporte e suas manifestações tem sido transformadas em produto de mercado a serviço da economia capitalista, transformando-o em algo diferente do que historicamente este se propunha.

O homem que joga está sendo substituído por outro que consome, compulsivamente, de forma quase que competitiva, sem que isso seja apontado como patologia, ou dito de uma forma mais incisiva, como catástrofe. Interessante notar, como refinamento desse processo, que o conhecido *happy hour* só tem sentido se todos os outros momentos do dia forem sombrios. (LOPES e MADUREIRA, 2006, p.11).

Tal saber, o “esporte total, esporte-justo, esporte-prazer, esporte-jogo”<sup>17</sup> deve ser convertido em saber objetivo, saber escolar, desviando o saber sobre esporte do senso comum, para o saber sobre o esporte científico – saber escolar –, mediado pelo professor, detentor deste saber científico. Por fim, por meio do exercício, das práticas dos conceitos/signos e dos instrumentos mediados pelo professor, fazer a transformação da prática social do esporte.

Quando se assume mediar o processo de aprendizagem de uma prática esportiva mais justa e humana, pautada no *fair play*, na escola, assume-se, na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, que esta prática (saber), não pode ser qualquer tipo de saber. “A

---

<sup>16</sup> Termos criados por nós para exemplificar o esporte que queremos na escola e fora dela. Um esporte total por ser crítico e criticado em sua totalidade, em todas as suas manifestações interconectadas, interinfluentes; um esporte-justo, por levar em consideração o coletivo, o Outro, por ter como parâmetro a igualdade de condições e o respeito às diferenças; esporte-prazer e esporte-jogo, por admitir o prazer que o esporte deve proporcionar ao se aproximar do jogo infantil, desviando o foco exacerbado na vitória e na submissão do derrotado, um esporte auto-organizado, no sentido de ter regras que sejam discutidas e refletidas sob a direção do *fair play*, que por sua vez abarca comportamentos e condutas que vão além do respeitar as regras do próprio esporte praticado.



escola diz respeito ao saber elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular” (SAVIANI, 2008a, pp. 79-80). Em nosso entendimento, o saber elaborado é o *fair play*; o conhecimento espontâneo, a malandragem, encenações, indução ao erro no esporte. A cultura erudita é o esporte justo e por fim a cultura popular é o esporte corrompido.

Por se tratar de uma pedagogia dialética, de cunho materialista histórico marxista, uma pedagogia revolucionária, poderia levar os leitores a pensarem que o conteúdo (saber) *fair play* no esporte seria mais uma forma de domesticação, ou submissão dos alunos ao domínio da classe dominante ou, ainda, uma forma de destituir a cultura brasileira esportiva (malandragem, “malícia” no esporte) a uma cultura dos povos ricos ocidentais, inglesa, de nobres, cavalheiros. Como se o esporte malicioso, que busca brechas nas regras do jogo, fosse um prática esportiva brasileira culturalmente legitimada e o jogo justo, uma forma nobre, forma cultural esportiva exclusiva dos povos ricos ocidentais, ou seja, ao promover o *fair play* estaríamos substituindo um saber legítimo para um saber erudito elitizado. Saviani (2008a) discorre sobre essa dicotomia de saberes

O que hoje é denominado “saber burguês” é um saber do qual a burguesia se apropriou e colocou a serviço de seus interesses. Em suma, o que parece importante entender é o seguinte: essa dicotomia entre saber erudito como saber de dominação e saber popular como saber autêntico próprio da libertação é uma dicotomia falsa. Nem o saber erudito é puramente burguês, dominante, nem a cultura popular é puramente popular. A cultura popular incorpora elementos da ideologia e da cultura dominantes que, ao se converterem em senso comum, penetram nas massas. (SAVIANI, 2008a, pp. 79-80).

Trabalhar o esporte em sua totalidade, como conceito científico, como ética e como símbolo é, segundo Saviani (2008a), representar mentalmente os objetivos reais da ação, da prática. “Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte).” (SAVIANI, 2008b, p.12 *apud* SAVIANI, 2008a, p.12).

Apoiado em tais pressupostos Saviani (2008b, p.24) estabelece uma metodologia de ensino denominada de pedagogia histórico-crítica, que em sua dinâmica possui os cinco passos:

1. *prática social* como ponto de partida do trabalho pedagógico;

2. *problematização*, ou seja, os principais problemas identificados pela prática social. “Trata-se de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar”. (SAVIANI, 2012b, p.71);
3. *instrumentalização* que

Trata-se de apropriar-se dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. Como tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente, a sua apropriação pelos alunos está na dependência de sua transmissão direta e indireta por parte do professor. Digo transmissão direta ou indireta porque o professor tanto pode transmiti-los diretamente como pode indicar os meios pelos quais a transmissão venha a se efetivar. Chamemos, pois, este terceiro passo de *instrumentalização*. Obviamente, não cabe entender a referida instrumentalização em sentido tecnicista. Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem. (SAVIANI, 2012b, p.71);

4. *catarse*, ou seja, “Adquiridos os instrumentos básicos, ainda que parcialmente, é chegado o momento da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. [...] Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social” (SAVIANI, 2012b, p.72). Nesta etapa – a catarse – faz-se necessário o discorrer um pouco mais, para além da sua apresentação apenas, já que se trata do principal momento neste processo. Saviani, Martins e Cardoso (2015) apoiados nos estudos de Gramsci, sustentam que a catarse na educação significa a “passagem do momento econômico-corporativo para o momento ético-político, ou a assimilação da estrutura em superestrutura na consciência dos homens.” (SAVIANI, MARTINS e CARDOSO, 2015, p. 169). O objetivo destas práticas educativas tem na catarse o ponto de irreversibilidade, “àquela disposição durável a partir da qual já não é mais possível regredir ao estado anterior.” (SAVIANI, MARTINS e CARDOSO, 2015, p. 178). Por se tratar do campo das ideias, das funções psicológicas superiores, mesmo que o resultado destas práticas não chegue ao nível de mudança de comportamentos esportivos, os conceitos de esporte total e *fair play* devem permear a prática esportiva, ou seja, a catarse pode ocorrer em diversos níveis<sup>18</sup>, mas já terá sido atingida, se o aluno, em sua próxima prática esportiva, ao materializar determinado

---

<sup>18</sup> Sobre os níveis (assim interpretado por nós), retiramos da citação dos estudos de Fleshner presentes na obra de Gasparin (2012, pp. 127-129).

comportamento, rememore o conteúdo assimilado, ou seja, o esporte total e o *fair play*, mesmo que apenas no campo do pensamento.

Para obter resultados positivos, neste caso, é fundamental e necessário contrapor sistematicamente as velhas noções às novas nos exercícios de aula, pois a apresentação repetida de contraposições unidas forma diferenciações, distinguindo os dois significados do termo – o cotidiano e o científico. (GASPARIN, 2012, p.129).

Como explicitado por Gasparin (2012), com o exercício das práticas esportivas ressignificadas e das contraposições é que poderá surgir a modificação dos comportamentos esportivos nos alunos.

Para finalizarmos a descrição deste momento no processo, segundo a Pedagogia histórico-crítica, transcreveremos abaixo a explicação dada por Gasparin (2012) fazendo uso de uma analogia muito oportuna para este trabalho, o futebol:

A Catarse assemelha-se, por isso, a um grito de gol como explosão de uma torcida organizada. É a conclusão de todo um trabalho. Entretanto, o gol começou a acontecer bem antes, quando os jogadores do mesmo time, enfrentando os adversários, começaram a construí-lo a partir do meio do campo. A passagem da bola, de forma eficiente e adequada, entre as traves é apenas a conclusão de todo o esforço despendido pelos jogadores na busca de seu objetivo. O gol foi construído passo a passo, até sua realização completa, mas ele não aconteceu só no instante final, e sim durante todo o tempo do jogo. Assim é o processo de construção do conhecimento, da apropriação dos conteúdos. (GASPARIN, 2012, p. 129).

##### 5. *prática social no ponto de chegada*, ou seja, a efetivação.

O ponto de chegada é a própria *prática social*, compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Nesse ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por suposto, já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica. Essa elevação dos alunos ao nível do professor é essencial para compreender-se a especificidade da relação pedagógica. Daí por que o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que é aí que se realiza, pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese; em conseqüência, manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor. (SAVIANI, 2012b, p.72).

Dadas as explicações do método da pedagogia histórico-crítica, passemos agora para a descrição das práticas educativas.

## 4.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS.

No contexto da pedagogia histórico-crítica, o conceito de prática pode ser transposto para o de práxis – “um conceito sintético que articula a teoria e a prática.” (SAVIANI, 2008a, p. 141). Tal articulação de teoria e prática já se faz presente há algum tempo nas práticas de Educação Física na escola. A articulação entre a prática e a teoria é dialética, porém, “a prática tem primado sobre a teoria, na medida em que é originante. A teoria é derivada. Isso significa que a prática é, ao mesmo tempo, fundamento, critério de verdade e finalidade da teoria.” (SAVIANI, 2008a, p.142). As práticas educativas devem partir de práticas sociais.

A prática é o ponto de partida e o ponto de chegada. Essa mediação explicita-se por meio daqueles três momentos que no texto chamei de problematização, instrumentação e catarse. Assinalo também que isso corresponde, no processo pedagógico, ao movimento que se dá no processo do conhecimento, em que se passa da síntese à análise pela mediação da análise, ou, dizendo de outro modo, passa-se do empírico ao concreto pela mediação do abstrato. (SAVIANI, 2008a, p.142-144).

As práticas educativas que esta pesquisa propõe partiram da prática social do esporte na escola. Uma prática excessivamente competitiva<sup>19</sup> que gerava em seus praticantes comportamentos esportivos violentos e outros comportamentos corruptos com a única finalidade de se obter a vitória. Esses comportamentos foram por nós observados e constatados em nossas práticas educativas de Educação Física da unidade escolar, na qual esta pesquisa foi realizada.

---

<sup>19</sup> Ser excessivamente competitivo, não necessariamente gera comportamentos corrompidos e/ou violentos. “[...]se pretendemos ensinar o esporte em sua plenitude, temos de ser capazes de ensinar nossos alunos a competir. E somente se aprende competir, competindo. Entretanto, não se trata de qualquer modelo de competição. Logo, esse modelo de competição tem o desafio de romper com a ideologia e o paradigma reducionistas, que sustentam os sistemas atuais, em que prevalece o ideário de ganhar a qualquer custo, o individualismo e a escravidão de resultados.” (REVERDITO, *et al.* 2008, p.43).

De início, as práticas educativas foram pensadas para serem realizadas em 10 aulas de 50 minutos cada. Porém as possíveis discussões e o tempo do processo ensino-aprendizagem só poderiam ser determinados pelo tempo dos alunos.

Como primeira prática educativa foi preciso que os alunos reconhecessem os comportamentos antidesportivos na prática esportiva, como prática social, estabelecida historicamente e passível de mudança para sua transformação, já que, como dito algumas vezes nesta dissertação, os comportamentos antidesportivos não são vistos como problema, como algo que necessite de transformação, são legítimos para os alunos. Muitos talvez, nem consigam dimensionar o problema, aí jaz a necessidade do estabelecimento da problematização. Algo como trazer “à tona”, tornar explícito o que se quer transformar. “A Problematização é um desafio, ou seja, é a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento.” (GASPARIN, 2012, p.33).

Com o estabelecimento da prática social e como primeira prática educativa foram escolhidos três vídeos e, sempre depois de cada exibição, foram feitas leituras do audiovisual segundo o método de Férres (1996), citado por Betti (2003), o qual considera que a leitura audiovisual é afetivo-intelectual, tem de levar em consideração o sensitivo e as emoções, por isso as perguntas norteadoras da reflexão sobre o audiovisual devem buscar em primeiro lugar saber quais emoções, sentimentos o vídeo gerou nos alunos, para depois passar para a análise racional-reflexiva e não o contrário. O racional-reflexivo deve ser o ponto de chegada. O método de Férres (1996) pode ser resumido assim:

1. leitura situacional – refere-se ao contexto do filme;
2. leitura narrativa – refere-se ao que acontece;
3. leitura formal – relativo ao como acontece;
4. leitura temática – relacionado ao por que acontece;
5. leitura avaliadora – que é análise do ponto de vista ideológico e ético, que se posiciona em relação à visão de vida, sociedade e valores transmitidos de forma implícita ou explícita, e avalia a si mesmo como espectador pelo tipo de reações que a obra despertou, que analisa se há conflito entre as reações iniciais, instintivas, e as reflexões críticas elaboradas durante o processo de análise.

Este foi o protocolo usado para a análise dos vídeos. Os cinco passos acima foram trabalhados em forma de discussão, com perguntas feitas por nós em cada passo a fim de mediar a reflexão.

Os vídeos escolhidos foram:

1. “Os piores fingimentos do futebol”. O vídeo mostra uma coletânea de encenações e fingimentos de jogadores e técnicos de futebol de campo para a obtenção de vantagens em partidas de campeonatos profissionais. Tem como trilha sonora uma música alegre que pode gerar a interpretação de se tratar de uma comédia. A duração do vídeo é de 2 minutos e 44 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R2Md583Mhm8>;
2. “Maradona 'Hand of God' Goal 1986 World Cup”. O vídeo mostra o gol feito com a mão, por Maradona na Copa do Mundo de Futebol de 1986, no México. O gol é narrado por um inglês. Duração: 59 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ccNkksrfls>.
3. “Dirty Football [Right To Play, Respect Fairplay, Fight Racism]”. O vídeo exhibe diversas jogadas agressivas, agressões e atitudes discriminantes, racistas, demonstrada por jogadores e técnicos de futebol de campo em partidas oficiais de campeonatos profissionais. Um *rap* de tom agressivo durante a apresentação das imagens realça a violência dos atos. Duração: 5 minutos e 4 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MnI-gYkhA4U>.

Esta prática teve enquanto objetivo que os alunos pudessem estabelecer as relações e identificar as contradições da prática social do esporte como uma prática, por diversas vezes, desonesta e violenta.

A segunda prática educativa também usa o que Betti conceituou (1997, p. 139), como “pedagogia da imagem” para constituir a *problematização* da prática social esportiva segundo o processo ensino-aprendizagem na pedagogia histórico-crítica.

Agora os vídeos mostram uma prática esportiva diferente, imagens de situações em que há o respeito ao adversário, ao jogo e atitudes de *fair play*. Trata-se de fazer uma oposição clara às imagens antes exibidas, com o intuito de gerar discussões a respeito da complexidade esportiva e suas manifestações por meio dos comportamentos esportivos:

1 – “Where Sports meets Humanity! Amazing Video!”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kJBLEPMcX2s>. O vídeo mostra cenas de diversos esportes onde os atletas demonstram comportamentos de *fair play*, honestidade, amizade e alegria. O caráter emocional do vídeo é realçado por uma música lenta, executada por piano e violino. Duração de 9 minutos e 42 segundos;

2 – “Fair Play Nottingham Forest X LEICESTER City”. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QI9vXV5CD\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=QI9vXV5CD_8). O vídeo é uma reportagem de um telejornal nacional que mostra a atitude de *fair play* de todo um time frente a uma fatalidade ocorrida em jogo prévio que foi anulado. A nova partida, segundo as regras, reiniciaria em outra data, do início, ou seja, sem nenhum dos times com gols no placar. Contudo, na partida anulada, o time que demonstrou a atitude de *fair play*, estava perdendo e não aceitou a nova partida iniciando com igualdade de placar, que para eles era indevida, apesar da legitimidade e legalidade segundo as regras do campeonato e do esporte. Duração de 1 minuto e 6 segundos;

3 – “Ética - Corredor Espanhol Ivan Fernandes Anaya” - Sergio Cortella. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_bRvG6Ohjuw](https://www.youtube.com/watch?v=_bRvG6Ohjuw). O vídeo narra a história de um corredor espanhol que em uma corrida estava em segundo lugar, muito próximo do primeiro colocado. O primeiro colocado, distraído, achando que a corrida já tinha terminado, que o percurso total da corrida já tinha sido feito, diminui o ritmo e começa a andar. O corredor espanhol tem a oportunidade de passá-lo e vencer a corrida, mas não o faz. Esta história real do vídeo é analisada sob o ponto de vista ético pela análise do filósofo Mário Sérgio Cortella, em um programa de televisão. Duração de 2 minutos e 49 segundos.

Estas duas primeiras práticas educativas referem-se à *problematização*, quando demonstram e discutem o esporte corrompido e seu contraponto, com a demonstração e discussão de comportamentos honestos e justos em práticas esportivas.

A terceira prática educativa refere-se a *instrumentalização*. Na *instrumentalização* discutimos o conceito de jogo e esporte e sua complexidade a partir de Caillois (1990), com falas adaptadas aos alunos do Ensino Médio. Apresentamos a definição de *fair play*. E fizemos um “resgate”, uma lembrança do jogo infantil, da manifestação lúdica presente nos jogos, o qual queremos que seja resgatado no esporte na escola.

De maneira sistematizada, abordamos o esporte como uma categoria do jogo e como prática social complexa que contém em si diversas manifestações e características de

práticas corporais sociais e culturais mantidas e/ou transformadas, determinadas pela história. Abordamos este esporte “total”<sup>20</sup> por meio de explicações e apresentação do quadro das categorias de jogo em Caillois (1990, p.77)<sup>21</sup> para os alunos, buscando que eles identificassem as diversas categorias de jogo que compõem a complexidade do esporte. Além deste quadro, foi apresentado o seu componente lúdico por meio do vídeo: “A Regra do Jogo”, assim como, as regras como níveis de regulamentação presentes nos jogos, por meio da explicação sobre os conceitos de *paidia*, jogo livre, infantil, com poucas regras, e *ludus*, ou seja, o jogo de regras fixas, estabelecidas e rígidas. Foi abordado principalmente o possível deslocamento de uma régua imaginária, que determina o jogo/esporte. Deslocar esta régua do *ludus* para a *paidia*. Não de um extremo ao outro, mas de forma gradual, em pequenos movimentos, até o equilíbrio de uma prática esportiva na escola, mesmo que competitiva em um campeonato interclasses, uma prática solidária, justa, libertadora e prazerosa, termos que remetem respectivamente ao espírito esportivo/*fair play*, à justiça e igualdade social, a democracia e ao desenvolvimento social do homem.

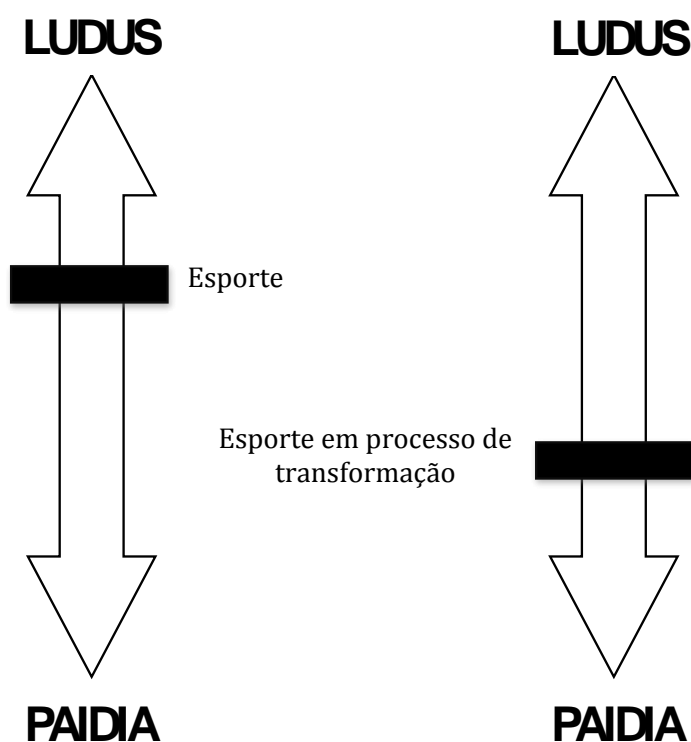


Figura 1 - Esporte e esporte em processo de transformação.

Fonte: autoria própria.

<sup>20</sup> Termo por nós elaborado.

<sup>21</sup> Pode ser observado no quadro II, já exposto nesta dissertação, na página 20.



É interessante perceber que a condução dos alunos nessa ressignificação do esporte na escola está ligada à origem da palavra *paidia* e aos jogos: já que para Caillois (1990) *paidia* é:

Em minha opinião, há que defini-lo como o vocábulo que abrange as manifestações espontâneas do instinto do jogo: o gato aflito com o novelo de lã, o cão sacudindo-se e o bebê que ri para a chupeta, representam os primeiros exemplos identificáveis deste tipo de atividade. Ela intervém em toda a animada exuberância que traduza uma agitação imediata e desordenada, uma recreação espontânea e repousante, habitualmente excessiva, cujo carácter improvisado e desregrado permanece como sua essencial, para não dizer única razão de ser. (CAILLOIS, 1990, p.48).

E para Saviani (2008a):

O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos ou local onde ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. Essa é a etimologia da palavra. Do ponto de vista semântico, o sentido alterou-se. No entanto a *paidéia* entre os gregos não significava apenas infância, *paidéia* significava a cultura, os ideais da cultura grega. Assim, a palavra pedagogia, partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura. (SAVIANI, 2008a, pp.74-75).

De forma a reafirmar e exemplificar este “novo”, talvez para os alunos, conceito de esporte, apresentamos o vídeo, curta-metragem, “A regra do jogo”. E discutimos o vídeo a partir do entendimento das categorias de jogo de Caillois e dos níveis de regra e liberdade, também do mesmo autor:

- “A regra do jogo”. Direção de Flavia Moraes. Content/Filmplanet. O curta metragem aborda o futebol de rua jogado por crianças, sem juízes, como prática prazerosa, amigável e regras decididas e estabelecidas pelas práticas, no desenrolar da história e da cultura esportiva criada por todas as crianças que a praticam. Regras democráticas e justas segundo os praticantes. O importante é o jogar e não a vitória exclusivamente. Duração: 10 minutos e 49 segundos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=p\\_onS72jy-g](https://www.youtube.com/watch?v=p_onS72jy-g).

Ainda referente a *instrumentalização*, fizemos também a apresentação da Carta sobre o Espírito Esportivo presente em Santos (2005). Discutimos cada item e artigo desta carta para nortear as decisões de conflitos nas partidas do campeonato interclasses.

**CARTA SOBRE O ESPÍRITO DESPORTIVO**  
(La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec - 1984)

Os educadores, os pais, os treinadores, os atletas, todos os praticantes desportivos são convidados a mostrar que possuem **Espíritos Desportivos**, cumprindo os dez artigos da Carta sobre Espírito Desportivo. A cada um compete procurar promover uma prática do desporto mais humana e mais formativa.

**Artigo 1**

Mostrar espírito desportivo é antes de tudo respeitar escrupulosamente todos os regulamentos; significa nunca procurar deliberadamente cometer uma infração aos regulamentos.

**Artigo 2**

Mostrar espírito desportivo é respeitar os árbitros do jogo. A presença de árbitros é absolutamente indispensável na competição. Eles têm um papel difícil e ingrato a desempenhar. Eles merecem o respeito de todos.

**Artigo 3**

Mostrar espírito desportivo é aceitar todas as decisões do árbitro, sem nunca pôr em causa a sua honestidade.

**Artigo 4**

Mostrar espírito desportivo é reconhecer com dignidade, na situação de vencidos, a superioridade do adversário.

**Artigo 5**

Mostrar espírito desportivo é aceitar a vitória com modéstia e sem ridicularizar ou diminuir o adversário.

**Artigo 6**

Mostrar espírito desportivo é saber reconhecer os bons resultados do adversário.

**Artigo 7**

Mostrar espírito desportivo é querer competir com igualdade de circunstâncias com o adversário. É contar apenas com o seu talento e suas capacidades para alcançar a vitória.

**Artigo 8**

Mostrar espírito desportivo é recusar ganhar por meios ilegais e/ou fraudulentos.

**Artigo 9**

Mostrar espírito desportivo significa para os árbitros conhecer bem todas as regras e aplicá-las com imparcialidade.

**Artigo 10**

Mostrar espírito desportivo é ser digno em todas as circunstâncias; é demonstrar controlo sobre si próprio. E recusar utilizar em qualquer situação a violência física ou verbal.

Fonte: "La Régie de la Sécurité dans les Sports du Québec" - Gouvernement du Québec (1994) e Câmara Municipal de Oeiras (Portugal) - Divisão de Cultura, Desporto e Turismo - Serviços de Desporto (1994).

Figura 2: Carta sobre o Espírito Esportivo

Fonte: SANTOS (2005)

Não só a Carta Sobre o Espírito Esportivo, mas os “novos” conceitos sobre jogo e esporte e o resgate do lúdico no esporte nortearam as discussões e decisões conforme surgiam divergências e problemas nas práticas esportivas.

A quarta prática educativa referiu-se à *catarse* no processo de aprendizagem. Após as primeiras práticas educativas, acreditávamos que os alunos pudessem, mediados por nós, organizar um campeonato esportivo interclasses, levando em consideração os conceitos, significados dados à prática esportiva e sua complexidade.

Nesta prática educativa, foi decidido em conjunto o tipo de disputa, a definição de regras básicas para o campeonato como, por exemplo, se um jogador expulso em uma partida estaria suspenso também na partida seguinte, também, a premiação e a resolução de problemas baseados no *fair play*, no diálogo, na igualdade de condições, no coletivo.

Estabelecemos que cada turma deveria designar três alunos para serem os árbitros e o mesário em jogos que sua turma não estivesse participando. Acreditávamos que os alunos como árbitros contribuiria para discussões significativas quanto a igualdade de condições, erros e falhas e justiça desportiva, e o processo de ressignificação da prática esportiva na escola. Não se trata aqui de gerar conflitos, mas uma tensão como diz Vago (1996) que nos faça pensar sobre a prática educativa, a prática social, o esporte, o esporte na escola e o desenvolvimento humano como dependente do Outro, da cultura e história social. Nesta prática educativa trabalhamos com os alunos as regras básicas do futsal e o preenchimento da súmula. Dúvidas quanto às regras foram esclarecidas conforme apareciam.

As práticas educativas seguintes referem-se aos jogos do campeonato interclasses. O campeonato foi estruturado em dois grupos com 4 turmas em cada grupo. As turmas, ou salas, de cada grupo foram decididas por sorteio, no horário do intervalo, para que todos os alunos pudessem participar. Dentro de cada grupo, todos jogam contra todos, em um total de 3 partidas por sala, 6 no grupo e 12 no total. Considerando os sexos masculino e feminino, foram 24 partidas no total desta primeira fase. Os dois primeiros colocados de cada grupo passaram para a segunda fase. Na primeira fase a vitória valeu 3 pontos, o empate 1 ponto para cada time e a derrota 0 pontos. Em caso de empate na pontuação para a classificação para a próxima fase, o desempate se daria respectivamente pelo número de vitórias, saldo de gols, gols a favor (gols pró), confronto direto entre os empatados.

Na segunda fase, o primeiro do grupo A enfrentou o segundo colocado do grupo B e o primeiro colocado do grupo B enfrentou o segundo colocado do grupo A, em

confronto direto, vitória simples, ou popularmente conhecido como “mata-mata”. Caso houvesse empate no tempo regulamentar, o desempate ocorreria por disputa de pênaltis, 5 cobranças de cada lado, dos jogadores que terminassem jogando no tempo regulamentar, inclusive o goleiro. Caso o empate persistisse, o desempate seria por cobrança simples de pênaltis, daqueles jogadores que ainda não tivessem cobrado, jogadores reservas, uniformizados, em quadra. Os times vencedores desta segunda fase disputam a primeira colocação. Os perdedores disputam a terceira colocação. No total, considerando os jogos masculino e feminino, o campeonato interclasses teve 32 partidas.

A participação como jogador no campeonato foi facultativa. Em súmula previamente preenchida estavam os nomes de todos os alunos homens de cada sala e nas partidas femininas, todas as alunas da sala. Não foi permitida a troca de sala, ou time pelos alunos.

As partidas só iniciavam com 5 jogadores em cada time em quadra. Em caso de não comparecimento de 5 jogadores de um dos times para o início da partida, o time que estivesse completo em quadra vencia a partida por W.O. com o placar de 3 gols a 0.

As decisões acima foram estabelecidas por nós, todas as outras que seguem, foram decididas no coletivo, durante as práticas educativas referentes à organização do campeonato. Os regulamentos do campeonato foram estruturados em formato de documento e afixados em quadro de avisos no pátio da unidade escolar. Também foram afixados neste quadro uma cópia da Carta Sobre o Espírito Esportivo, o calendário de jogos, o nome dos árbitros e mesário de cada partida, e uma tabela para acompanhamento da pontuação de cada time na primeira fase e os classificados para a segunda fase. Os árbitros e o mesário de cada partida foram escolhidos por sorteio. Caso os árbitros e o mesário sorteados fossem de um dos times que iria jogar, novos sorteios seriam realizados até o estabelecimento de árbitros e mesário que não sejam de qualquer um dos times que estavam jogando. Os casos omissos seriam decididos por breve deliberação coletiva, entre as partes envolvidas.

CAMPEONATO INTERCLASSES 2015

<u>GRUPO (A)</u>		(A)	P	V	E	D	GP	GC	SG	CV	CA	F	(A)	V	D	SG	SP
2C		2C											2C				
3A		3A											3A				
2A		2A											2A				
1C		1C											1C				
<u>GRUPO (B)</u>		(B)	P	V	E	D	GP	GC	SG	CV	CA	F	(B)	V	D	SG	SP
1B		1B											1B				
3B		3B											3B				
1A		1A											1A				
2B		2B											2B				

Figura 3 – Divisão das salas em Grupo A e Grupo B/Tabela para pontuação.

CRONOGRAMA DOS JOGOS INTERCLASSES

13/10/2015 - TERÇA-FEIRA

7:00 (A) 2C X 3A — ARBITRAGEM — 1B  
 7:30 (B) 1A X 1B — " — 2C  
 8:00 (A) 1C X 2A — " — 3B  
 8:30 (B) 2B X 3B — " — 3A  
 9:00 (A) 2A X 3A — " — 1A

VOLEIBOL

10:00 (A) 2C X 3A  
 10:30 (B) 1A X 1B  
 11:00 (A) 1C X 2A  
 11:30 (B) 2B X 3B  
 12:00 (A) 2A X 3A

14/10/2015 - QUARTA-FEIRA

7:00 (B) 1A X 2B — ARBITRAGEM — 2A  
 7:30 (A) 1C X 2C — " — 2B  
 8:00 (B) 1B X 3B — " — 1C  
 8:30 (A) 1C X 3A — " — 1B  
 9:00 (B) 1B X 2B — " — 2C

VOLEIBOL

10:00 (B) 1A X 2B  
 10:30 (A) 1C X 2C  
 11:00 (B) 1B X 3B  
 11:30 (A) 1C X 3A  
 12:00 (B) 1B X 2B

Figura 4 – Cronograma dos jogos.

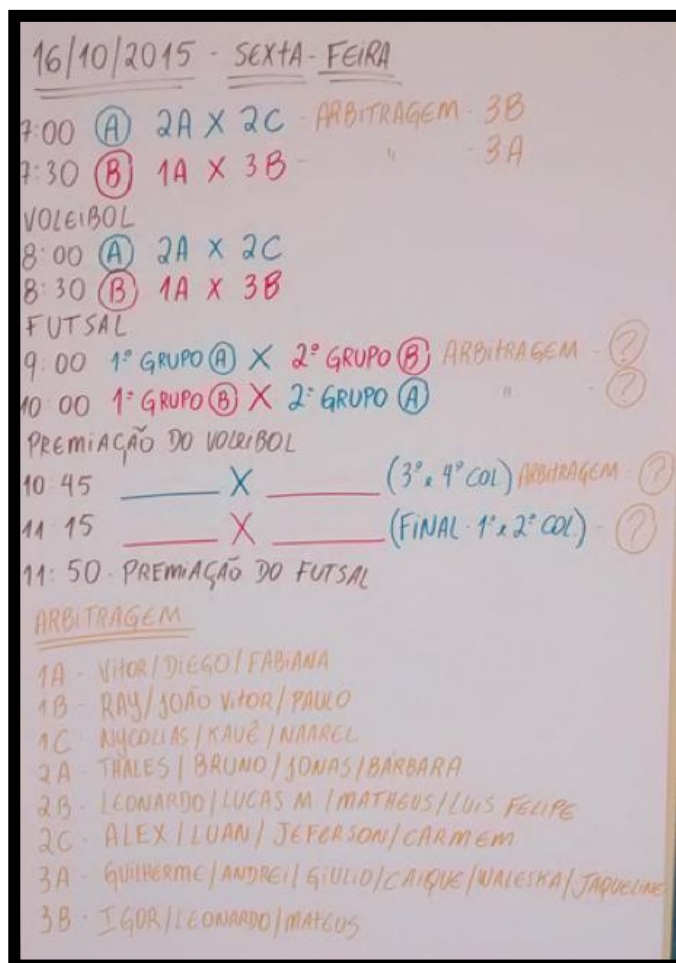


Figura 5 - Cronograma dos jogos e arbitragem.

As decisões, regras do campeonato, em coletivo foram: votação, ou voluntariado dos alunos árbitros e mesário; a premiação, se todos da sala receberiam medalhas mesmo sem jogar, ou somente aqueles que jogassem, respeitando a divisão do campeonato por sexo masculino e feminino; punições e suspensões, cartões amarelos e vermelhos.

A pedido e após votação em todas as turmas, o esporte do campeonato interclasses para as meninas foi modificado de futsal para voleibol. A estrutura do campeonato continuou a mesma. As turmas sorteadas nos grupos foram as mesmas para o futsal masculino e o voleibol feminino. Na primeira fase, a fase de grupos, foram classificadas as duas turmas que tinham mais vitórias em cada grupo, em partidas com vitória por melhor de 3 sets. Caso houvesse o empate no número de vitórias, o desempate seria feito por saldo de sets (sets ganhos menos os sets perdidos). Para o início das partidas de voleibol era obrigatório a presença em quadra de seis alunas constituindo o time da sala. Caso isso não

acontecesse, a sala que estivesse presente venceria por W.O. caracterizando 2 sets a 0. Caso as duas salas que fossem se enfrentar não estivessem por completo na quadra, a partida não ocorreria e seria declarada a vitória à sala que tivesse mais alunas presentes, vitória por 2 sets a 0.

Para melhor visualização da condução das práticas educativas segue abaixo um quadro que as resumem:

	O QUÊ? PORQUÊ?	COMO? DE QUE MODO? RECURSOS DIDÁTICOS
<b>PRÁTICA SOCIAL</b>	O esporte “corrompido”, comportamentos esportivos histórico e culturalmente enraizados como comportamentos legítimos: “malandragem”, “malícia”, faltas desnecessárias, violência, corrupção, doping, humilhação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da pesquisa pensada a partir de reflexões sobre campeonatos interclasses de práticas esportivas em anos anteriores.</li> <li>• Explicitação do ponto de partida, o esporte “corrompido” e breve discussão de como serão os procedimentos das práticas educativas.</li> <li>• Tempo aproximado: 15 minutos.</li> </ul>
<b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>	<p>O esporte “corrompido”, comportamentos esportivos histórico e culturalmente enraizados como comportamentos legítimos: “malandragem”, “malícia”, faltas desnecessárias, violência, corrupção, doping, humilhação.</p> <p>Os contrapontos do esporte corrompido, atitudes de <i>fair play</i>, práticas esportivas justas, que buscam a igualdade de condições nas disputas, espírito esportivo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos vídeos: “Os piores fingimentos do futebol”; “Maradona 'Hand of God' Goal 1986 World Cup”; “Dirty Football [Right To Play, Respect Fairplay, Fight Racism]”.</li> <li>• Apresentação dos vídeos: “Where Sports meets Humanity! Amazing Video!”; “Fair Play Nottingham Forest X LEICESTER City”; “Ética - Corredor Espanhol Ivan Fernandes Anaya - Sergio Cortella”.</li> <li>• Análise dos vídeos segundo a “pedagogia da imagem” proposta por Betti (2003, p.103), segundo ideias de Férres (1996) para a leitura do áudio visual.</li> <li>• Tempo aproximado: 100 minutos ou 2 aulas de 50 minutos cada.</li> </ul>

<p style="text-align: center;"><b>INSTRUMENTALIZAÇÃO</b></p>	<p>Construção de uma definição de esporte a partir do jogo.</p> <p>Resgate do lúdico no esporte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da definição de esporte segundo Caillois (1990):</li> <li>• Resgate do lúdico no esporte/jogo. Apresentação do curta-metragem: “A regra do jogo”.</li> <li>• Análise do vídeo segundo a “pedagogia da imagem” proposta por Betti (2003, p.103), segundo ideias de Féres (1996) para a leitura do áudio visual.</li> <li>• Apresentação e discussão da “Carta sobre o Espírito Desportivo”.</li> <li>• Tempo aproximado: 50 minutos ou 1 aula.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>CATARSE</b></p>	<p>Construção, elaboração coletiva de um campeonato esportivo norteado pelo “novo” conceito de esporte, pelo conceito de <i>fair play</i>, e pelo resgate do lúdico, do prazer nas práticas esportivas, mediadas pelo professor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção, elaboração coletiva de um campeonato esportivo interclasses norteado pelo “novo” conceito de esporte, pelo conceito de <i>fair play</i>, pelo resgate do lúdico, do prazer nas práticas esportivas, mediadas pelo professor.</li> <li>• Propostas: <ul style="list-style-type: none"> <li>○ alunos como árbitros;</li> <li>○ resolução de conflitos imediata por discussão e comum acordo tendo os artigos da Carta sobre o Espírito Desportivo como norteadora;</li> <li>○ outras decisões, elaborações, organização e procedimentos.</li> </ul> </li> <li>• Tempo aproximado: 100 minutos ou 2 aulas de 50 minutos cada.</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>PRÁTICA SOCIAL</b></p>	<p>Diversas formas de avaliação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação do “comportamento esportivo” dos alunos durante o Campeonato;</li> <li>• Observação das propostas para organização e execução do campeonato;</li> <li>• Conceituação de jogo, esporte, <i>fair play</i>, lúdico.</li> <li>• Tempo aproximado: 175 minutos ou 5 partidas de futsal compostas de dois tempos de 10 minutos cada, com 5 minutos de intervalo entre os tempos mais 50 minutos para discussões após o encerramento ou após cada partida do Campeonato interclasses.</li> </ul>



### 4.3 OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Esta pesquisa caracteriza-se por ser uma pesquisa que se utilizou como técnica a observação participante, na qual o pesquisador é “o principal instrumento de observação”, a partir de anotações em diário de campo, durante as práticas ou logo após o seu término, juntamente com videogravações feitas durante as práticas, com o intuito de reforçar e descrever minuciosamente as observações feitas. (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1994, p. 155)

As práticas educativas foram realizadas com todas as turmas da unidade escolar, porém só as turmas referentes aos primeiros anos do ensino médio, três ao todo: 1º A, 1º B e 1º C, foram videogravadas, pois práticas educativas relacionadas ao *fair play* já tinham sido aplicadas por nós em anos anteriores. Por se tratar de unidade escolar exclusiva de ensino médio, alunos dos 1<sup>os</sup> anos são ingressantes na escola, salvo alguns poucos que repetiram o 1º ano, e não tiveram aulas sobre o tema. As práticas educativas foram tanto aquelas ministradas por meio de discussões e explicações em sala de aula, quanto aquelas em formato de partidas esportivas no campeonato interclasses.

Nossas observações das práticas foram registradas em diário de campo e videogravadas com câmera de alta resolução. Nossas falas e as dos alunos foram transcritas segundo protocolo NURC - Norma Urbana Culta (RAMILO e FREITAS, 2001).

No entanto, há de se fazer uma ressalva, apenas as falas inteligíveis dos alunos foram transcritas, pois durante as discussões e situações no campeonato, apesar de nossa constante solicitação para que os alunos fizessem suas colocações um por vez, muitas das falas se interpuseram impossibilitando a transcrição de todas elas. “Um sujeito relacional que negocia sentidos para além do seu corpo biológico é social e historicamente situado. Assim, há uma impossibilidade de conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz, [...]”. (PINTO, 2010, p.72).

Assim, as “falas”<sup>22</sup> não verbalizadas, ou sonorizadas (comportamentos corporizados, situações sem falas, gestos, movimentos com significado(s) e significativos para o recorte que esta pesquisa propõe estudar), foram descritos em diário de campo e transcritos no corpo desta dissertação segunda a norma culta da língua portuguesa no Brasil.

---

<sup>22</sup> Linguagem corporal.

A análise se caracteriza enquanto interpretativa apoiando-se nos princípios teóricos dos estudos do desenvolvimento humano segundo Vigotski (1982, 1995, 1997 e 2001) e autores afins, segundo a pedagogia histórico-crítica de Saviani (2008a, 2008b, 2012a e 2012b) e autores que nele se apoiam e no conhecimento construído no processo de pesquisa sobre o esporte, o esporte na escola e o *fair play* apoiados em diversos autores e documentos que nos referenciamos sobre estes conteúdos.

A escolha dos trechos descritos e transcritos baseou-se no desenrolar do processo das práticas educativas, buscando-se apreender indícios da possível ressignificação do esporte competitivo escolar e discorrer sobre as determinações que regem o significado do esporte, da prática esportiva na escola pelos alunos.

## 5. ANÁLISE INTERPRETATIVA

Ministradas e videogravadas as práticas educativas, analisamos o que disseram os alunos sobre o esporte, esporte (prática esportiva) na Educação Física escolar, pautados na concepção de totalidade desta prática social construída, no conceito de *fair play* como algo que transcende o apenas respeitar as regras do jogo/esporte e sim o coletivo, a vida em sociedade, a dependência do Outro para nosso desenvolvimento como seres humanos.

O que os alunos disseram não se limitou a vocalização, a verbalização, em palavras, mas também na expressão corporal, nos comportamentos, gestos, movimentos, estes observados nas práticas educativas em sala de aula e nas situações de jogo, nas partidas do campeonato interclasses.

Uma pesquisa em que se propõe a analisar as práticas educativas, na qual o pesquisador é também o professor, requer um distanciamento na condução da investigação o que, nem sempre, é um exercício fácil, pois é uma condição de conflituosa relação entre ser, ao mesmo tempo, pesquisador e professor, refletindo sobre as próprias práticas educativas no exercício da profissão construída ao longo de nossa história de vida pessoal e profissional. O conflito entre expectativas e realidade, entre o querer e o realizar, tais condições se apresentaram nas análises.

### 5.1 ANÁLISE DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

A análise interpretativa das práticas educativas se baseou na matriz materialista histórica e dialética, no conceito de esporte total construído ao longo desta pesquisa, no conceito de *fair play*, no desenvolvimento humano dentro da perspectiva histórico e cultural (VIGOTSKI, 1997) e no conceito de educação segundo a pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2008a).

Logo nas primeiras práticas educativas, na problematização, explicamos aos alunos que segundo acordo firmado entre nós, haveriam aproximadamente 4 aulas de 50 minutos cada, em sala de aula, onde discutiríamos conceitos de esporte, jogo, *fair play*,

ludicidade, esporte competitivo na escola, mídia, com o intuito de transformar a prática esportiva e seus comportamentos em partidas do campeonato anual interclasses.

Antes mesmo de iniciar as práticas educativas, muitos alunos demonstraram repúdio por ficar em sala de aula, para as *aulas teóricas*, segundo as falas dos alunos, em vez de “ir para quadra”, ter *aula prática*. Podemos apreender das falas dos alunos o que dizem Saviani e Duarte (2012, p. 3)

Preconiza-se como ambiente próprio a uma escola dinâmica e adequada ao século XXI a reprodução da dispersão em diversas atividades simultâneas que só se podem realizar de forma superficial e imediatista. Concentração, esforço intelectual e abstração para aproximar o aluno aos clássicos do conhecimento são coisas tidas como pertencentes a um passado inapelavelmente superado.

Segundo nossa percepção, os alunos saberem, antecipadamente, que haveriam duas práticas educativas em sala de aula contribuiu para a desatenção e agitação destes frente ao conteúdo exposto, manifestados por eles na forma de indisciplina. Foi necessário firmarmos novo acordo para que os mesmos retomassem a atenção nestas primeiras práticas e se esforçassem para participar das discussões. Acreditamos que esta situação demonstra a diferença entre o autoritarismo e a autoridade do professor.

Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, **à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.** (SAVIANI, 2008, p.13 – grifo nosso)

Como o objetivo das práticas era uma discussão aprofundada dos conceitos, com participação ativa dos alunos, modificamos de imediato o cronograma das práticas, que surtiu o resultado esperado, mas não sem uma reflexão sobre o que motiva os alunos, qual a importância da escola, do conhecimento sistematizado? O que leva os alunos a não se conterem em sala de aula? Nossa análise enxerga certas determinações históricas e culturais

fruto de uma “cultura consumista” (BAUMAN, 2008), que não admite os possíveis ganhos de um processo de ensino-aprendizagem mais profundo sobre a prática esportiva, o que levaria certo tempo, tempo em sala de aula, para discussões e conceituações, algo torturante para alunos imersos nesta cultura do imediato, do prazer instantâneo. Pouco adiantaria exercer nossa autoridade de professor mantendo-os na sala de aula.

A partir daí, fizemos uma “aula teórica” e uma “aula prática”, junto ao professor de Educação Física da unidade escolar que vinha nos substituindo em nosso cargo, por semana, até o início do campeonato. O professor de Educação Física que nos substituiu nas aulas foi convidado a assistir as práticas educativas, as quais foram ministradas nas aulas de Educação Física regulares, o que por vezes aconteceu, com intervenções nas discussões, sendo que por outras vezes optou por ficar na sala dos professores, sem participar das práticas, mesmo se tratando de aulas atribuídas à ele e que nos foram cedidas para a pesquisa.

Expusemos para os alunos que, para o campeonato interclasses do ano vigente, cada turma designaria, por votação entre os componentes da sala, três alunos que seriam os árbitros e o mesário dos jogos, por esta razão eram necessárias para as práticas educativas um conhecimento mais aprofundado da historicidade e cultura que compõe a prática esportiva.

Dito isso, muitos alunos já se manifestaram alegando que eles mesmos como árbitros não iria *dar certo*, iria *dar briga*. É provável que tal pensamento, por parte dos alunos, surja da crença de que todos farão algo ilícito que lhes tragam vantagens, ou que eles não possuem o conhecimento suficiente das regras para uma partida minimamente justa.

De qualquer forma, tais falas aconteceram anteriormente as práticas educativas. Os alunos ainda não haviam caminhado pelo processo para, talvez, considerar outras possibilidades.

A prática social de onde partíamos para as nossas práticas educativas eram as práticas esportivas em campeonatos interclasses anteriores realizados nesta mesma escola em que aplicamos nosso trabalho. Em nossa concepção, a prática social esportiva realizada pelos alunos em anos anteriores necessitava de mediações e novo direcionamento, pois apresentava claras distorções de valores, valores egoístas, individualistas, de desprazer. Contudo, reiteramos que esta visão partia da nossa concepção do que o esporte realmente deve estar a serviço, no ensino-aprendizagem de valores que busquem o bem coletivo, o equilíbrio nas emoções e relações interpessoais, a justiça social.

Segundo a pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2008a), o ensino-aprendizagem parte de uma prática social, que no caso desta pesquisa é a prática esportiva no formato de partidas em um campeonato interclasses escolar anual. Em seguida, parte-se para a problematização, ou a identificação dos principais problemas da prática social. Pelo nosso olhar, os principais problemas da prática social (prática esportiva) eram claros e explícitos, o que não se confirmou como realidade na fala dos alunos, confusos, talvez, pelos exemplos que os mesmos recebem da mídia:

O meio esportivo e a mídia atual tem exercido um papel questionável, ora valorizando a ação honrada e ética do atleta, ora enfatizando a necessidade do atleta agir visando levar vantagem por meio de uma conduta duvidosa. A mídia por ter percebido a importância do esporte-espetáculo, vem investindo em informações, notícias e propagandas sobre esportes em geral, algumas vezes sobressaltando a qualidade do atleta que atua com ética numa determinada situação, e por vezes tem fomentado atitudes e valores antidesportivos, à medida que, é crescente o distanciamento dos praticantes em relação aos ideais do fair play. (FERRAZ, SOUZA e CHAVES, 2008, p. 326).

Vale ressaltar que no desenvolvimento do processo, pudemos perceber que em nossa atuação como professor – ao mesmo tempo pesquisador –, que conduziu as práticas educativas junto aos alunos, apresentamos, talvez, condutas autoritárias quanto a explicitação de valores morais de uma ética esportiva pessoal, fruto de nosso desenvolvimento histórico e cultural na prática esportiva, de nossa formação docente.

Quando o professor experimenta a ambiguidade do seu lugar, ele consegue, juntamente com os alunos, administrar a violência intrínseca ao seu papel. Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns – os limites de fechamento e de tolerância. Portanto, nem autoritarismo e nem abandono [...] O professor ocupa o seu lugar limitador, mas ele também abre brechas que permitirão ao aluno negociar e viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar-escola e o nós-alunos. (GUIMARÃES, 1996, p.79).

Após essas breves considerações, passemos às descrições e análises das práticas educativas desenvolvidas. Segue abaixo as falas dos alunos após a exibição de vídeos, já identificados e explicitados anteriormente, que mostravam encenações e infrações

às regras em partidas esportivas, com o objetivo de se obter vantagens no jogo, como o gol de mão do Maradona na Copa do Mundo de Futebol de 1986.

Alertamos que a ordem da fala dos sujeitos, caracterizados como aluno 1, 2 e assim sucessivamente, se refere à ordem de manifestação dos alunos.

### **15/09/2015 - Práticas Educativas 01 e 02 - Problematização – 1º A**

Após assistirem o vídeo que mostra o gol de mão do Maradona.

*Aluna 1*                      *E depois que eles viram esse vídeo?*

A análise que podemos chegar com esta fala única, na verdade ainda resume parte do que a Educação Física escolar continua a sofrer, um esvaziamento dos conteúdos, para uma prática mascarada de “lúdica”, que na verdade ainda se resume a atividades livres, sem a intervenção do professor, um tempo de lazer na escola. Chegamos a tal conclusão, já que é perceptível na fala desta aluna, o desconhecimento do desenrolar de partidas esportivas. Caso lhe fosse ensinado o mínimo sobre o conteúdo Futebol na escola, saberia que a decisão do árbitro dentro do campo é soberana, e se o gol foi validado, não há como voltar atrás.

O que a Educação Física escolar tem ensinado? Uma discussão antiga, mas ainda presente.

Não fica claro para os alunos qual o conhecimento estruturado da Educação Física, a não ser, a prática de exercícios físicos localizados e a prática de modalidades esportivas executados à exaustão e sem explicações necessárias dos porquês [...] Podemos dizer que, atualmente, em alguns casos, essa aula serve de mera recreação compensatória ao trabalho em sala de aula. (NISTA-PICCOLO e MOREIRA, 2012, p.9).

Sabendo que a prática esportiva e o esporte são fenômenos indelévels de uma sociedade global, os alunos deveriam conhecer o mínimo sobre os esportes para que pudessem apreciá-los e criticá-los.

Pode parecer extremada tal análise, usando apenas uma frase, de uma aluna, mas esta agrega a fala de muitos outros alunos que chegam ao ensino médio sem saber quantos jogadores tem em cada time no futsal, ou no handebol<sup>23</sup>. A justificativa dos alunos por não saberem o mínimo dos quatro conteúdos esportivos clássicos da Educação Física escolar, ou seja, o futsal, o voleibol, o handebol e o basquete, resume-se a uma pergunta retórica direcionada aos professores e com quase absoluta certeza, não só aos professores de Educação Física: - *Porque eu preciso saber disso?* Saviani e Duarte (2012) discorrem sobre este esvaziamento de conteúdos, pois fala-se tanto de tudo e secundariza-se o que realmente possa formar cidadãos conscientes de sua cidadania e de determinações que os impedem de se organizarem em busca de uma sociedade mais justa, livre, onde todos possam jogar o jogo da vida em igualdade de condições, o *fair play*.

Observamos durante a apresentação risadas dos alunos ao assistirem diversas faltas violentas em esportes diversos, mas em sua maioria no futebol de campo.

*Professor*                      *Vocês sabem por que surgiu a falta?...*

*Aluno1*                         *Pra um não matar o outro...*

*Professor*                      *Vocês já devem ter ouvido isso... faz falta... para o lance... o que vocês fariam?*

*Aluno2*                         *Fio... eu levantava o cara... dava uma cotovelada no peito dele...*

*Aluno3*                         *Ó uma frase que eu ouvi... a bola passa... o jogador não.*

Nestas falas podemos comprovar o que é pregado sobre a prática esportiva competitiva, muito provavelmente em turmas de treinamento, ou “escolinhas” de futebol ou outros esportes. O termo “pregado” esta sendo usado justamente para reforçar o caráter quase religioso/espiritual de uma ideologia da “vitória-a-qualquer-custo”, do “seja-bem-sucedido-ou-nem-tente”.

---

<sup>23</sup> Fato constatado em nossa prática como professor, há 8 anos ministrando aulas de Educação Física escolar para o ensino médio.



Do ponto de vista da sociedade como um todo, essa ruptura entre o significado e o sentido das ações humana atinge níveis absolutamente destrutivos na sociedade capitalista contemporânea. Na verdade, esse processo social de alienação poderá levar a catástrofes sociais e ambientais sem precedentes na história humana se não houver uma mudança radical na lógica do metabolismo social, como mostrou István Mészáros (*Para além do capital e O século XXI: socialismo ou barbárie?*).

O trabalho torna-se algo externo e estranho à personalidade do indivíduo quando, na realidade, deveria a atividade centrar-se em termos do processo de objetivação da personalidade do indivíduo. Sem a possibilidade dessa objetivação, a personalidade fica restrita, limitada em seu desenvolvimento. Igualmente, o indivíduo não tem na atividade de trabalho, com raras exceções, algo que o impulse a se apropriar de conhecimentos, habilidades e valores que o enriqueçam como ser humano. (DUARTE, 2004, p.37).

No contexto deste trabalho a ação humana que fala Duarte (2004) se refere ao esporte. A ruptura do significado e do sentido do esporte se daria quando a prática esportiva se torna apenas a busca por vitória. Rompidos o sentido e o significado do esporte, a prática esportiva se resumirá a competição e, conseqüentemente, terá como único fim, o de sobrepujar o adversário, o de vencer um outro, que é inimigo sem mesmo sabermos por quê.

Sabemos que os valores do esporte (*fair play*) não são transpostos, transferidos para a vida de forma total, e imediata. “Através do esporte, aprende-se a dialogar com a vida, com outro ser humano, de uma maneira civilizada ou cívica, respeitando o outro e seus desejos, com uma aceitação jurídica dos mesmos direitos.” (NEUENFELDT e CANFIELD, 2001, p.34).

Contudo, a prática esportiva, por ser conteúdo escolar, deve ser interiorizada e transposta para a vida em sociedade. Os comportamentos na prática esportiva, sejam estes anti-*fair play* ou não, devem estar atrelados à vida em sociedade para promover o pensamento crítico quanto a justiça e igualdade de condições no jogo e na vida.

### **15/09/2015 - Práticas Educativas 01 e 02 - Problematização – 1º B**

*Professor*                      *O que é encenação?*

*Aluno1*                              *Distorção da verdade...*

*Professor*                      *(Das encenações). E em outros esportes? Isso acontece?*

- Aluno2* Não... por exemplo no vôlei não tem isso... pelo menos eu nunca vi...
- Professor* Encenação... fingimento... não são só em faltas... com contato físico...
- Aluno3* (Se referindo ao voleibol) Se a bola pegou dentro do campo... se a bola foi fora... se relou na rede ou não... tem em todos os esportes... eu acho...
- Professor* É normal esse tipo de coisa?
- Aluno4* Normal não... comum...
- Professor* É... comum... quem já fez esse tipo de coisa?
- Aluno5* Opa... (aluno levanta a mão).
- Professor* Por que?
- Aluno5* Para ganhar o pênalti... porque eu ia perder e o outro ia fazer o gol...
- Professor* E você acha certo?
- Aluno6* Claro que é... se você não roubar os outros roubam...
- Aluno5* É... o mundo é dos espertos...
- Professor* O que ele fez foi certo? (nos referindo ao Maradona quando fez o gol de mão)
- Aluno5* O errado foi o goleiro...
- Professor* Por que o goleiro?
- Aluno5* Bate nele... (se referindo ao goleiro fazer falta no Maradona)
- Prof. Substituto* Isso aconteceu em 86... na quadra já existe a tecnologia... quando acontece um lance duvidoso... eles analisam a imagem no vídeo e tiram a dúvida... no futebol ainda não tem... mas futuramente vai ter...



Se dividirmos essas primeiras falas dos alunos em duas partes, constataremos que para os alunos, as encenações são algo comum nos esportes, que os mesmos alegam usar deste artifício para obter vantagens e que a atribuição de valores, certo ou errado, depende do que é feito pela maioria, ou o que eles acreditam ser feito pela maioria: *se você não roubar os outros roubam*. Há aqui um certo fatalismo na fala deste aluno, um desacreditar na honestidade e no jogo justo/*fair play* que, talvez, seja reflexo de nossa sociedade, escravizada pelas relações individualistas, onde a verdade<sup>24</sup> é distorcida em favor de alguns (nas palavras do próprio aluno sobre encenações: *distorção da verdade*).

Os efeitos adiaforizantes (ou seja, que declaram certas ações impregnadas de escolhas morais “eticamente neutras” e as isentam de avaliação e censura éticas) tendem, contudo, a ser atingidos em nossos dias principalmente por meio da substituição da “responsabilidade *pelos outros*” pela “responsabilidade perante *si próprio*” e pela “responsabilidade para *consigo mesmo*” reunidas em uma só. A vítima colateral do salto para a versão consumista da liberdade é o Outro como objeto de responsabilidade ética e preocupação moral. (BAUMAN, 2008, p. 120).

O esporte, não possui, na visão dos alunos, um significado coletivo, abrangente, social, mas individual. Para os alunos, no universo do esporte, as regras de convívio social são mais brandas e assim menos importantes, o que os alunos são como jogadores não reflete o que eles são como seres humanos, como cidadãos, assim, pouco importa como chegar a vitória, desde que ela seja alcançada. Tal visão dos alunos sobre o esporte é similar à constatação de Caillois:

As emaranhadas e confusas leis da vida diária são substituídas, nesse espaço definido e durante esse tempo determinado, por regras precisas, arbitrárias, irrecusáveis, que têm de se aceitar como tais e que presidem ao correcto desenrolar da partida. Se o trapaceiro as viola, pelo menos finge respeitá-las. Não as discute: abusa da lealdade dos outros jogadores. Sob este ponto de vista, temos de estar de acordo com os autores que sublinharam que a desonestidade do trapaceiro não destrói o jogo. O que destrói é o pessimista que denuncia o caráter absurdo das leis, a sua natureza meramente convencional, e que se recusa a jogar porque o jogo não tem sentido. Os seus argumentos são irrefutáveis. (CAILLOIS, 1990, p.27).

---

<sup>24</sup> Verdade no contexto desta pesquisa é entendida como as regras do esporte e o *fair play*.

O esporte como conteúdo escolar, que promova a educação, deve extrapolar este universo, que para Caillois (1990) difere do universo da vida, assim os valores do esporte podem ser pensados e assimilados pelos alunos, como valores que devam ser exercidos também em suas vidas, em suas relações sociais. Como conceito construído durante nossa pesquisa, o esporte total admite ser influenciado por diversos fatores, assim como o desenvolvimento humano e a vida em sociedade e “o problema educativo do esporte reside justamente em lidar com estas tendências, em fazer com que as influências exógenas não tornem as tendências ‘negativas’ maiores do que as ‘positivas’.” (BETTI, 1988, p. 35).

Na segunda parte, que nas falas transcritas se inicia com nossa pergunta: *é normal esse tipo de coisa?* Expõe nossa ânsia, como professor/pesquisador, em promover uma prática esportiva justa, prazerosa e educativa. A palavra “normal” na pergunta transcrita, reflete uma colocação enviesada para a interpretação da violação da regra do esporte futebol, exemplificada pelo gol de mão do Maradona, em algo errado, deixando os alunos com pouca margem para construírem suas próprias interpretações da imagem. Contudo, em um momento de profunda lucidez, um dos alunos corrige nossa fala, dizendo *normal não... comum...* e demonstra a heterogeneidade no processo de aprendizagem e construção do conhecimento pelos alunos.

Em outras partes de nossa fala, também aparecem induções na interpretação das imagens: *e você acha certo? O que ele fez foi certo?* E mesmo com tais induções, há dificuldade em identificar valores e condutas pautadas na igualdade de oportunidades e disputa. O foco dos alunos na interpretação do comportamento presente nas imagens está no único (segundo os alunos) objetivo do jogar, ou praticar um esporte competitivo – a vitória e não nas relações sociais por meio do lúdico, na superação, no rendimento.

A consciência da importância do rendimento não é recente, nem poderá ser atribuída em exclusividade a qualquer corrente filosófica ou política, mas um valor que perpassa todos os homens, estando, por tal, inscrita na humanidade. O desporto moderno, bem como outras manifestações consideradas como partes integrantes do discurso do desporto, não são mais do que formas referenciadas à luz do quadro axiológico da modernidade para exprimir esta categoria humana. Pela simplicidade da linguagem – percebida por todos – o desporto denominado (erradamente, pois todos o são) de competição ganhou assim uma visibilidade na expressão da categoria rendimento, mas de forma alguma se poderá imputar-lhe a gênese dessa categoria. Esta é intrínseca ao ser humano e revela-se através de um sem número de formas, inclusive as desportivas, com a inegável vantagem da

avaliação e da evolução do seu rendimento serem facilmente reconhecidas por todos; (GARCIA, 2015, p.168).

Seguindo na análise, o professor substituto, percebendo a seriedade que o contexto da imagem, de uma Copa do mundo de futebol, gerou nas discussões, relembra o período histórico do acontecido e prevê que a tecnologia, ou seja, o registro de imagens em vídeo, futuramente estará a serviço dos árbitros para minimizar os erros. Esta fala do professor substituto aproxima o esporte à vida em sociedade e atribui um peso, segundo nosso pensamento, demasiado alto para a prática, ao mesmo tempo que demonstra a dialética entre os valores, deveres e direitos do esporte e da vida em sociedade. Surgem perguntas em nosso pensamento, que talvez possam ter surgido no pensamento dos alunos: se o esporte é tão importante assim, não seria o caso de transformar certos comportamentos e suas consequências passíveis de penalidades legais? Um jogador que fere outro seriamente em uma partida esportiva poderia ser acionado legalmente por agressão, lesão corporal? Se em uma sociedade consumista, o valor das relações interpessoais é determinado pela quantidade de dinheiro envolvido, qual o real valor educacional, moral, legal do futebol e outros esportes que movimentam quantias exorbitantes em dinheiro? De qualquer forma, enveredamos por outra discussão após a fala do professor substituto, retomamos a discussão no campo moral e ético, do *fair play*, quando dissemos: - *Legal... mas vamos pensar... precisaria de tudo isso?*, já que víamos a dificuldade dos alunos em atribuir quem estava certo e quem estava errado quando disseram: - *O errado foi o goleiro...*, [...] *O árbitro...*, [...] *Os três, o jogador, o goleiro e o árbitro.... Se no jogo todo mundo erra... não tem como acertar tudo*, na fala de um dos alunos, entramos em um terreno perigoso eticamente, atribui-se a outros o dever de provar que algo ou alguém esteja ou tenha feito algo fora das regras, ou “todos são inocentes até que se prove o contrário”<sup>25</sup>. Tentamos exaltadamente, quando falamos: - *Que isso gente...*, recolocar os acontecimentos dos fatos nas imagens em ordem cronológica, para que os alunos os interpretassem em sequência, já que existia um comportamento inicial que desencadeou todos os outros a partir dele, que na imagem analisada foi o Maradona colocar a mão na bola para que esta tomasse a direção do gol, mesmo assim, não houve consenso, o que acabou por gerar duas falas que demonstram a descrença na conduta moral dos homens e na possibilidade de mudança nas condutas morais por meio de práticas educativas: *eh... ele confundiu o vôlei com o futebol...; ah... se acha que ele ia pedir pra voltar o lance*, se referindo ao Maradona admitir que tocou a bola com as mãos. Os alunos querem encerrar a discussão, não acreditam

---

<sup>25</sup> Frase de uso comum advinda da base legal.

na mudança de comportamento, não veem necessidade da discussão. Não conseguem fazer a transposição dos fatos para suas realidades e ascender a uma discussão ética mais abrangente. Estão imersos no contexto específico do vídeo, da Copa do Mundo de futebol e do Maradona, um contexto sem possibilidade de acontecer com eles e assim, sem importância, uma discussão louca, sem propósito ou utilidade prática. *Vocês estão todos loucos!*

Ora, a opinião, o conhecimento que produz palpites, não justifica a existência da escola. Do mesmo modo, a sabedoria baseada na experiência de vida dispensa e até mesmo desdenha a experiência escolar, o que, inclusive, chegou a cristalizar em ditos populares como: “mais vale a prática do que a gramática” e “as crianças aprendem apesar da escola”. É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola. (SAVIANI, 2008a, p.15).

Parafraseando Saviani em citação acima, é a exigência de apropriação de um esporte mais humano, educativo, justo, com valores para a vida em sociedade, que torna necessária a existência do *fair play* como pilar de sustentação para o ensino do esporte na escola.

Risadas durante a apresentação da coletânea de vídeos com faltas violentas.

*Professor*                      *O que aconteceu nestes vídeos?*

*Aluno1*                         *Briga...*

*Aluno2*                         *Faltas...*

*Aluno3*                         *Rivalidade...*

*Professor*                      *Tá... existe falta necessária?*

*Aluno4*                         *Claro... para ganhar o jogo...*

*Aluno1*                         *Às vezes o cara é mais rápido que você... ele tá indo livre pro gol...  
você tem que fazer a falta pra parar ele...*

*Professor*                      *Tem que fazer?*

*Aluno1*                         *É... tem que fazer...*

- Aluno2*                    *É... senão você toma o gol...*
- Aluno1*                    *Melhor você ser expulso e seu time ganhar do que você não fazer nada e tomar um gol bobo... perder o jogo...*
- Aluna1*                    *Mas por exemplo... às vezes o cara fica provocando e você tem que bater mesmo...*
- Professor*                *O cara tá te provocando e você vai e dá um soco nele... quem tá errado?*
- Aluno1*                    *Você.*
- Aluna1*                    *Pra mim é quem provocou.*
- Aluno1*                    *Toda vez que ele dribla o cara... ele apanha... só de você estar driblando o cara... de ter uma habilidade maior que ele... ele já quer bater em você.*
- Professor*                *Mas porque está assim? Só de você ser melhor que o adversário... ele já quer bater em você... isso é muito comum em esportes coletivos com bola... se o cara faz uma jogada mais habilidosa vocês consideram como humilhação... eu poderia fazer um paralelo com a natação... por exemplo... quando aparece um fenômeno como o Michael Phelps... 8 medalhas de ouro... os outros atletas não se sentem humilhados... eles vão estudar o cara... como ele nada... o que ele come... como ele treina... pra tentar chegar no cara... agora no futebol... o cara dar uma caneta... dar um chapéu... é considerado uma humilhação... ele tá só demonstrando a sua habilidade...*
- Aluno1*                    *É... tem que ser igual o Pelé... parar até guerra.*
- Professor*                *Ele está mostrando a habilidade dele.*
- Aluno5*                    *É verdade.*
- Aluno1*                    *É verdade.*



Estas falas demonstram que o esporte esta relacionado ao conceito de batalha, guerra e que a palavra *rivalidade* resume a visão dos alunos, tornando os adversários no esporte em inimigos. Como professores de Educação Física, precisamos em nossas aulas, desconstruir este conceito de rivalidade, que em nossa análise está associado ao individualismo, se tudo é extremo, como em uma guerra, ou batalha, o mais importante se torna o “eu” e suas necessidades, mesmo em um esporte coletivo, a responsabilidade cai sobre o indivíduo e assim, este responde com condutas extremas: *melhor você ser expulso e seu time ganhar do que você não fazer nada e tomar um gol bobo... perder o jogo.*

O peso dado às condutas e comportamentos em uma partida esportiva é pessoal e relativo, destitui a responsabilidade individual pelo coletivo e torna a responsabilidade individual como a única a se considerar. Bauman (2008) discorre de forma brilhante sobre esta destituição da responsabilidade do indivíduo para com o coletivo:

O segundo argumento em favor da necessidade – na verdade, inevitabilidade – de uma regulação normativa operada socialmente, e portanto também de uma coerção social restringindo a liberdade individual, foi baseado numa premissa bem diversa: a do desafio ético a que os seres humanos estão expostos pela própria presença de outros, “pelo apelo silencioso da face do Outro”. Esse desafio precede todos os ambientes ontológicos socialmente criados e construídos, administrados e monitorados – os quais tentam neutralizar, ordenar e limitar o desafio dessa responsabilidade, de outro modo ilimitada, a fim de torna-la sustentável e passível de convivência.

Nessa versão, mais amplamente elaborada por Emmanuel Levinas, mas também trabalhada por Knud Logstrup em seu conceito de “demanda [ética] implícita”, a sociedade é vista basicamente como um dispositivo para reduzir a responsabilidade pelo outro, essencialmente incondicional e ilimitada, a um conjunto de prescrições e proscições mais de acordo com a capacidade humana de se arranjar. Como sugere Levinas, a principal função da regulação normativa, e também a principal causa de sua inevitabilidade, é transformar a responsabilidade essencialmente *incondicional e ilimitada* pelo Outro em *condicional* (em circunstâncias selecionadas com clareza) e *limitada* (a um grupo seletivo de “outros”, com considerável menor do que a totalidade dos seres humanos, e o que é mais importante, mais exíguo e portanto mais fácil de manejar do que a indefinida soma total de “outros” que pode acabar despertando o sentimento de responsabilidade inalienável e ilimitada dos sujeitos). (BAUMAN, 2008, p.115).

Atestando mais uma vez, que em uma sala, alunos podem se encontrar em níveis diferentes de desenvolvimento no processo de aprendizagem (MARTINS, 2013), um dos alunos faz um comentário que demonstra uma consciência superior da prática esportiva e

mesmo que, ainda, neste momento da fala (problematização) não estarmos avançados no processo de ensino-aprendizagem: *Toda vez que ele dribla o cara... ele apanha... só de você estar driblando o cara... de ter uma habilidade maior que ele... ele já quer bater em você.*

### **17/09/2015 - Práticas Educativas 01 e 02 - Problematização – 1º C**

Sobre o vídeo do gol de mão do Maradona.

*Professor*                      *Nesse lance aí... é certo... é errado... tem certo e errado?*

*Aluno1*                         *Pra mim não...*

*Professor*                      *Pra você não? Por que?*

*Aluno1*                         *É uma penalidade... mas o juiz não viu... é problema dele ué.*

*Aluna1*                         *Pra mim ele tá errado pelo que fez... e o juiz tá errado por ter aceitado isso.*

*Professor*                      *Mas o juiz não viu.*

*Aluno2*                         *Eu acho que se fosse do time da Inglaterra... eu abandonava a partida.*

*Professor*                      *Você abandonava a partida... mas se você abandonasse a partida ia perder do mesmo jeito.*

*Aluno2*                         *Depois eu ia atrás dessas imagens e ia reclamar...*

*Professor*                      *O que vale é a decisão do árbitro... na hora.*

Uma prática esportiva educativa parte da ética, parte do *fair play*. O esporte total admite a complexidade da prática esportiva, do jogar, que é a complexidade própria do ser humano e da vida em sociedade. As falas acima permitem identificar a relevância dada ao esporte para a vida, no exercício da cidadania.

Não há nada que mostre melhor o papel civilizador do jogo do que as contenções que habitualmente o opõem à avidez natural. É ponto assente que o bom jogador é aquele que sabe prever à distância, com desapego e uma certa aparência, pelo menos, de sangue frio, os maus resultados do mais aturado esforço ou da mais desmesurada aposta. A decisão do árbitro, ainda que injusta, é, por princípio, aprovada. (CAILLOIS, 1990, p. 68).

O esporte tem dessas contradições. Fica claro que é preciso ensinar os alunos a perder e perder com dignidade, mesmo que seja “injusto”. As injustiças do jogo e da vida não podem determinar nossos comportamentos, porém, nossos comportamentos só poderão ser modificados com a prática, o exercício dos mesmos, a vivência das frustrações e contradições de sermos humanos.

No jogo as coisas refletem uma ordem muito peculiar, uma ordem que, por um lado, tomamos como séria e vinculativa, mas que, por outro lado, também não levamos muito a sério. Vivificar, aumentar e alargar os horizontes da vida e das perspectivas individuais e sociais, conservar a alegria originária, a ingenuidade e criatividade infantis, ativar emoções e sentimentos marginalizados na rotina do quotidiano – eis exemplos daquilo que poderemos experimentar no jogo.

Acrescentemos a isto a experiência da liberdade, tão importante num tempo em que é surpreendentemente suicida a desproporção existente entre a liberdade de que gozam os jovens e o desconhecimento aterrador das consequências e responsabilidades de seu uso. (BENTO, 2013, p.97).

Não se trata, como pode parecer para alguns, da moralização do esporte, ou do ato de criar indivíduos subservientes, passivos e apáticos em relação às injustiças da vida. O disciplinar, visto como construção de algo maior, de uma concepção de mundo onde todos somos dependentes uns dos outros, se torna educar e faz-se necessário.

A vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social (sobretudo numa sociedade complexa como a nossa). A escola, por sua vez, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas apenas como prescrição castradora, e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Mais do que subserviência cega, a internalização e a obediência a determinadas regras pode levar o indivíduo a uma atitude autônoma e, como consequência, libertadora, já que orienta e baliza suas relações sociais. Neste paradigma, o disciplinador é

aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites. (REGO, 1996, p.86).

### **22/09/2015 - Práticas Educativas 03 e 04 - Instrumentalização – 1º A**

Após explicarmos o porquê da pesquisa e das práticas educativas, alegando que em campeonatos interclasses anteriores, sempre havia brigas e não se encontrava mais pessoas da comunidade, da cidade, dispostos a apitar os jogos voluntariamente, obtivemos como comentário:

*Aluno1*                      *Põe a diretora pra apitar.*

Podemos analisar esta colocação do aluno de duas maneiras. A primeira em tom jocoso, com a intenção de desclassificar o campeonato e a diretora da escola. A segunda análise parte de que os professores de uma maneira geral e pessoas da comunidade não são mais considerados como figuras de autoridade e por esta razão, mesmo como árbitros das partidas do campeonato, não conseguiriam evitar as brigas, transferindo a responsabilidade de um bom andamento das partidas para os árbitros e não para cada jogador conjuntamente com os árbitros e os torcedores, ou todas as pessoas envolvidas na realização do campeonato. Só a diretora, como figura hierárquica maior, conseguiria manter os jogadores/alunos calmos em um jogo limpo, já que ela possui o poder de punir mais severamente os alunos/jogadores com sanções que iriam além das quatro linhas da quadra e partiria para as regras escolares como: advertências, suspensões, chamar os pais para esclarecimentos.

O problema da autoridade não é exclusivo da escola, mas de toda uma sociedade que foca no individualismo e no prazer imediato. Qualquer pessoa ou acontecimento que esteja bloqueando, ou atrasando a satisfação pessoal, individual e egoísta do indivíduo é encarada como ameaça a ser eliminada. A imaturidade de se achar o centro da vida e necessitar de todas suas vontades serem supridas, descaracteriza toda e qualquer figura de autoridade, já que ninguém saberia o que é melhor para um indivíduo a não ser ele mesmo. Tal comportamento, já vem de uma formação anterior a da escola, que encontra nela regras que descontroem, ou deveriam desconstruir, esta personalidade imatura e hedonista.

Desse ponto de vista, o *reconhecimento da autoridade* externa (do professor, no caso) pressupõe uma infra-estrutura psicológica, moral mais

precisamente, anterior à escolarização. Esta estruturação refere-se à introjeção de determinados parâmetros morais apriorísticos, tais como: permeabilidade a regras comuns, partilha de responsabilidades, cooperação, reciprocidade, solidariedade etc. Trata-se, pois, do *reconhecimento da alteridade* enquanto condição *sine qua non* para a convivência em grupo e, consequentemente, para o trabalho em sala de aula. (AQUINO, 1996, p.45).

Os professores e gestores educacionais não devem temer esta constante tensão que se faz na escola ao lidarmos com alunos diversos vindos de formações morais, familiares também diversas, ainda mais em relação ao esporte, que como citado anteriormente, carece de respeito por aqueles que realmente estudam tal fenômeno de forma aprofundada e que sim, podem e devem opinar com mais propriedade do que “especialistas” de diversos segmentos profissionais que não a Educação Física.

O papel da escola, então, passa a ser o de fermentar a experiência do sujeito perante a incansável aventura humana de *desconstrução e reconstrução* dos processos imanentes à realidade dos fatos cotidianos, na incessante busca de uma visão mais dilatada de suas múltiplas determinações e dos diferentes pontos de vista sobre eles. Isto, a nosso ver, define o conhecimento no seu sentido lato. (AQUINO, 1996, p.52).

## **22/09/2015 - Práticas Educativas 03 e 04 - Instrumentalização – 1º B**

Explicando sobre o que sofremos sendo o árbitro de campeonatos interclasses anteriores, obtivemos como comentário:

*Aluno1*                      *Mas professor... você não sabe que o árbitro é o cara que mais toma xingo?*

*Professor*                      *Pessoal... isso que é pesquisa... eu estou dando essas aulas pra vocês... mas eu não sei o que vai acontecer... pode chegar no campeonato e ser tudo a mesma coisa.*

*Aluno1*                      *Eu acho que nada vai mudar... ainda mais futebol.*

O aluno afirma que *nada vai mudar* mesmo sem ter participado de todas as práticas educativas, de todo o processo a que esta pesquisa se propunha, resolvemos então seguir com a prática para talvez mais adiante retomar uma possível discussão a partir da fala deste acima. Contudo, nos ocorreu a importância de deixarmos a transcrição das falas acima, que ilustram mais uma vez a descrença e desesperança em comportamentos que se distanciam do que é determinado pelo contexto atual do esporte, principalmente do esporte dito espetáculo e das ideias postas pelos meios de comunicação sobre ele, que em sua maioria não defendem o esporte que defendemos neste trabalho.

*Professor*                    *O esporte tem características de vertigem?*

*Aluno1*                        *Claro... só de entrar na quadra em jogo na escola já dá um frio na barriga.*

*Professor*                    *Quem já jogou um jogo... passou duas a três horas e você nem percebeu que tinha passado tudo isso de tempo?*

*Aluna1*                        *Eu... imagem e ação.*

*Aluna2*                        *Banco imobiliário.*

*Professor*                    *O esporte tem características de sorte?*

*Aluna1*                        *Claro que tem... você tem que ter sorte pra ganhar.*

*Professor*                    *Não só isso... às vezes em uma partida acontece coisas... que você não consegue controlar.*

Em partes, continuando a discussão sobre “figuras de autoridade” das falas anteriores, percebemos o fatalismo e determinismo de alguns papéis referentes ao esporte, no caso, os árbitros. É comum e aceitável duvidar e desclassificar as marcações e decisões dos árbitros, não só no esporte, mas acreditamos que mais fortemente em alguns esportes do que outros. Mais uma vez desloca-se a responsabilidade de um jogo justo para a condução dos árbitros. Se, como jogadores, usarmos de artifícios eticamente e moralmente questionáveis, cabe aos árbitros retomarem o equilíbrio de forças na partida.

Tendo já explicado aos alunos o intuito de nossa pesquisa, pelo menos era nossa hipótese inicial que buscávamos comprovação, de que práticas educativas esportivas pautadas no *fair play*, na construção de um conceito de esporte complexo, passível de mudança, e da dependência do conhecimento e do desenvolvimento humano à história cultural coletivamente construída por nossas relações sociais de mútua dependência, “eu” e os Outros, poderíamos promover a resignificação do esporte e conseqüentemente da prática esportiva nos alunos para uma prática mais justa, educativa e prazerosa, após a fala do aluno sobre “ser árbitro”, resolvemos retomar a explicação, que gerou uma resposta pessimista: *Eu acho que nada vai mudar... ainda mais futebol.*

Retomamos então a construção do conceito de esporte total como algo complexo e multifacetado, partindo das categorias de jogo de Caillois (1990), com algumas perguntas que mediavam a assimilação deste conceito: - *O esporte tem características de vertigem? O esporte tem características de sorte?* Finalizamos com uma fala que caracteriza a imprevisibilidade do desenrolar de uma prática esportiva competitiva com o objetivo de retirar o peso do direcionamento das condutas e comportamentos exclusivamente à vitória. Se um jogo esportivo tem muito de imprevisível, cabe àqueles que jogam fazerem o melhor possível, dadas às circunstâncias, assim, mesmo perdendo a partida, outra vitória esta garantida, a de que a busca por superação foi atingida.

O jogo desportivo é uma rara oportunidade do homem reencontrar e assumir a variedade e naturalidade de acepções do Ser humano. Nomeadamente a da humildade resultante do confronto com as dificuldades da sua inabilidade e incapacidade, como fermento para a aceitação de si e dos outros. O jogo desportivo socializa na vitória e na derrota. É uma ação renovadora e enriquecedora, porque permite experimentar ações sem as conseqüências que teriam num ato sério; permite acumular respostas de tipo novo dificilmente atingíveis de outro modo e abordar problemas que normalmente ficariam por tratar. Reproduz tensões e contradições da vida, tornando-as suportáveis e resolúveis, por exemplo, a tensão entre ordem e desordem, que encontramos em muitos jogos infantis, ou a tensão entre sucesso e insucesso que perpassa quase todo o desporto. O jogo altera e inverte papéis e situações: quem até agora perdeu pode ser em breve o vencedor; quem ganha hoje pode estar seguro de que isso não acontecerá sempre. (BENTO, 2013, pp.96-97).

**22/09/2015 - Práticas Educativas 03 e 04 - Instrumentalização – 1º C**

*Aluno1*                      *Professor... sabe por que eu acho que nada disso vai dar certo? Porque os alunos são tudo birrento.*

*Professor*                      *São o que?*

*Aluno1*                      *Birrento.*

Não estendemos a discussão neste momento, optamos por retomar após nossa defesa da complexidade do esporte.

*Professor*                      *O que é jogo e o que é esporte?*

*Aluno1*                      *Jogo é diversão... esporte é profissional.*

Estendendo a discussão sobre os objetivos primeiros desta pesquisa que foi contado aos alunos, outra sala, agora a turma do 1º C conclui que nada vai mudar em relação aos comportamentos em situações de jogo. A justificativa dada pelo aluno é que todos os alunos da escola são *birrentos*, que segundo nossa interpretação significa imaturos. Interessante confirmar esse entendimento dos alunos sobre seus comportamentos, o que podemos caracterizar como primeiro passo para a mudança, mudança de atitude, de comportamento, e do que o esporte significa para estes alunos no ambiente escolar e fora dele. Percebemos também que não há certeza de como resolver tal problema, o que reforça o papel fundamental do professor de Educação Física como mediador desta aprendizagem moral do esporte. Acreditamos que a busca por um esporte mais justo e prazeroso faça parte do desejo dos alunos, que se veem presos às determinações que os cegam, que não os deixam ver alternativas que promovam um esporte mais humano e realmente unificador, integrador dos seres humanos.



A pedagogia revolucionária é crítica. E, por ser crítica, sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado. Entretanto, longe de pensar, como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social, dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade. (SAVIANI, 2012b, p. 65-66).

Concluindo, por meio de uma pergunta, tentamos ensinar o conceito de esporte total, fazendo-os pensar sobre o jogo e o esporte, que nesta visão, a do esporte total, estão imbricadas e possuem estreita relação: *o que é jogo e o que é esporte?* Um dos alunos responde: *jogo é diversão... esporte é profissional*. Tal resposta nos dá uma excelente oportunidade, um momento único para reafirmar que o esporte é jogo, e o jogo, esporte, e que a diversão proporcionada pelo jogo, mais “solto”, livre, infantil, lúdico, despreocupado, mesmo que competitivo, deve ser resgatado no esporte competitivo que estará presente no campeonato interclasses da escola e por que não em outros momentos da vida destes alunos quando praticarem esportes?

Em seguida, expomos outra categoria do jogo em Caillois (1990), que integra o esporte total, por meio de um exemplo de simulacro, contando a história de uma de nossas aulas como professor de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, ou seja, alunos com 06 ou 07 anos, em que propusemos um jogo de futebol como atividade e que após um dos alunos ter feito gol, o mesmo correu para o alambrado que cercava a quadra, onde não havia ninguém assistindo a aula, e fez um gesto como que para a torcida ficar quieta, trazendo o dedo indicador junto a boca. O professor perguntando o porquê daquele gesto ao aluno, o mesmo não soube responder. Comentário após a história:

*Aluno1*                      *Ele assiste televisão demais.*

*Professor*                      *Onde ele viu isso? (nos referindo ao gesto).*

*Aluno1*                      *Na televisão.*

*Professor*                    *Ele viu em algum lugar... na televisão... ele tá só reproduzindo alguma coisa que ele viu.*

Com este exemplo e comprovado pela fala do aluno, conseguimos mostrar a influência da mídia, do que é assistido nos jogos televisionados, nos programas esportivos, nas mídias sociais, na *internet*, etc. como mediadora de comportamentos esportivos e antidesportivos nas práticas, seja de crianças, adolescentes ou adultos (BETTI, 1997).

Também pudemos discutir com os alunos, que no exemplo dado, a criança, não possui instrumentos intelectuais suficientemente desenvolvidos para criticar tais comportamentos, o que já é possível com adolescentes, desde que estes estejam dispostos a pensarem a prática, a cultura corporal, que é um exercício ativo, buscado pelo aluno, ou mediado por outrem, que no ambiente escolar é primordialmente o professor.

#### **28/09/2015 - Práticas Educativas 05 e 06 - Catarse – 1C**

Dos árbitros.

*Professor*                    *Alguém quer ser árbitro?*

*Alunos*                      *(silêncio).*

*Professor*                    *Alguém quer ser árbitro?*

*Alunos*                      *(não houve resposta).*

*Aluno1*                      *Eu quero ser mesário... árbitro nem pensar.*

*Professor*                    *Gente... todas as salas vão ter dois árbitros e mesário.*

*Aluno1*                      *Então tá... eu vou ser árbitro.*

*Aluno2*                      *Mas eles (se referindo aos meninos que se dispuseram a serem árbitros) não vão poder apitar pra nossa sala né?*

*Professor*                    *Não... só em outros jogos.*

Nestas falas dos alunos percebemos que a maioria entende a responsabilidade direcionada aos árbitros e assim procuram se esquivar de tais responsabilidades ou desacreditam ser capazes de apitar um jogo de forma justa e correta por desconhecimento de todas as regras do esporte jogado. Porém, vale lembrarmos que o esporte trabalhado nas práticas educativas foi um esporte mais amigável e despreocupado, próximo dos jogos *agôn* (jogos de competição) em torneios, como discorre Caillois:

No Ocidente cristão, os torneios desempenham o mesmo papel, uma vez que ensinam que o ideal não é derrotar um qualquer por meio qualquer, mas sim a vitória alcançada em igualdade de oportunidades sobre um concorrente que se aprecia e a quem se ajuda, se preciso for, usando apenas os meios permitidos, porque previamente combinados, num lugar e durante um período determinados. (CAILLOIS, 1990, p. 130).

No curta-metragem exibido sobre o futebol de rua, *A Regra do Jogo* (2011), apresentava uma disputa entre crianças onde não havia juízes. O se esquivar das responsabilidades de assumirem o papel de árbitros está diretamente relacionado à preocupação de que os alunos durante os jogos não assumam a visão de uma prática esportiva mais amigável, ou da não assimilação do conceito de esporte total, que admite e incorpora as práticas antidesportivas afim de transformá-las e que principalmente está ancorado na complexidade desta prática social e no diálogo para a resolução de possíveis conflitos, exemplificado na última fala de um aluno nesta parte da transcrição que acabamos de analisar: *Mas eles (se referindo aos meninos que se dispuseram a serem árbitros) não vão poder apitar pra nossa sala né?*

Seria possível que os alunos de uma mesma sala estejam desconfiados a ponto de não querer que estes apitem jogos de sua própria sala? Talvez a análise das próximas falas possa responder nossa pergunta.

Da premiação

*Professor*                      *Vai receber medalha só quem jogou ou todos da sala?*

*Aluna1*                              *Só quem jogou... por que receberia quem não jogou?*

- Professor*                    *Só quem vai jogar?*
- Aluna1*                        *É lógico... quem não vai jogar não merece.*
- Aluno1*                        *Claro... quem joga é que sofre falta... faz gol.*
- Professor*                    *Mas assim... torcida não ajuda no jogo?*
- Aluno2*                        *Ajuda... mas na nossa torcida não vai ter ninguém... (número de alunos na sala é pequeno e a maioria disse que não jogaria e faltaria nos dias do campeonato).*

As falas acima são de alunos de uma das salas da unidade escolar pesquisada, mas vale ressaltar que em todas as salas, a maioria dos alunos e também a maioria no total de alunos na escola, escolheram não entregar, não receber premiação quem não jogasse, para receber, o aluno teria que pelo menos estar no banco de reservas. Mesmo reforçando que o campeonato era um campeonato interclasses, ou seja, entre as classes que formam a escola e que as classes não eram compostas somente pelos alunos que jogariam, o individualismo falou mais alto, *é lógico... quem não vai jogar não merece*. E não apenas quem não joga, mas também aqueles que jogam mal, ou não são habilidosos também não merecem receber medalha. A ditadura do ser habilidoso para poder praticar um determinado esporte reflete nossa sociedade que exige “habilidades e competências” para que uma pessoa exerça alguma profissão (exemplo paralelo), mas não admitem o tempo para o aprendizado, ou seja, querem alguém com “experiência” sem proporcionar possibilidades para o ganho desta experiência.

Acreditamos que tal visão é refletida também na Educação Física escolar, principalmente com o conteúdo esporte. Vemos um crescente desgosto dos alunos pelas aulas de Educação Física, medo da exposição de seus “defeitos” como jogadores, de suas inabilidades como praticantes, escravos da eficiência imediata, sem esforço; do determinismo místico-biológico (nascer com um dom, talento, ser alto, forte, etc.); dos extremos, ou se é bom, habilidoso para ter permissão de participar, de jogar um esporte, ou não se é habilidoso, não é bom, assim sendo, não é socialmente aceitável participar, jogar. O equilíbrio, o meio termo, não existe. E mesmo que em um jogo de futebol tivéssemos um “Pelé” e um “Zé Mané”, o convívio dos extremos não seria possível. *Ajuda... mas na nossa torcida não vai ter*

*ninguém... (número de alunos na sala é pequeno e a maioria disse que não jogaria e faltaria nos dias do campeonato).*

A análise acima foi confirmada na semana do campeonato, muitos alunos faltaram todos os dias dos jogos e no campeonato feminino tivemos impressionantes 10 partidas vencidas por W.O.<sup>26</sup> devido a ausência de jogadoras de um dos times para o início do jogo, de um total de 16 partidas.

#### Das penalidades e punições

*Aluna2*                      *Professor... a gente só tem 5 meninas que jogam (a sala tem mais meninas) se a jogadora expulsa ficar suspensa a gente não joga o próximo jogo (já que pela regra, explanada pelo professor, para iniciar a partida de futsal, lembrando que o esporte do campeonato para as meninas ainda não tinha sido decidido, era necessário haver 5 meninas em quadra, o campeonato organizado desta forma faria com que os alunos se organizassem para que mais colegas de sala participassem, mesmo que no banco de reservas).*

*Aluno1*                      *Claro que não... se expulsar tem que ficar fora do próximo jogo.*

*Aluno2*                      *Larga a mão de ser burro... se ficar fora, o time vai ficar fraco.*

*Aluno1*                      *Mas quem disse que eu vou ser expulso?*

*Aluno2*                      *Então tá... se você for expulso a gente quebra você depois... vacilão.*

*Aluno3*                      *Professor... se tipo... um jogador simular falta vai tomar cartão amarelo?*

*Professor*                      *Aí fica a critério do juiz.*

---

<sup>26</sup> W.O. ou Walkover (em Inglês): “the act of winning one stage of a competition without having to compete in it because the person that you should be playing against is no longer taking part”. O ato de vencer uma etapa de uma competição sem ter que competir por que o adversário que deveria estar competindo não compareceu (tradução nossa). Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/walkover#translations>. Acesso em: 29 de abril de 2016.

*Aluno3 Tomara que a gente pegue um juiz da hora. (O trio de arbitragem, pelas regras do campeonato, seria sorteado, as salas que estivessem jogando não poderiam ter árbitros de suas próprias salas apitando).*

Os alunos foram rígidos, em sua maioria, quanto a decisão das punições. *Claro que não... se expulsar tem que ficar fora do próximo jogo.* A rigidez na decisão das punições era direcionada sempre às outras equipes e seus jogadores, havendo divergências e contradições quanto ao critério, ou seja, os alunos queriam a rigidez na aplicação das punições para os outros mas não para eles mesmos. Os critérios para as decisões das punições partiam sempre do ponto de vista pessoal, no sentido individual, do time à que alguém pertencia. Levava certo tempo para que eles percebessem que o que fosse decidido valeria para todas as equipes, em uma falta de visão total da prática esportiva, do coletivo. Quando acontecia da percepção das punições para todos, os times que tinham poucos alunos que jogariam o campeonato argumentavam a favor de punições mais brandas, admitindo que haveriam, sem sombra de dúvidas para eles, transgressões às regras, expulsões, faltas violentas. *Larga a mão de ser burro... se ficar fora, o time vai ficar fraco.*

O contra argumento partia então da premissa que eles eram detentores da moral e bom comportamento esportivo. *Mas quem disse que eu vou ser expulso?* Mas não sem a desconfiança e incerteza comum em situações de jogo. Uma coisa era discutir hipóteses, outra, a realidade no momento do jogo. *Então tá... se você for expulso a gente quebra você depois... vacilão.* Apesar da violência explícita na fala do aluno, para quem lê, o mesmo não foi caracterizado no instante da fala. Analisando as videogravações das práticas, percebemos que o modo como foi dito, não condiz com a violência que pode gerar na interpretação de quem lê. Por muitas vezes vimos violências ou atitudes desleais disfarçadas em bons comportamentos ou atitudes. Tais questões, as de comportamento e intenções, e discernimento sobre estas, agora percebemos, só poderiam ser perceptíveis em uma unidade escolar em que estivéssemos familiarizados com o perfil dos alunos e da comunidade escolar. É comum entre os adolescentes desta unidade escolar, quando amigos próximos, lidarem uns com os outros com falas agressivas, mas que não caracterizam agressões. Estes tratamentos, acontecem na maioria das vezes entre amigos próximos, sejam do sexo masculino ou feminino.

Dada a contextualização das falas neste trecho analisadas, podemos dizer que os alunos tinham consciência que emoções geradas no ato de jogar, de disputar uma partida competitivamente, trabalhariam contra o autocontrole e a mansidão. Existia a dúvida no pensamento dos alunos quanto ao seu próprio agir, como se a prática esportiva estivesse no controle de seus corpos e não o contrário. O exercício do autocontrole é um dos valores inalienáveis do esporte, algo a ser aprendido e ensinado como outro comportamento. (GARCIA e LEMOS, 2009).

O que seria um *juiz da hora*? Segundo nossa análise, o *juiz da hora* é aquele mais brando nas punições, que saiba das regras reais (aquelas próprias do esporte) e das “regras culturais” (aquelas implícitas, que só quem é “boleiro” sabe que são “normais”). Os mais habilidosos, aqueles que treinavam em escolinhas de futsal e futebol da cidade, que disputavam campeonatos municipais e regionais, eram os “boleiros”, os que realmente entendiam do universo do futebol. Faltas apitadas contra eles eram perigosas e o contra argumento levado em séria consideração pelos árbitros. Havia um constante argumento dos “boleiros” de que o futebol era assim mesmo, pautados em frases feitas: - *Não foi falta, eu só cheguei firme nele, ele que é muito mole!* Chegar firme, ganhar tempo, malícia, ginga, esperteza, eram os termos presentes no vocabulário dos “boleiros”, fosse como jogadores ou como árbitros.

### **28/09/2015 - Práticas Educativas 05 e 06 - Catarse - 1B**

Da escolha dos árbitros.

*Aluna1*                      *Professor... mas não vai dar briga isso não?*

*Aluna2*                      *Professor... não vai dar certo isso aí.*

*Professor*                    *Essa é a intenção.*

*Aluna2*                      *A intenção é dá briga?*

*Professor*                    *Não... a intenção é vocês resolverem os conflitos que surgirem.*

Apesar das práticas educativas pautadas no *fair play* e no esporte total, para os alunos não há a possibilidade de diálogo para a resolução de conflitos. *A intenção é dá briga?*





do curta-metragem “A regra do jogo” (2011), parece ter atingido o aluno do comentário transcrito acima.

**29/09/2015 – Terça-feira - Práticas Educativas 05 e 06 - Catarse - 1A**

- Professor*                      *Esse ano quem vai apitar os jogos serão vocês.*
- Alunos*                            *Nossa... Que jeito... Capaz mesmo... Nem vai dar certo... Vai sair morte...*
- Aluna 1*                           *Eu nem sei apitar gente.*
- Professor*                      *Os árbitros serão escolhidos por voluntariado ou votação... é claro que quem vai apitar tem que saber o mínimo das regras... não vamos colocar alguém que nem sabe quantos jogadores são no futsal... (pergunta dirigida a uma aluna): - Quantos jogadores são no futsal?*
- Aluna 2*                           *São 6 jogadores...*
- Aluno 1*                           *Quê 6 o quê...*
- Professor*                      *(Pergunta dirigida a outra aluna): - Quantos jogadores são no futsal?*
- Aluna 3*                           *Não sei...*
- Professor*                      *Próxima coisa que a gente tem que decidir... Vai ter medalha para o primeiro, o segundo e terceiro e troféu só para o primeiro...o que a gente vai ter que decidir... de novo eu vou falar... não é obrigado a jogar... na súmula eu vou colocar o nome de todos os meninos da sala e na súmula feminina... o nome de todas as meninas da sala... é obrigado a jogar?... Não... o mesário só vai numerar os jogadores que estiverem na quadra para jogar... por exemplo... os nomes das meninas estarão todos lá... se vier só uma menina e o outro time estiver completo (pelo menos 05 jogadores no futsal e 06 no vôlei) o time completo vence por W.O.*
- Aluna 4*                           *E se alguém quiser jogar e não tiver mais ninguém da sala?*

- Professor* Não tem jogo... porque eu estou falando isso... a premiação... a gente vai dar medalha para todo mundo da sala... ou só pra quem jogou?
- Aluno 2* Tanto faz... eu não vou jogar mesmo...
- Alunos* Só pra quem jogar né...
- Professor* E a torcida? (Se referindo aos alunos da sala que não jogarão, mas estarão assistindo e torcendo, separados em feminino e masculino para a entrega de medalhas, caso vença a decisão de todos receberem medalhas, ou seja, se o time masculino ficar em terceiro e o feminino em quinto, todos os meninos da sala ganham medalhas e as meninas não. A ideia inicial era darmos medalhas para todos da sala, sem separação por sexo, mas a pedido da direção da unidade escolar, quanto ao número de medalhas ser muito elevado, fizemos a separação).
- Aluno 3* Se der pra todo mundo... é mais espírito esportivo... quem torce também está ajudando o time...
- Professor* Vocês ouviram o que ele falou?
- Alunos* Não...
- Professor* Ele disse que se dermos a medalha para todos seria mais espírito esportivo... quem torce também faz parte do time...
- Alunos* Ah não... só quem jogar.
- Professor* Ok... vamos lá... punições... vai ter cartão amarelo e vermelho... o que vamos decidir... cartão vermelho é expulso do jogo e não volta mais ou fica 2 minutos fora e passados os 2 minutos o mesmo jogador pode voltar?
- Alunos* Jogador expulso não pode jogar mais e passados os 2 minutos pode colocar outro no lugar.
- Professor* Jogador expulso fica suspenso 1 jogo?

- Alunos* *Sim.*
- Aluno 3* *São só 3 jogos (se referindo a primeira fase), se você for expulso (se dirigindo a um aluno que decidiu pela suspensão) vai tomar tapa na cara.*
- Professor* *Dois amarelos... em jogos diferentes... fica suspenso 1 jogo também?*
- Alunos* *(decisão dos alunos: 2 cartões amarelos fica suspenso 1 jogo).*

Nesta última análise das práticas em sala de aula, é interessante perceber a construção do pensamento de uma sala quanto alguns assuntos, mesmo havendo divergências, podemos perceber alguns indícios de consenso e de que as práticas podem atingir os alunos, podem ser assimiladas por eles, segundo nossos objetivos, da transformação do esporte, ou no mínimo, trazer outra visão daquela já enraizada no pensamento dos alunos. Ao final o que ficará, reflete a liberdade a que todo o ser humano tem direito, à do livre arbítrio.

Cronologicamente, da fala que veio primeiro as que se seguiram, vemos o individualismo como início de qualquer decisão ou argumento a favor de uma decisão sobre a premiação: *Tanto faz... eu não vou jogar mesmo...*, para logo em seguida, a sala lembrar do que haviam estudado (o *fair play*). *Se der pra todo mundo... é mais espírito esportivo... quem torce também está ajudando o time...*, para em seguida retornarmos ao individualismo: (da premiação) *Ah não... só quem jogar*. Este “vai-e-vem” próprio do processo de ensino-aprendizagem, pode exercitar a crítica frente as relações sociais e a visão de mundo que queremos, que podemos construir por sermos criadores de nossa história e cultura.

## 5.2 ANÁLISE DAS SITUAÇÕES NO CAMPEONATO

### 13/10/2015 – Terça-feira – Futsal - Jogo 03 - 1C X 2A – Árbitros 3º B.

Jogadores mais habilidosos do 2º A, também foram os que mais reclamaram dos árbitros e das suas marcações e os que mais usaram de fingimentos seja para conseguir tempo para descanso, obter a posse de bola, faltas que não ocorreram, etc.

Santos (1998) em sua tese de doutorado, por meio de vasta pesquisa bibliográfica havia confirmado uma maior frequência nas demonstrações de atitudes e comportamentos contrários ao *fair play* em praticantes esportivos com mais anos de experiência no esporte e também em praticantes esportivos com maior nível de desempenho. Em nossa pesquisa e em análise anterior, usamos o termo “boleiros”, também utilizado pelos alunos da escola, para denominar os alunos mais habilidosos e com mais anos de prática além da prática nas aulas de Educação Física. Tais comportamentos reforçam a “cultura esportiva” vigente, principalmente no futebol. Malandragens que tem sido ensinadas como parte do esporte e que talvez possam estar contribuindo para a relatividade moral e ética em situações do cotidiano. Esquecendo-se de que os “valores do desporto elevam-se acima da sua especificidade, alcançando uma ordem superior que urge realçar.” (GARCIA, 2015, p.185).

Bola lançada pelo goleiro do 2º A na área do 1º C. Um dos jogadores do 2º A consegue cabecear a bola dentro da área e fazer o gol mesmo com o goleiro do 1º C empurrando este cabeceador fortemente, caracterizando falta clara e caso esta estivesse sido marcada, pênalti. O árbitro valida o gol usando da lei da vantagem. Mais de um jogador do 1º C reclama com o árbitro que este não deveria ter validado o gol, mas marcado o pênalti, mesmo tendo cometido a falta, o time do 1º C acredita que seria mais justo a marcação da falta em uma clara vantagem indevida, já que com a cobrança do pênalti, haveria a possibilidade do gol não acontecer, seja pela defesa do goleiro, pelo chute para fora, ou em uma das traves.

Na situação descrita acima, estamos diante da relatividade da situação em favor daquele que errou. Com o devido uso do conhecimento das regras, os alunos do 1º C pedem o pênalti ao invés da marcação do gol, já que a falta, o empurrão do goleiro no cabeceador, ocorreu antes do cabeceio e gol. Os jogadores do 1º C distorcem as regras do futsal e tentam

dissuadir o árbitro, que também é aluno da escola, a fazer outra marcação, alegando que não estão descumprindo as regras, mas a aceitando. O árbitro não aceita os argumentos e suas justificativas e valida o gol demonstrando ter conhecimento das regras, já que não é permitido uma marcação, mesmo a favor do time, se está de alguma forma o prejudica. Isso não quer dizer que os jogadores do 1º C não tinham conhecimento desta interpretação da regra, da “lei da vantagem”, eles usaram das regras para justificar um erro, em clara intenção de se obter uma nova chance de evitar o gol.

Quanto ao fato do esporte possuir regras, é necessário que elas sejam, entendidas pelos alunos não como repressoras do poder criativo dos jogadores, mas como uma necessidade, para que o jogo ocorra em situação amigável. A questão mais freqüente ao se discutir as regras dos esportes, na Educação Física escolar, é que, por elas serem pré-determinadas por uma federação internacional e elaboradas para atletas de alto nível, precisam ser adaptadas, em prol de uma Educação Física inclusiva e não discriminatória. Porém, o que deve ser entendido: não são as regras que são ruins, mas a forma como são usadas. Se a concepção de esporte que prevalece é aquela que valoriza o resultado acima de tudo e se a cobrança por resultado for muito grande, o aluno pode vir a fazer uso das regras ou desvirtuá-las para tirar vantagens, para buscar a vitória por meios que não se limitam apenas na sua habilidade de jogar. (NEUEFELDT e CANFIELD, 2001, p.31).

A urgência das manifestações sociais, melhor dizendo, o caráter de vida ou morte que se apoderam os alunos no jogo gera comportamentos extremos, como se cada situação pontual ditasse de forma fatalista o caminhar e o findar de uma partida esportiva a partir daí. Os alunos então, comportam-se como se cada oportunidade de questionar possíveis brechas abertas nas interpretações das regras, fosse uma oportunidade válida, por ser única. Tais comportamentos revelam o individualismo à que nossas relações sociais tem se encaminhado, ditadas e reguladas por valores criados pela lógica econômica, destituindo o homem de seu sentido de existência, ou de manifestações solidárias, altruístas. A urgência, a crise, está em tudo, está em todas as relações sociais, pelo menos assim nos é vendida:

Ao nível das relações sociais caminhamos para um tremendo individualismo, onde a palavra solidariedade nem sempre é tida com o devido respeito. A perda do nosso sentido de existência, que se manifesta em inúmeras situações onde, por exemplo, a droga ocupa um dos lugares cimeiros, coloca o homem perante um beco existencial. A globalização da sociedade, inicialmente através da economia e levada cada vez mais a outras manifestações humanas, provocou uma forte descaracterização das formas

de viver. A cultura local, que desde sempre “formatou” a existência humana, começou a ser mais uma maneira para mundializar as relações humanas, abandonando nitidamente o seu papel regulador para assumir apenas um papel reprodutor dos valores propagados pelas maiores empresas dos países economicamente poderosos.

É por isso que num quadro de crise ou, para ser mais concreto, um quadro de risco a educação também teria de refletir este estado dos valores atuais. A educação, pelo menos naquilo que diz respeito ao mundo ocidental, por vezes reage à mudança exterior absorvendo a lógica hegemônica desta sociedade baseada no imediatismo e no efêmero, mas sem conseguir que os jovens fiquem em condições para enfrentarem com êxito o mundo que lhes parece ser exterior. Com efeito, ainda é frequente ouvir-se dizer que a Escola prepara o jovem para a vida, esquecendo-se que há vida na Escola e que esta é parte integrante da vida do jovem e da sociedade. (GARCIA, 2015, pp. 204-205).

Um dos alunos do 1º C, considerado ruim no futebol pelos próprios alunos de sua sala e time entrou em quadra para jogar, já que um dos jogadores pediu para trocar de chuteira. Logo em seu primeiro lance no jogo, ele faz um passe errado e entrega a bola para um dos jogadores adversários em frente ao gol, deixando-o sozinho com o goleiro, o que por fim se torna um gol. Os jogadores do 1º C reclamam com seu jogador e pedem pra que ele fique só na defesa. Passados nem um minuto de sua entrada em quadra, o jogador que tinha saído para trocar a chuteira pede que ele saia para que o mesmo possa retornar ao jogo. O jogador “ruim” se recusa a sair e após muita insistência do jogador que está de fora e também de seus companheiros de equipe em quadra, ele sai claramente chateado e em desacordo com o julgamento de seus colegas de equipe.

Esta exclusão que este aluno sofre por parte de seus colegas, por ser menos habilidoso é algo a ser trabalhado de forma educativa. A educação assumida do ponto de vista materialista histórico e dialético assume essas contradições de nossas relações sociais.

Entretanto, quando se afirma que o gênero humano tem se desenvolvido ao longo da história social, isso não implica necessariamente a adoção de uma perspectiva evolucionista linear, homogênea e etnocêntrica. Quando é adotada a perspectiva materialista histórico-dialética, o desenvolvimento da humanidade é analisado como um processo histórico contraditório, heterogêneo, que se realiza por meio das concretas relações sociais de dominação que têm caracterizado a história humana até aqui. (DUARTE, 2012a, p.39).

Promovemos durante as práticas educativas o esporte total, um esporte mais lúdico, livre, mas vemos como é difícil a desconstrução de conceitos já arraigados nos alunos, expressos em seus comportamentos esportivos. O resgate do jogo infantil é um dos pilares que sustentam o conceito de esporte total, porém, assim como dito por Duarte (2012b) em relação à educação de forma geral, não se trata de destruir o que já está estabelecido, mas incorporá-lo para transformá-lo.

Mas as forças de esquerda tem desperdiçado muitas oportunidades por trabalharem com uma visão muito pouco dialética, que só enxerga negatividade onde Marx, dialeticamente, enxergava a força motriz das contradições. Essa visão centrada na negatividade faz com que se busquem as possibilidades de revolução pela ótica das fissuras do sistema e não pela ótica da superação por incorporação. (DUARTE, 2012b, p.153).

No jogo infantil, no esporte infantil, onde as regras mudam muito rápido, onde em um momento crianças sentem raiva e brigam para logo depois, as mesmas crianças raivosas e briguentas se abraçam após um gol, agora por estarem no mesmo time, reflete o efêmero não como um adjetivo ruim. O efêmero da sociedade contemporânea, que torna tudo volátil, “líquido” (BAUMAN, 2001) e sem importância é incorporado como efêmero infantil, que não guarda mágoas. O lúdico é transformado em uma consciência maior do que somos, da totalidade das relações e do absurdo de viver sozinho, ou só para si mesmo.

### **13/10/2015 – Terça-Feira - Voleibol - Jogo 08 - 1B X 3B – Árbitro do 1º B.**

O árbitro das partidas de vôlei até então tinha sido o professor substituto de Educação Física, a pedido das alunas, porém, o professor precisou se retirar pois tinha aula em outra escola e todos concordaram quando um dos alunos do 1º B se ofereceu para ser o árbitro da partida, mesmo com as colegas de sua sala jogando. Durante a partida houve diversas brincadeiras direcionadas ao árbitro “pedindo” que o mesmo “roubasse” para sua sala, mas como dito anteriormente, era perceptível o tom jocoso.

*Aluna1* *Joga sério... se você quer brincar sai... (direcionando a fala a outra menina do seu time).*

*Aluno1* *(Aluno do 1º ano B sentado ao nosso lado enquanto assistíamos e videogravávamos o jogo). Por que ninguém entende que isso é só uma brincadeira?*

As contradições do conteúdo esporte estão presentes nas falas das alunas. Jogar sério, para eles é incompatível com o brincar, se esquecendo do elemento jogo, do elemento lúdico, que Garcia (2015), encontrou em todas as manifestações de desporto por ele estudadas. A competição presente em um campeonato esportivo, no esporte, não destrói a diversão, o elemento lúdico, assim como o lúdico tem seu teor sério.

Durante as deambulações pela Amazônia brasileira, tive a ocasião de observar o decurso de variados rituais, especialmente relacionados com a passagem das crianças para a vida adulta. Assisti a verdadeiras provas físicas onde o elemento superação é central. Só se entra na vida adulta após a superação de determinadas provas, não havendo, muitas vezes, qualquer outra oportunidade. Porém, quando se observam as brincadeiras das crianças dessas comunidades, verifica-se que são constituídas por elementos verdadeiramente preparatórios para a ultrapassagem das dificuldades inerentes ao ritual a que, inevitavelmente, elas serão sujeitas um dia. Repare-se que é através de simples brincadeiras que se consegue um desenvolvimento harmonioso do corpo e das qualidades volitivas, que assim permitirão superar a violência intrínseca do ritual iniciático, acontecimento que possibilitará a ascensão da criança a um mundo até então interdito, o mundo dos adultos. (GARCIA, 2015, pp. 169-170).

O que nos fica evidente é a ausência do equilíbrio na prática educativa entre o brincar e o “jogar sério” ...

Os jogos tradicionais, que muitos costumam contrapor ao desporto, também evidenciam as características atrás apontadas. É lógico que a dimensão lúdica estará mais patente do que as outras, mas aquelas mais próximas da ideia de competição não são para desprezar. (GARCIA, 2015, p.170).



...que buscamos no esporte total e que continua confuso e de difícil assimilação pelos alunos.

**14/10/2015 – Quarta-feira; Futsal – Jogo 07 – 1º C X 2º C – Árbitros do 2º B.**

*Aluna 1º C. Ninguém apita nada pra gente... eu vou apitar o jogo do 2º B...*

Esta fala demonstra a frustração de uma aluna com a arbitragem, que nesta partida era feita por meninos do 2º B, por isso a vontade de apitar um jogo em que os meninos do 2º B estivessem jogando. Foi possível analisar esta frase de duas maneiras, a primeira seria o questionamento que fizemos sobre o conhecimento da aluna das regras do futsal para questionar a arbitragem. Seria esta aluna profunda conhecedora das regras, ou apenas movida pelo calor do jogo, da torcida e da reclamação de seus jogadores em quadra com a arbitragem? A segunda análise questiona o sentimento da aluna de que sua equipe estava sendo prejudicada deliberadamente pelos alunos do 2º B e que sendo desta forma, sua vingança, ou compensação, seria justificada, quando esta apitasse um jogo do 2º B e fizesse o mesmo “mal” impetrado a sua equipe.

Da primeira análise, é espantoso constatar a força do exemplo coletivo, já que concluímos que o comentário da aluna foi feito no “calor do momento”, o que nos leva a refletir na dimensão do exemplo dado aos alunos e pessoas em geral, ao assistirem uma partida esportiva, ou programas televisivos que falam do esporte. Muitas pessoas, alunos, outros, podem não apreciar o esporte, mas não é possível negar sua influência por meio de exemplos direcionados à população.

As competições esportivas têm sido marcadas por uma influência cada vez maior de interesses políticos e econômicos, assim como pela crescente ênfase no individualismo e no imediatismo que acompanham a instalação de uma sociedade de massa. E isso tem causado contradições no ensino da ética esportiva e um aumento na transgressão das normas. (PRONI, 2007, p.11).

Não podemos negar também o papel fundamental dos professores de Educação Física na condução do aluno sincrético para o aluno concreto, ou seja, do aluno com uma

visão estreita, de senso comum sobre o esporte para uma visão, consciência maior das determinações histórico culturais, da totalidade da prática esportiva, do esporte.

Da segunda análise, podemos retirar uma atitude comum em nossos dias, o pensamento de que tudo que negue, ou vá contra nossos objetivos individuais, ou de um grupo restrito, é ilegal, fraudulento e de má fé. Pior do que pensar assim, são os pensamentos que estes primeiros incitam: da vingança e compensação. Segue abaixo um relato de pesquisa onde se pode observar o aqui argumentado.

Outro exemplo onde aparece, com bastante força, a contradição exposta acima se refere ao comentário do professor/técnico em relação as reclamações de seus alunos/atletas quanto ao fato de estarem sendo empurrados durante os jogos dos campeonatos que a equipe participava, sem a correspondente marcação da infração por parte da arbitragem (E3B, 19/12/02). Ele comentou que costumava falar para seus alunos que às vezes seria necessário revidar esses empurrões, mas não de forma “agressiva”. Ressaltou que frequentemente não se tratava de faltas violentas, mas sim de uma certa “malandragem”, o fato de um atleta empurrar o outro. Destacou ser contrário à violência e que ser “malandro” seria diferente de ser violento. Comentou que um dos seus alunos/atletas havia aprendido em pouco tempo – considerando o período que participava dos treinamentos da modalidade – a “bater, a dar umazinhas” (Ibidem). Lamentou, inclusive, que sua equipe seria pouco “malandra” e que desejava que usassem mais a falta como recurso para parar as jogadas e por vezes evitar um gol. Ao final, destacou que a “ingenuidade” de seus alunos pode ter como causa o seu próprio comportamento, já que se considera uma pessoa bastante “calma” e que isso acaba “passando” para eles. (BASSANI, TORRI e VAZ, 2003, p.106).

Acreditamos que não seja possível o equilíbrio sem renúncia. Renúncia aqui significa doar, aceitar para ser aceito, acreditar que não existe uma conspiração contra nossos ideais de vida e que a retaliação, mesmo que justificada, não contribui para o bem comum.

**16/10/2016 – Quarta-feira; Futsal - Jogo 13 – 1º B X 2º A – Árbitros, alunos que estão de fora das semifinais e das finais.**

Um jogador do 2º Ano A, em cobrança de escanteio, chutou por 5 vezes consecutivas a bola em cima do jogador do 1º ano B que estava junto a linha de fundo na distância regulamentar para a posição, demonstrando a intenção de ganhar tempo, ou irritar o

adversário, pois havia a possibilidade de fazer a cobrança para outros jogadores de sua equipe que se encontravam livres para o recebimento da bola. Os alunos que assistiam a partida se irritaram com a repetição do lance e mesmo com as reclamações, o jogador repetia o lance e agora, olhava para a torcida com olhar de deboche e desprezo.

*Aluno na torcida*                      *Vai lá apitar professor... larga a mão disso... (“disso”: fazer com que os próprios alunos apitem o jogo).*

*Aluna na torcida*                      *Só esse professor pra ter essas ideias fracas de aluno apitar jogo (com a clara intenção de que ouvíssemos o comentário).*

*Aluna na torcida*                      *(Jogador do 2º A mantém a posse de bola sem avançar ou recuar em quadra com a intenção de ganhar tempo, apenas protege a bola com o corpo). Mete a bica na perna dele...*

Existem personagens-espectadores de vários tipos: ingênuos, apaixonados, violentos e apáticos. Do mesmo modo, os personagens-jogadores multiplicam-se em estilos diversos. Ambos evoluem-se calorosamente em seus respectivos papéis até que o jogo acabe, momentos em que estão abandonados. A festa celebrada pelos vitoriosos apresenta-se como uma nova dramaturgia, solicitando novos jogos e papéis a serem encarnados. É também observável uma certa incapacidade de alguns jogadores e de muitos espectadores na administração das tensões provenientes do jogo. Muitos não percebem que se trata apenas de um jogo, de uma guerra fictícia e simbólica entre lados opostos de uma mesma força. Alguns, não poucos, ultrapassam o limite muito claramente estabelecido pelo seu papel como espectador, passando a protagonizar uma dramaturgia da violência. (LOPES e MADUREIRA, 2006, p.15).

Para muitos alunos, esses papéis são fixos, imutáveis, comprovado na fala dos mesmos. Os alunos não podem e não devem ser árbitros, isso é responsabilidade do professor. Os alunos apregoam a liberdade, a necessidade do uso de novas tecnologias, mas são extremamente tradicionais quanto as normas e estereótipos. As aulas de Educação Física devem ser exclusivamente práticas, práticas esportivas.

O professor deve ser o árbitro de um campeonato esportivo, fazer diferente destas normas é ter *ideias fracas*. A causa, razão e solução de conflitos na prática esportiva

são criadas pelas mudanças das normas, são de responsabilidade de outrem. Não assumir responsabilidades é não ser responsabilizado por seus atos, é agir sem sofrer as consequências, é viver sem propósitos, sem objetivos, fazer por fazer, agir por agir, o pragmatismo em sua faceta mais obscura.

As falas dos alunos demonstram a contradição própria das relações sociais e da prática esportiva, contradição prevista na dialética do materialismo histórico, parte do processo de desenvolvimento do ser humano e da construção, ou reconstrução das significações. Por meio das práticas educativas em sala de aula e das práticas educativas em formato de partidas esportivas, os alunos puderam vivenciar tais contradições, abrindo portas para a reestruturação do conceito de esporte, de *fair play*, de torcedor, de esportista

**16/10/2016 – Sexta-feira; Futsal - Jogo 15 – 2º C X 1º B – Árbitros, alunos que estão fora das semifinais e das finais.**

Único jogo que foi decidido nos pênaltis. O único jogador do 1º B que ficou no banco não tinha entrado em nenhuma partida, para jogar, até o momento, já que era o menos habilidoso e por decisão de seu time, ele não tinha jogado. Segundo as regras estabelecidas em conjunto e em acordo entre professor e alunos, quando a partida encaminhasse para os pênaltis, cada equipe cobraria cinco pênaltis. Os jogadores que devem cobrar são aqueles que terminaram o tempo regulamentar em quadra, inclusive o goleiro. Caso, após as cinco cobranças, o placar ainda continuasse empatado, seriam cobrados pênaltis alternados, iniciando a cobrança aqueles jogadores que estivessem no banco de reserva, devidamente uniformizados e numerados em súmula. Caso a equipe não tivesse jogadores reservas, voltariam a cobrar os mesmos jogadores, na mesma sequência anterior. O placar deste jogo se manteve empatado após as cinco cobranças iniciais. O time do 2º C não tinha banco de reservas. O 1º B tinha apenas aquele jogador que até então não tinha jogado. Os jogadores do 1º B tentaram questionar a necessidade da cobrança do reserva. O professor os lembrou das regras estabelecidas antes do início do campeonato quanto a cobrança dos pênaltis. Os jogadores do 1º B reconheceram que a regra era clara e pré-estabelecida em acordo. O jogador reserva do 1º B não queria cobrar, mas se deslocou mesmo assim para a cobrança. Vale lembrar que este jogo era a decisão dos 3º e 4º lugares do campeonato de futsal interclasses masculino, quem perdesse ficaria em 4º lugar e quem ganhasse em 3º. O jogador chuta e o

goleiro defende. O jogador sai chorando da quadra. Os companheiros de equipe nada dizem a ele, nem o consolam. Não sabemos o que houve depois, já que logo em seguida demos início às partidas finais de futsal e voleibol.

A prática esportiva contribui claramente para além do desenvolvimento motor. Na prática esportiva temos a oportunidade de nos conhecermos melhor, de exercitarmos nosso desenvolvimento, colocar por repetidas vezes a contradição intrínseca do ser humano e suas ações como instrumento para a evolução da vida em sociedade.

“O esporte tem que conciliar duas funções contraditórias: descontrolar agradavelmente os sentimentos, e fazer vigorar ao mesmo tempo as coerções que mantenham as emoções descontroladas sob controle.” (BETTI, 1997, p.199).

Iniciamos a análise desta situação do campeonato com uma citação de Betti (1997) que justifica as vivências das frustrações presentes nas práticas esportivas competitivas. Há uma certa linha de pensamento que defende a minimização das frustrações que as crianças, adolescentes, jovens, pessoas em geral, devem vivenciar, enfrentar. Vemos tal pensamento muito presente no esporte. Campeonatos mascarados de festivais, onde todos ganham medalhas, principalmente quando se tratam de crianças pequenas. Medalhas de participação, mesmo com premiação para os três primeiros colocados. Pessoas com deficiências são colocadas para competir com pessoas sem deficiências em um “teatro” competitivo justificado pela inclusão, gostaríamos de saber qual o significado dado a este “teatro” pelos deficientes? Estamos sendo hipócritas em nossa análise em vista de que demos a opção da premiação para todos os alunos da sala, mesmo aqueles que não jogaram no campeonato? Não, as práticas descritas acima só terão significado se deslocarem a importância maior dada ao resultado final de uma partida esportiva, do vencedor e do vencido, para a apreciação, a experiência do processo, do jogar, do praticar esporte, do estar junto com outros em uma prática social que deveria ser realmente socializadora.

Muitas vezes quando vemos um jogo de futebol apreciamos mais o resultado final – se possível a favor das nossas cores – do que o espetáculo que se desenvolve. Raramente tentamos analisar as manifestações humanas que existem para além da factualidade do resultado. Temas como ética, estética, sagrado entre outros, parecem ser marginais, não se lhes dando grande atenção sendo que muitas vezes essa desatenção se propaga à própria formação universitária ou superior dos seus agentes mais responsáveis. Mesmo temas intrínsecos ao desporto passíveis de análises axiológicas,

como é o exemplo do superior valor do olimpismo, raramente são considerados nas universidades. Perdeu-se o ato de contemplar o desporto. Muito daquilo conotado com a racionalidade estético-expressiva foi comprimido para a periferia das ciências do desporto, parecendo agora querer despontar com relativa força. (GARCIA, 2015, p.160).

**16/10/2015 – Sexta-feira; Voleibol – Jogo 16 – 1º A X 1º B – Árbitros, alunos das turmas que estão fora da final.**

*Aluna 1º A.*

*As meninas estão xingando nós... vai dá briga depois...*

Finalizando as análises, diferentemente de anos anteriores, onde ocorreram pelo menos uma situação no campeonato interclasses desta unidade escolar, que classificamos como grave, agressão física, vias de fato durante uma partida; brigas devido aos jogos, fora da unidade escolar, dentro outras, em 2015, ano da aplicação das práticas educativas e do campeonato a que esta pesquisa se refere, não houve nenhuma situação grave. De todos os anos em que promovemos este campeonato na escola (2010 a 2015, um por ano), este foi o mais calmo e amigável. Assim, “Não olhemos, pois, o desporto apenas à luz do papel social – que ele cumpre e o torna utilitário. Alarguemos o olhar para a função de humanização – que ele assume e o torna indispensável”. (BENTO, 2013, p.78).

*As meninas estão xingando nós... vai dá briga depois...*

Não deu!

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção deste trabalho, tínhamos em mente o que seria o objetivo maior da prática esportiva em um campeonato escolar: um campeonato sem juízes, sem árbitros. Podemos parecer contraditórios em usar a palavra ideal e seu adjetivo, máximo, em uma dissertação de enfoque materialista, mas nos justificamos por meio da clara intenção de onde queremos chegar, nosso objetivo final, mesmo sendo talvez, inatingível, o de um esporte total, baseado no prazer (ludicidade) do movimentar o corpo na prática esportiva, de estar junto de nossos pares e sabermos parte de um todo (desenvolvimento social do ser humano), de igualdade e justiça social (crítica), um esporte autogerido pelo *fair play*, conforme o exemplo de Betti (1997):

O alpinismo, que surgiu no século XIX, pode ser definido como um esporte tal como outros, embora não possua uma estrutura competitiva institucionalizada, órgãos dirigentes, competição formal e regras escritas. O sistema de regras e convenções que existe no alpinismo (denominado "ética" pelos praticantes) é socialmente construído e sancionado, isto é, as regras são criadas por consenso entre os alpinistas, tanto verbalmente quanto por publicações especializadas, e cumpridas mediante auto-disciplina e pressão social. Como uma modalidade que se auto-dirige, para Donnelly, este esporte "tem sido anárquico no melhor sentido do termo", e coloca-se como alternativa à cultura esportiva dominante. (BETTI, 1997, pp. 218-219).

Acreditamos que este trabalho seja apenas uma tentativa dentre muitas que poderão se seguir em busca deste esporte visto em sua totalidade e não de sua negação para o enclausuramento apenas na escola ou na prática esportiva, sem a transposição de seus valores para vida cotidiana.

Dessa negação da totalidade decorre um dos princípios centrais das pedagogias contemporâneas: o relativismo. Em primeiro lugar, trata-se de um relativismo epistemológico: o conhecimento seria sempre dependente do ponto de referência espacial e temporal a partir do qual o sujeito procura compreender os fenômenos naturais e sociais. (MARTINS e DUARTE, 2010, p. 34)

O ensino do esporte e a prática esportiva não podem ser reféns do relativismo cultural e devem partir sempre da ética esportiva, serem construídos a partir do *fair play*.

Não é difícil perceber que o relativismo cultural incide diretamente sobre o currículo escolar, acarretando sua fragmentação, podendo levar, no limite, ao seu desaparecimento. Como definir conteúdos que devam ser ensinados a todas as crianças se o critério de relevância ou até mesmo de veracidade dos conhecimentos é a cultura específica à qual pertence o indivíduo? Como definir-se um currículo comum a todos se não existe uma cultura que possa ser referência para todos? Se existem milhares de culturas particulares, existirão milhares de currículos? Ou o currículo escolar é dissolvido e em seu lugar é colocado um suposto diálogo entre as culturas das quais fazem parte os alunos? E o que define qual é a cultura de cada aluno: etnia, classe social, gênero, idade, local onde mora, os meios de comunicação, os programas de televisão, os estilos musicais, as religiões, as atividades de lazer, o esporte preferido? O relativismo, tanto em seu aspecto epistemológico como no cultural, leva a uma ausência de referências para a definição do que ensinar na escola às novas gerações. (MARTINS e DUARTE, 2010, p. 36-37).

Assim, para concluirmos este trabalho, apresentaremos o que defendemos como possibilidades de ação e referência para o ensino do esporte, para a prática esportiva e para a conceituação do esporte retomando o processo de pesquisa, pois discussões constantes sobre os determinantes que influenciam a prática esportiva e sua apreciação, principalmente sobre o que está sendo difundido pelos meios midiáticos.

Para tal, vimos nos valores do esporte, na ética esportiva um caminho a ser seguido para tal conquista. Discorremos então sobre o esporte com o intuito de tirá-lo de um universo restrito para um universo complexo, multifacetado. Um esporte que é determinado pela história e cultura, mas que também modifica a cultura e a história para além da prática esportiva, para a vida. Para a construção desse esporte que se movimenta em suas influências dentro e fora de sua própria prática, fizemos sua interrelação com o jogo, atestando sua complexidade e sua possível origem no brincar por meio do lúdico e não na batalha. Expomos sua dependência conceitual da mídia e a necessidade de criticar constantemente o que se é mostrado por meio dela em relação a ele. Relacionamos o esporte trabalhado na escola e que nela é ensinado, defendendo o *fair play* como base para seu ensino.

Após defendermos a complexidade do esporte e principalmente sua influência em “via de mão dupla”, ou seja, para além do universo esportivo, se relacionando com o



desenvolvimento humano em sociedade, discorremos sobre documentos que falam do *fair play*, já que este seria a base para a construção de nossas práticas esportivas. Após a análise dos documentos, identificamos que o *fair play* vai muito além do respeitar as regras e indica, sugere parâmetros para a vida em sociedade de forma pacífica e solidária e reforça o seu exercício na prática esportiva, como exercício de boas condutas para a vida.

Em seguida, defendemos a constituição do ser humano como sendo histórica e cultural, mas principalmente, como dependente de outros seres humanos. Com essa defesa, pudemos comprovar nossa dependência uns dos outros em nossa constituição. Nosso desenvolvimento coletivo, na significação do esporte. Desta maneira, se tivermos o entendimento dessa totalidade em nossa constituição, o esporte, a prática esportiva e as competições, deixam de ser batalhas para se tornarem aprendizado e desenvolvimento, passam a ser relacionamento social real, que engrandece a todos, seja na situação de vencido ou de vencedor.

O objetivo primeiro de nossa pesquisa era propor a ressignificação do esporte afim de torná-lo uma prática mais prazerosa e justa, apoiada nos princípios do *fair play* em um campeonato interclasses escolar. Após as práticas educativas, em que tentamos ensinar o conceito construído por nós de esporte total, com práticas que seguiram, na sequência, a problematização da violência e atitudes contrária ao *fair play* no esporte, a instrumentalização para a modificação do esporte com a discussão sobre a influência da mídia no esporte, de sua origem e complexidade por meio do jogo e do lúdico e de nossa dependência uns dos outros para a prática e assim a necessidade do *fair play*. Pudemos constatar nas falas e comportamentos dos alunos, as determinações que dificultam a ressignificação do esporte.

Determinações estas relacionadas ao pós-modernismo. Para Newton Duarte (EDUCAÇÃO, 2013) não existe a pós-modernidade ou a sociedade pós-moderna, já que a sociedade em que vivemos ainda é a sociedade capitalista e se assim pensarmos, vivemos na modernidade. O pós-modernismo, esse sim, existe como ideologia, que na área educacional, caracteriza-se pelo ceticismo, o fim da história, a impossibilidade de superação da sociedade capitalista, o relativismo epistemológico e o relativismo cultural. Na Educação Física escolar essas características do pós-modernismo são mais perceptíveis, segundo nossa análise, na busca por vitória a qualquer custo, no individualismo, no egoísmo parasitário das relações interpessoais, no efêmero, no desprazer, no imediatismo e no pragmatismo. Algumas destas determinações merecem considerações mais elaboradas, pois segundo nossa interpretação,

englobam outras que são derivadas destas: o *efêmero*, que traz à tona os extremos nas emoções, na busca por emoções, nas relações pessoais, no prazer, na criação de “necessidades” pessoais, tornando apenas os extremos nas sensações dignos de valor para que sejam vivenciados. Torna tudo e todos descartáveis.

O efêmero que também contem o imediatismo, a “ditadura do agora”, que por sua vez rege valores morais transitórios e variáveis segundo a situação vivenciada no cotidiano, no imediato do cotidiano. Fortifica um pragmatismo a serviço do capital, do lucro.

Cria por vezes relações interpessoais parasitárias, relações que caracterizam o próximo determinante: o *individualismo*. Um *individualismo* patológico, por ser narcisista. Um individualismo alienado e alienante, já que é também hedonista, solipsista, não nos permite nos enxergar como dependentes e constituintes uns dos outros, e no contexto escolar, dependentes do conhecimento historicamente construído pelo coletivo. “Uma pedagogia concreta é aquela que considera os educandos como indivíduos concretos, isto é, como sínteses de relações sociais.” (SAVIANI, 2012a, p.79).

Contudo, também pudemos vislumbrar lampejos, indícios, de que nossas práticas seguem um caminho promissor, em contrário a anos anteriores, em campeonatos esportivos interclasses escolar nessa mesma unidade escolar, não houve situação mais séria nos jogos, que levasse à comportamentos agressivos, ou violência física em vias de fato.

Por tudo isso, esta pesquisa aponta alguns caminhos como: exercitar discussões constantes sobre os determinantes que influenciam a prática esportiva e sua apreciação, principalmente sobre o que está sendo difundido pelos meios midiáticos; mediar a distribuição progressiva e constante das responsabilidades de jogar, de praticar um esporte na escola, para os alunos, sem temermos as tensões e contradições próprias do desenvolvimento humano pleno, do desenvolvimento humano em sua totalidade; atenção ao coletivo, na igualdade de oportunidades e experiências, na justiça social.

Esperamos que esta pesquisa, possa contribuir para o desenvolvimento da prática esportiva na escola de forma mais justa e promover a justiça social, extrapolando a realidade esportiva na escola para a realidade concreta da vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. Estrutura. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 376-377.

AQUINO, J. R. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 16. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 3. p. 39-55. (Na escola).

A REGRA do Jogo. Direção de Flávia Moraes. [s.i.]: Content/filmplanet, 2011. (10 min.), Digital, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RX-hgrtIoLw>>. Acesso em: 4 set. 2014.

ASSIS DE OLIVEIRA, S. **A reinvenção do esporte: possibilidade da prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.89-112, maio 2003. Quadrimestral.

BASTIDAS, C. Na ponta dos pés. **Mente Cérebro: Edição Especial, Cérebro em movimento 1**, São Paulo, v. 1, n. 44, p.34-39, jul. 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Tradução Plínio Dentzien.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Tradução Carlos Alberto Medeiros.

BELINTANE, C. Um contínuo vai-e-vem. **Lev Seminovitch Vygotsky: Viver, mente e cérebro**. Coleção memória da pedagogia, São Paulo, v. 2, n. 2, p.50-57, jan. 2004. Especial.

BENTO, J. O. Corpo e desporto: Reflexões em torno desta relação. In: MOREIRA, W. W. **Século XXI: A era do corpo ativo**. Campinas: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Desporto:** Discurso e substância. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 2013. 300 p. (Coleção CE).

BETTI, M. A **janela de vidro:** Esporte, televisão e educação física. 1997. 276 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Filosofia e História da Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

\_\_\_\_\_. Esporte, educação e sociabilização: algumas reflexões à luz da sociologia do esporte. **Kinesis**, Santa Maria, v. 1, n. 4, p.31-43, jan. 1988. Semestral.

\_\_\_\_\_. Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar? **Motriz**, Rio Claro, v. 7, n. 2, p.125-129, jul. 2001. Semestral.

BETTI, M.; PIRES, G. De L. Mídia. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ijuí, 2005. p. 282 – 288. (Coleção educação física).

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.73-81, jan. 2002.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 2, n. 7, p.62-68, jul. 1986.

\_\_\_\_\_. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 1, n. 12, p.14-31, jan. 2000.

BRASIL. Carta Brasileira de Esporte na Escola. In: TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte:** ênfase no esporte-educação. Maringá: Eduem, 2010. p. 157-160.

BRASIL. Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo (Org.). **Manifestos:** I - Mundial de Educação Física, II - Do Esporte, III Sobre o "Fair Play". São Paulo, 1977.

CAILLOIS, R. **Os Jogos e os Homens**. Lisboa: Cotovia, Ltda., 1990. 228 p.

CAMBRIDGE DICTIONARIES ONLINE. **Walkover**. 2016. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/walkover#translations>. Acesso em: 29 abril de 2016.

CONSELHO DA EUROPA. **Código de Ética Esportiva**. 1996. Disponível em: <<http://napsi.no.sapo.pt/codigoetica.html>>. Acesso em: 23 dez. 2004.

CAPARROZ, F. E. O esporte como conteúdo da educação física: uma "jogada desconcertante" que não "entorta" só nossas "colunas", mas também nossos discursos. **Perspectivas em Educação Física Escolar**, Niterói, v. 2, n. 1, p.31-47, jan. 2001. Suplemento.

CARTA BRASILEIRA DE ESPORTE NA ESCOLA. In: TUBINO, M. J. G. **Estudos Brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. p. 157-160.

CARTA INTERNACIONAL DE ESPORTE ESCOLAR. In: TUBINO, M. J. G. **Estudos Brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. p. 161.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 – (Coleção polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. Cultura. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ijuí, 2005. p. 106-108. (Coleção educação física).

**Dirty Football [Right To Play, Respect Fairplay, Fight Racism]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MnI-gYkhA4U>. Acesso em: 14 de setembro de 2015.

DUARTE, N. Lukács e Saviani: a ontologia do ser social e a pedagogia histórico-crítica. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. Cap. 2. p. 37-58. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. Luta de classes, educação e revolução. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. Cap. 6. p. 149-166. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. O significado e o sentido. **Lev Semenovich Vygotsky: Viver, mente & cérebro**. Coleção memórias da pedagogia, São Paulo, v. 2, n. 2, p.30-37, jan. 2004. Especial.

EDUCAÇÃO, modernidade e pós-modernidade - Newton Duarte. S.i.: Efrain Maciel e Silva, 2013. (133 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YIHN6ihXi4I> . Acesso em: 18 maio 2016.

ELKONIN, D. B. **Psicologia do Jogo**. Álvaro Cabral (Trad.), São Paulo: Martins Fontes, 1998.

**Ética - Corredor Espanhol Ivan Fernandes Anaya** - Sergio Cortella. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_bRvG6Ohjuw](https://www.youtube.com/watch?v=_bRvG6Ohjuw). Acesso em: 14 de setembro de 2015.

**Fair Play Nottingham Forest X LEICESTER City**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QI9vXV5CD> 8. Acesso em: 14 de setembro de 2015.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA (FIEP). **Manifesto Mundial FIEP 2000 da Educação Física**. Foz de Iguaçu: 2000.

FERRAZ, M. R.; SOUZA, E. G. R. da S.; CHAVES, W. M. O fair play e as características sócio-afetivas dos alunos. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Niterói, v. 7, n. 1, p.325-332, jan. 2008.

FERRÉS, J. **Televisão e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 223 p. Tradução: Carlos Alberto Medeiros.

GARCIA, R. P. **No Labirinto do desporto: Horizontes Culturais Contemporâneos**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2015. 358 p.

GARCIA, R. P.; LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de desporto**. 2. ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2009. 108 p.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 190 p. (Coleção educação contemporânea).

GUIMARÃES, Á. M. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. 16. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 5. p. 73-82. (Na escola).

INTERNATIONAL FAIR PLAY COMMITTEE. **Manifesto 2010**. Disponível em: <[http://www.fairplayinternational.org/uploads/files/Manifeste\\_en.pdf](http://www.fairplayinternational.org/uploads/files/Manifeste_en.pdf)>.

**La Mano de Dios**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/La\\_Mano\\_de\\_Dios](https://pt.wikipedia.org/wiki/La_Mano_de_Dios). Acesso em: 14 de setembro de 2015.

LARA, L. M.; PIMENTEL, G. G. de A. Resenha do livro Os Jogos e os Homens: A Máscara e a Vertigem de Roger Caillois. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p.179-185, jan. 2006.

LESSARD-HÉBERT, M., GOYETTE, G. BOUTINN, G. Investigação qualitativa: fundamentos e prática. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

LISBOA, S.; SANTI, A. de (Ed.). Papo: O fim das torcidas. **Superinteressante**: Milagre em Campo, São Paulo, v. 2014, n. 334, p.20-20, jun. 2014. Mensal.

LOPES, J.; MADUREIRA, J. R. Educação Física em Jogo: Práticas Corporais, Expressão e Arte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p.9-25, jan. 2006.

**Maradona 'Hand of God' Goal 1986 World Cup**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-ccNkksrfls>. Acesso em: 14 de setembro de 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. de. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 6, n. 2, p. 42-61, jan. 2008.

MARTINS, I. C. Educação Física e Jogos. In: GAIO, R.; SEABRA JUNIOR, L.; DELGADO, M. A. **Formação Profissional em Educação Física**. Várzea Paulista: Fontoura, 2013. Cap. 14. p. 277-294.

MARTINS, I. C.; GAIO, R. C. O lúdico, o jogo e a brincadeira na Educação Física escolar: desenvolvimento humano e as implicações para a prática pedagógica. In: BOCCIA, M. B.; LAURITI, N. C. **O Lúdico e a Cognição**. São Leopoldo: Oikos, 2014. Cap. 4. p. 47-63.

MARTINS, L. M. **O Desenvolvimento do Psiquismo e a Educação Escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013, 319 p.

MARTINS, L. M., and DUARTE, N., orgs. **Formação de professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 191 p. ISBN 978-85-7983-103-4. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.

MEDINA, J. P. S. Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo. In: MOREIRA, W. W. **Educação física e esportes**: Perspectivas para o século XXI. 17. ed. Campinas: Papyrus, 2013. Cap. 2. p. 141-160. (Coleção Corpo & Motricidade). Quarta Parte: Perspectivas no esporte.

MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R.; MARTINS, I. C. **Aulas de educação física no ensino médio**. Campinas: Papyrus, 2010. 144 p. (Coleção Papyrus Educação).

NEUENFELDT, D. J. Esporte na educação física escolar: possibilidades educacionais. **Kinesis**, Santa Maria, v. 1, n. 21, p.233-246, jan. 1999.



NEUENFELDT, D. J.; CANFIELD, M. de S. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, Santa Maria, p.28-36, 2001.

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a vida no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2012. 160 p. (Coleção educação física escolar).

**Os piores fingimentos do futebol.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=R2Md583Mhm8>. Acesso em: 27 de agosto de 2015.

PANATHLON. CARTA DOS DIREITOS DA CRIANÇA NO ESPORTE: Aprovada no 10º Congresso Internacional do Panathlon, Avignone, 1995. In: TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. p. 163.

PICCOLO, G. M. O universo lúdico proposto por Caillois. **Revista Digital: efdeportes**, Buenos Aires, v. 1, n. 127, p.1-8, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd127/o-universo-ludico-proposto-por-caillos.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2013.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski/Angel Pino**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. A psicologia concreta de Vigotski: implicações para a educação. Em: PLACCO, V. M. N. de S. **Psicologia e Educação: revendo contribuições**. São Paulo: Educ/FAPESP, 2007, p.33-64.

PINTO, G. U. **Imaginação e formação de conceitos escolares: examinando processos dialógicos na sala de aula**. 2010. 161 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

PIRES, G. de L. Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, M. **Educação física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003. Cap. 1. p. 19-44. (Paidéia 8).

PRODÓCIMO, E. et al. Jogos e emoções: implicações nas aulas de Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 13 n. 2 p.128-136, abr. jun. 2007.

PRONI, M. W. Ética no futebol e no Brasil: argumentos para reflexão. **Esporte e Sociedade**, Campinas, v. 1, n. 5, p.1-28, mar. 2007.

PRESTES, Z. R. **Quando não é quase a mesma coisa**: Análise de traduções de Lev Semionovich Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

RAMILO, M. C. E FREITAS, T. Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In **Língua Portuguesa: estruturas, usos e contrastes**. Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto, Pt: CLUP. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-redip-transcricao.pdf> Acessado em: 25 ago 2014.

RÉGNIER, G. (1990) Espírito Esportivo: do conceito à sua promoção, a experiência do Québec – Canadá. **Actas do Seminário Internacional Espírito Desportivo**. Oeiras: Câmara Municipal.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. 16. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996. Cap. 6. p. 83-101. (Na escola).

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, J. A.; SILVA, S. A. D. da; GOMES, T. M. R.; PESUTO, C. de L.; BACCARELLI, W. Competições Escolares: Reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar A Prática**, Goiania, v. 1, n. 11, p.37-45, jan. 2008.

SANTIN, S.; SILVA, M. R. S. Ética. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ijuí, 2005. P. 182 – 183. (Coleção educação física).

SANTOS, A. R. R. Espírito esportivo. – fair-play e a pratica de esportes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – 2005, 4(4): 13-28.

\_\_\_\_\_. **Espírito Esportivo e moralidade:** um estudo com adolescentes da população brasileira. 1998. 310 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, Portugal - 1998.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria de Educação.** Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Educação Física (Ensino Fundamental e Médio) – Estudo e Ensino / Coord. Maria Inês Fini – São Paulo: SEE, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 42. ed. Campinas: Autores Associados, 2012. 94 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-Crítica.** 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2008a. 161 p. (Coleção educação contemporânea).

\_\_\_\_\_. Teorias pedagógicas contra-hegemônicas no Brasil. **Ideação: Revista do Centro de Educação e Letras,** Foz do Iguaçu, v. 10, n. 2, p.11-28, jul. 2008b. Semestral.

\_\_\_\_\_. Marxismo, educação e pedagogia. In: SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas: Autores Associados, 2012. Cap. 3. p. 59-81. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D.; DUARTE, N. **Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar.** Campinas: Autores Associados, 2012. 184 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D.; MARTINS, M. F.; CARDOSO, M. M. R. Catarse na pedagogia histórico-crítica: a concepção de Saviani. **Crítica Educativa,** Sorocaba, v. 1, n. 1, p.163-217, jun. 2015. Semestral.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, W. W. **Educação física e esportes: Perspectivas**

para o século XXI. 17. ed. Campinas: Papirus, 2013. Cap. 2. p. 211-226. (Coleção Corpo & Motricidade). Sexta Parte: Perspectivas na educação física escolar.

SZKLARZ, E. Mentira: Por que nunca contamos tanta. **Superinteressante**, São Paulo, v. 9, n. 350, p.26-35, ago. 2015. Mensal.

TORRI, D.; VAZ, A. F. Do centro a periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p.185-200, set. 2006.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010. p. 163.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte**, 1978. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/0014/001425/142594por.pdf>>.

USOVA, A. P. **El papel Del juego em La educación de los niños**. Ciudad de La Habana, Cuba, Editorial Pueblo y Educación, 1979.

VAGO, T. M. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. Um diálogo com Valter Bracht. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p.4-17, fev. 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas**. Tomo II. Madrid, Visor, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas I**. Traduzido por: José María Bravo. 2a ed. Madri: Visor, 1997. 496 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas II**. Traduzido por: José María Bravo. Madri: Visor, 1982. 484 p.

\_\_\_\_\_. **Obras Escogidas III**. Traduzido por: Lydia Kuper. Madri: Visor, 1995. 383 p.

**Where Sports meets Humanity! Amazing Video!** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kJBLEPMcX2s>. Acesso em: 14 de setembro de 2015.

ZYLBERBERG, T. P. A Internet como possibilidade do mundo da (in)formação sobre cultura corporal. In: BETTI, M. **Educação Física E Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003. Cap. 2. p. 45-70. (Paidéia 8).

## APÊNDICE

### Lista de filmes.

BESOURO. Direção de João Daniel Tikhomiroff. Intérpretes: Miguel Lunardi, Chris Vianna, Adriana Alves. S.i.: 2009. Son., color.

BREAKING Away. Direção de Peter Yates. S.i.: 20th Century Fox, 1979. Son., color.

CHAMPS. Direção de Bert Marcus. S.i.: Bert Marcus Productions, 2014. Son., color.

CHASING Mavericks. Direção de Michael Apted / Curtis Hanson. S.i.: Deuce Three, Fox 2000, Gran Via, Walden Media, 2012. (115 min.), son., color.

CINDERELLA Man. Direção de Ron Howard. Intérpretes: Russell Crowe, Renée Zellweger, Paul Giamatti. Usa: Brian Grazer, Imagine Entertainment, Miramax Films, Parkway Productions, Universal Pictures, 2005. (144 min.), son., color. Legendado.

DRAFT Day. Direção de Ivan Reitman. S.i.: Montecito Picture Company, Oddlot Entertainment, 2014. (110 min.), son., color.

FAIR Play. Direção de Andrea Sedlackova. S.i.: Czech Republic, Germany, Slovakia, 2014. (100 min.), son., color. Legendado.

FOXCATCHER. Direção de Bennett Miller. S.i.: Annapurna Pictures, 2014. (134 min.), son., color. Legendado.

HOOVEY. Direção de Sean Mcnamara. S.i.: S.i., 2014. (93 min.), son., color.

INTO the wild. Direção de Sean Penn. Usa: Paramount Vantage, River Road Entertainment, 2007. (147 min.), son., P&B.

INVICTUS. Direção de Clint Eastwood. Produção de Clint Eastwood, Lory McCreary, Mace Neufeld. Intérpretes: Morgan Freeman, Matt Damon. Música: Kyle Eastwood. Malpaso: Revelations Entertainment, 2009. (134 min.), son., color. Legendado.

LIKE Water. Direção de Pablo Croce. S.i.: Flow With The Go Films, 2011. (74 min.), son., color. Legendado.

MONEYBALL. Direção de Bennett Miller. S.i.: Columbia Pictures, 2011. (126 min.), son., color.

RIDE. Direção de Helen Hunt. S.i.: Sandbar Pictures, Screen Media Films, 2014. (93 min.), son., color. Legendado.

THE Armstrong Lie. Direção de Alex Gibney. Realização de Matt Tolmach Productions, Sony Pictures Classics. S.i.: Jigsaw Productions, 2013. (122 min.), son., color. Legendado.

THE Blind Side. Direção de John Lee Hancock. S.i.: Alcon Entertainment, 2009. (126 min.), son., color. Legendado.

TROUBLE With the Curve. Direção de Robert Lorenz. S.i.: Malpaso Productions, 2012. (110 min.), son., color.

UNBROKEN. Direção de Angelina Jolie. S.i.: Walden Media, 2014. (137 min.), son., color.

WHEN the Game Stands Tall. Direção de Thomas Carter. S.i.: Affirm Films, Mandalay, 2014. (115 min.), son., color.

WHERE Hope Grows. Direção de Chris Dowling. S.i.: Attic Light Films, Godspeed Pictures, Stealth Tiger Entertainment, 2014. (95 min.), son., color. Legendado.